



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

NOME

DESIGN E PARTILHA DE MEMÓRIA



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

NOME

DESIGN E PARTILHA DE MEMÓRIA

Projeto apresentado ao IADE – Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design de Produção realizada sob a orientação científica do Doutor António José de Macedo Coutinho da Cruz Rodrigues, Professor Auxiliar do IADE - Universidade Europeia, e do Mestre João Manuel Carneiro Antunes Rodrigues da Cunha, Assistente do IADE – Universidade Europeia



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

Dedico à minha família por todo o seu apoio e compreensão.



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

o júri

presidente

Doutor David Manuel Maio Bota

Professor Auxiliar do *IADE* - Universidade Europeia

vogais

Doutor Nuno Sá Leal

Professor Assistente Convidado - Área Humanidades, Departamento de Design,
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Tecnologia e Gestão

orientador

**Professor Doutor António José de Macedo Coutinho da
Cruz Rodrigues**

professor auxiliar do *IADE* – Universidade Europeia



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

agradecimentos

Dedico todo o trabalho desenvolvido ao longo desta pesquisa aos meus amigos, por toda a motivação, crítica e disponibilidade prestada ao longo deste caminho.

Aos meus mestres por terem criado em mim a necessidade da pesquisa em todos os campos de estudo.

Ao meu amigo JC, pois sem o seu apoio, disponibilidade e crítica, não conseguiria chegar a esta etapa.

À minha família, por me incentivarem sempre a procurar aprender apesar de todos os obstáculos inerentes a essa aprendizagem.

A todos eles, obrigado....



**Universidade
Europeia**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

2017

palavras-chave

Partilha, Memória, Referências, Espaço, Cultura

resumo

Numa sociedade moderna, onde a frivolidade é uma constante em todos os aspetos da vida do quotidiano, ora pela partilha imediata de informação, ora pela fragmentação do tempo “à la carte”, a civilização tende a ir por um caminho egocêntrico, onde a memória e a sua partilha é algo efêmero.

Lugares que permitam ao indivíduo essa fragmentação espacial e moldagem de tudo o que se encontra a sua volta (“não lugares”), desempenham cada vez mais um papel fundamental na vida de cada indivíduo, num processo em que o “tempo aniquilou o espaço”.

Neste contexto, urge criar as condições para que esses lugares permitam a construção de um sentimento de ligação, no qual partilhamos as nossas memórias e as nossas impressões, as quais se tornam parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda.



2017

keywords

Share, Memories, Reference, Space, Culture

abstract

In a modern Society, where frivolity is present in all the aspects of daily life - either by immediate sharing of information, either by time fragmentation - the civilization tends to follow an egocentric path, where memories and its sharing is something ephemeral / fleeting.

Places which allow the individual this spacial fragmentation and the shaping of his surrounding, play a fundamental role in each individual's life, in a process in which 'time destroys /wipes out space'

In this context, it is imperative to create conditions that enable these Spaces to allow the development of a connection feeling, in which we share our memories and impressions. By its turn, they become part of the social landscape, a Flow of social consciousness that we shape and we are shaped by simultaneously

Introdução	19
Objetivos e Conteúdos	19
Metodologia Projetual	20
Fase 1	22
Conhecimento Cultural	24
A sociedade Invisível	25
Os novos espaços políticos	25
Insegurança Social	32
Depois das utopias	34
Síntese	36
O que nos torna humanos?	38
A imitação faz de nós humanos?	38
Curiosidade e indagação	40
A posição «mente social profunda» na evolução da natureza humana	43
Síntese	48
Da leveza para a civilização do Ligeiro	51
Aligeirar a vida	51
O novo corpo	57
O micro, o nano e o imaterial	60
Moda e feminilidade	63
Síntese	65
Síntese do Conhecimento Cultural	68
Conhecimento Científico	72
Ilusão da memória	73
Memórias sujas	74
Dança com as abelhas	76
Media sociais	78
Síntese	81
Conhecimento Experimental	87
A arte e Instinto	88
Os usos da ficção	88

Arte e auto domesticação Humana	92
Intenção, falsificação, dada: três problemas estéticos	94
Síntese	97
Síntese Conhecimento experimental	99
Conhecimento Logístico	99
Como tornar-se Doente Mental	103
Como tornar-se doente mental	103
Como tornar-se fóbico	103
Como tornar-se histriónico	105
Como não ser doente mental	107
Síntese	109
A força do hábito	111
Hábitos individuais – O ciclo do hábito	111
Hábitos individuais – O cérebro que anseia	113
Os hábitos das organizações de sucesso –	
Hábitos chave ou a balada de Paul O’Neil	115
Síntese	117
As ideias que mudaram o mundo	119
O recife, a cidade e a rede	119
Adjacente possível	122
Redes fluídas	124
Serendipity	125
Exaptação	129
Síntese	131
Síntese do conhecimento Logístico	132
Fase 2	138
Mapa de triangulações	140
Triangulação A	144
Citações da Triangulação A	144
Conceito	145
Proposição	145
Triangulação B	147
Citações da Triangulação B	147

Conceito	148
Proposição	152
Fase 3	
Validação do Conceito	156
Seleção	157
Materialização	158
Arquétipos	158
Modelo Mental	159
Narração	159
Desenvolvimento do Projeto	162
Seleção	163
Análise	163
Processo de fabrico	171
Esboços	174
Desenho Técnico	188
Visualizações Tridimensionais	196
Conclusão	206
Conclusão	210
Bibliografia	210
Bibliografia	212
Webgrafia	212
Iconografia	213

Introdução

O presente projeto de investigação será elaborado para a prestação de provas de Mestrado em Design de Produção.

Objetivos e Conteúdos

O presente estudo tem como foco de análise de espaços com significado (“lugares”). Fruto de um movimento constante, os “espaços sem significado” desempenham um papel cada vez mais fundamental na nossa vida, num processo em que se pode afirmar que “o tempo aniquilou o espaço”. Nestes espaços sem referências, torna-se cada vez mais difícil potenciar a ficção (a qual nos fornece modelos e mapas mentais para a vida emocional), e a arte, (adaptação que ajuda os indivíduos a conhecer as suas próprias emoções e características humanas), e com isso, viver com o controlo das suas emoções e não controlado por elas.

O presente projeto propõem-se refletir sobre a forma como estes espaços podem permitir a construção de um sentimento de ligação, no qual partilhamos as nossas memórias

Através da leitura de diversas obras que abordam temáticas relacionadas com a cultura contemporânea, a relação entre a arte, o instinto humano e a sua memória, o papel do Homem na Sociedade Moderna e como isso, por um lado, ameaça quem somos, mas por outro, cria um enorme desafio de adaptação e de exploração de novas realidades.

Não é do interesse do autor solucionar os temas acima descritos, mas sim, revelá-los e partilhar a sua existência, com o objetivo de que possibilitem a criação de conceitos que contribuam para a criação de novos caminhos e novas abordagens de projeto. Esta reflexão pretende olhar para a periferia do tema, focando-se na relação que o Homem assume com o espaço/objeto e com a emoção, e desenvolver estratégias de projeto que permitam potenciar esta união.

É também de interesse desta investigação o estudo da técnica, enquanto potencializadora de memórias que permita a sua relevação e troca. Pretende-se compreender como é que a relação entre o Homem e o objeto/espço permite que esse mesmo objeto/espço narre acontecimentos passados, e com isso auxiliar na apropriação de espaços cujo significado se perdeu, ou que corre o risco de se perder.

O interesse principal desta dissertação é a elaboração, a partir dos tópicos acima descritos, de conceitos que possibilitam o desenvolvimento de projetos relacionados com o design, mais concretamente o design industrial ou de ambientes, com o intuito de contribuir para uma civilização de partilha”. Não é objetivo do autor desenvolver um projeto específico e pormenorizado para industrialização imediata, mas o lançamento de diretrizes conceptuais que respondam a este objetivo.

Metodologia Projetual

Este relatório encontra-se dividido em três fases, de acordo com uma metodologia específica, assente na definição de conceitos de projetos através da triangulação de conhecimentos obtidos na fase da Revisão Bibliográfica.

Desta forma, a primeira fase corresponderá à recolha de informação entendida como relevante, pertencente à periferia do tema, com o objetivo de proporcionar uma reflexão mais abrangente e abrir os “horizontes do projeto”. Esta recolha bibliográfica inclui diversos livros e artigos selecionados em função dos interesses e proximidade com o estímulo inicial para a investigação em curso. Deste conhecimento, serão selecionados e transcritos excertos de texto considerado pertinente, os quais serão acompanhados por uma introdução inicial a cada obra, com o objetivo de a contextualizar. Todo o conteúdo utilizado nesta investigação recorre ao contributo e referência de outros autores com valor reconhecido nas suas áreas.

De acordo com a metodologia empregue, as obras serão agrupadas em quatro áreas de conhecimentos distintas - Cultural; Científico; Experimental e Logístico – definidas da seguinte forma:

Conhecimento Cultural – diz respeito ao todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes, e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade;

Científico – fundado na ciência ou no estudo, tido aqui como o conjunto de conhecimentos baseados sobre princípios certos;

Experimental – fundado na experiência, entendida como o conhecimento adquirido por prática, observação, ensaio ou tentativa;

Logístico – referente à organização e gestão de meios e materiais para uma atividade, ação ou evento.

Na segunda fase, proceder-se-á à formulação de conceitos de projeto, desenvolvidos através do método das triangulações de ideias e reflexões, recolhidas na fase anterior. Estas nascem da relação de pelo menos três ideias de autores anteriormente analisados, as quais deverão, por questão metodológica, pertencer a áreas de conhecimento diversas. A cada triangulação criada corresponderá a elaboração de uma hipótese de projeto.

Na terceira e última fase, pretende-se materializar o conceito selecionado, através do desenvolvimento projetual

O uso desta metodologia será determinante para o desenvolvimento desta investigação, Uma vez que visa abranger uma maior quantidade de conhecimentos, e com isso, enriquecer a reflexão de projeto, permitindo uma maior amplitude.

F a s e

1

Na primeira fase deste trabalho corresponderá à investigação teórica que irá juntamente com as restantes fases, dar sustento ao projeto final.

Prentende conciliar diversas áreas de conhecimento, que por vezes tendem a ser insuspeitas, de forma a possibilitar uma orientação mais abrangente e sustentada.

Esta primeira fase será apresentada e dividida em quatro subcapítulos: Conhecimento Cultural, Conhecimento Científico, Conhecimento Experimental e Conhecimento Logístico.

Em todos eles, serão apresentados capítulos selecionados de livros, e por conseguinte excertos desses mesmos capítulos, de forma a apresentar as ideias de seus autores.

No final de cada subcapítulo irá ser redigido um resumo, ou seja, uma síntese de citações que irá conter as ideias mais pertinentes, segundo o autor do presente trabalho.

A metodologia utilizada visa a exposição faseada de conhecimentos, de forma a expor ideias, métodos e conceitos de forma clara e diversa, para um melhor registo.

C o n h e c i m e n t o C u l t u r a l

1

Este subcapítulo trata o conhecimento cultural, entendido como o conhecimento relacionado com o senso comum; aborda a cultura do Homem através das suas crenças, da arte, das suas aptidões, leis e costumes, moral; dos seus comportamentos e hábitos, que emergem enquanto agente social.

-
Ao longo deste separador, irão ser apresentadas notas introdutórias do editor, por cada livro abordado, como também resumos de capítulos selecionados e respetivas sínteses.

-
Para análise à posteriori, no presente projeto, este subcapítulo irá terminar com uma síntese, que abrange citações - ideias, princípios e conceitos.

1.1. A Sociedade Invisível

Daniel Innerarity

“Este livro oferece-nos várias chaves de orientação filosófica para entender um mundo que se nos tornou especialmente complexo, que já não está territorialmente delimitado, nem polarizado ideologicamente, nem manejado por uma burocracia exata. Observar bem a realidade é uma tarefa interpretativa que exige desenvolver uns hábitos semelhantes aos da espionagem, sobretudo quando o mais imediato é o mais enganoso e a crescente complexidade não se combate acumulando dados ou informações, mas mediante uma boa interpretação. O facto de a sociedade se nos ter tornado algo invisível significa que assistimos a um processo de virtualização geral, o que se manifesta em domínios tão diversos como a globalização, a nova economia, a transformação dos espaços sociais, as novas guerras, a encenação política, a construção social do medo, a crescente importância de antecipar o futuro ou a renovação das utopias”. (A Sociedade Invisível, 2004)

1.1.1. Os novos espaços políticos

Neste capítulo, o autor aborda a relação que o Homem tem com o espaço, e como o significado de espaço tem vindo a alterar-se através da sua virtualização.

Com este objetivo, Innerarity afirma:

“As categorias que nós utilizamos para explicar a certeza e o desconcerto são, na sua grande maioria, de carácter espacial. Carecer de um mapa, estar desorientado, sem referências no espaço, é a maneira mais habitual de descrever a incerteza.” (Innerarity, 2004, p. 101)

A ausência de referências espaciais tende a criar insegurança no ser humano. No entanto com a criação do termo «globalização», a presença de demasiadas referências espaciais, possibilita que o conhecimento que se tem sobre um determinado espaço possa não ser exato, devido a essa proliferação de referências. O espaço deixa de ser “. [...] uma dimensão silenciosa, um mero recipiente das nossas ações.” (Innerarity, 2004, p. 102) e se

converte num “. [...] processo de virtualização que o converte, ao mesmo tempo e conforme for visto, numa coisa pouco menos que irreal e carregada de uma grande significação.” (Innerarity, 2004, p. 102).

Para Innerarity (2004), o espaço tem um importante impacto no ser humano, uma vez que a carência de referências tende a levar à sua desorientação. O termo «globalização» desvirtua, em certa medida, o significado original da relação entre o sujeito e o próprio espaço. Para se compreender a relação entre o espaço e o sujeito, o autor define quais as características que compõem o espaço, e sustenta a sua ideia mencionando:

“Na ideia tradicional de espaço existem movimentos no espaço, mas não espaços em movimento. Quando os espaços são concebidos como lugares e territórios, a atenção centra-se no espaço já constituído – as sedes, os territórios delimitados – e perde-se de vista o processo social da sua constituição, como se o espaço fosse um conceito mais geográfico que social. Para entender as novas realidades, é necessário integrar o espaço no curso das ações sociais e entendê-lo de um modo dinâmico. É a passagem do espaço como dado natural para o espaço como resultado de processos sociais (Wentz, 1991). Um modelo relacional das estruturas espaciais convida-nos a entender o espaço como produção própria. Os homens não só fazem a sua história como também a sua própria geografia (Giddens, 1990, 88; Werlen, 1995); dão um sentido ao espaço. O espaço não é o recetáculo das nossas ações, mas o que surge entre nós mediante a nossa ação, de modo que cada sociedade produz o seu próprio tipo de espaço. Mais que atuar num espaço quando atuam, em virtude do seu próprio movimento. O espaço não é o pano de fundo das nossas ações. A constituição dos espaços é entendida com base nas relações institucionalizadas que se configuram mediante as ações; os espaços não precedem as ações, mas o contrário. [...]. George Simmel ilustrou-o num exemplo eloquente, central para a compreensão da sociedade: O «limite não é um facto espacial com efeitos sociológicos, mas um facto sociológico que se forma espacialmente» (1908, 467)”. (Innerarity, 2004, p. 103)

Innerarity explica que o espaço se baseia em vínculos estabelecidos pelos seus agentes e na relação que eles possuem, onde é permitido pensar um novo espaço como “. [...]um recetáculo neutro e discreto dos movimentos.” (Innerarity, 2004, p. 104). Onde se considera “. [...]os atores antes dos sujeitos, a composição das relações sobre a distribuição dos lugares; passar das estruturas para os processos, dos sujeitos para as ações, do indivíduo para o

sistema, da linearidade para a recursividade, da segurança para a contingência. (Innerarity, 2004, p. 104).

Tendo em conta a ideologia acima referida, o autor aborda outro aspeto que se relaciona com o espaço: a territorialidade:

A história do território é bastante caprichosa. O território não é um dado objetivo, mas um artifício. O seu uso como instrumento de ação política tem uma história: é o resultado de um conjunto de invenções. Por isso tem diversa significação nas diversas culturas. O território não é uma finalidade em si, antes está ao serviço de determinadas finalidades. Uma vez, aparece como sólido e resistente; outras, porém, revela-se frágil e incerto. Se bem que ele seja invocado como fundamento incontrovertível dos estados, ninguém ignora a sua inadaptação às novas situações da economia, transbordado pelos fluxos transnacionais, marginalizado pela complicação das técnicas de comunicação, impotente para pôr ordem na contemporânea proliferação das reivindicações de identidade. (Innerarity, 2004, p. 105)

O território é um instrumento de segurança mercê da delimitação da fronteira, essencialmente distinta do *limes* dos impérios, que era dinâmico e móvel. A ameaça é considerada algo que por princípio se situa no exterior. A fronteira protege do inimigo na mesma medida em que o cria; define a segurança ao mesmo tempo que gera uma paradoxal insegurança. O princípio de territorialidade pressupõe que o território seja reconhecido como constitutivo da ordem, como princípio estruturante das comunidades políticas, sem provir de nenhuma solidariedade anterior, diferente ou que o transcenda. Qualquer outra distribuição tornaria ambígua a ordem territorial, pois a despojaria da sua função discriminatória na definição das competências jurisdicionais. Por implicar monopólio e exclusividade, o princípio territorial presta-se mal ao compromisso, não permite a pertença simultânea a espaços diferentes. (Innerarity, 2004, p. 106)

Sendo que, como refere Innerarity, a territorialidade tem como base a definição de barreiras entre espaços, poder-se-ia pressupor a existência de resistência à criação de diversos espaços num mesmo território. No entanto, o autor exemplifica, através de um caso prático, uma aplicação de territorialidade que permite a presença simultânea de diversos espaços:

“A União Europeia não aboliu pura e simplesmente os territórios nacionais para os substituir por um território confederal único. O que ela fez foi multiplicar os níveis de territorialidade, variáveis segundo o que está em jogo e segundo os contextos. Os interesses dos estados não desapareceram nesta geometria variável, mas geraram-se espaços móveis que não coincidem com as antigas fronteiras. O processo da unidade europeia é um verdadeiro laboratório para a reivindicação do espaço que tornará possível a pertença a múltiplas comunidades e a elaboração de políticas com extensão variável conforme os interesses em jogo. Esta transgressão das lógicas territoriais não obedece a uma mera justaposição dos estados soberanos nem conduz à configuração de uma entidade mais ampla que vá adotar os esquemas tradicionais da soberania estatal. O que está a aparecer é um conjunto de unidades interdependentes que se aglomeram em graus diversos e que são mais ou menos privadas de autoridade sem que isto se inverta simetricamente numa autoridade central; é a «imbricação regional assimétrica», como disse Ernest Haas”. (Innerarity, 2004, p. 109)

“A ideia de um pluralismo espacial ou de espaços pluridimensionais não faz mais que admitir que vivemos governados por lógicas diversas, que o espaço mundializado se compõe de imbricações e sobreposições e que hoje é já possível a constituição de espaços diferente num mesmo lugar. Em última instância, verifica-se, simplesmente, que a organização política da sociedade deve recolher essa experiência de um espaço plural e dinâmico que foi precedida pelas discussões científicas sobre o espaço desencadeadas pela matemática não euclidiana, pelo hábito de maciça contemplação das imagens dos espaços não unitários da arte abstrata, pelos processos de globalização, pelas modernas técnicas informáticas ou pela utilização generalizada dos meios de transporte”. (Innerarity, 2004, p. 110)

Para o autor, devido à globalização, mas igualmente devido ao tempo, o espaço é algo que acolhe e permite o pluralismo:

“Há quem deduz disso que o tempo aniquilou o espaço (Harvey, 1990, 229), que vivemos numa sociedade atópica (Willke, 2001) na qual se produziu uma «bagatelização do lugar (Luhmann, 1997,152), a morte da distância. Os espaços mais decisivos são «não-lugares» (Augé, 1992), espaços de trânsito numa sociedade da qual, sem exagero, se pode falar de no sense of place (Meyrowitz, 1985).” (Innerarity, 2004, p. 111)

“Com a fluidificação do espaço, ficou suprimida a diferença entre o próximo e o longínquo, bem como a diferença entre civilização e mundo selvagem. O espaço já não é um obstáculo para a ação;

as distâncias não contam e perdem significado estratégico. Uma vez que todos os lugares do espaço podem ser alcançados com facilidade, já nenhum deles é privilegiado.” (Innerarity, 2004, p. 112)

“Todo o espaço se tornou simbólico, o que possibilita configurações mais flexíveis que na época em que os espaços estavam sujeitos à pretensão de monopólio exclusivo. Um espaço relacional e múltiplo possibilita compromissos mais abertos que quando o território era uma dimensão fixa, objetiva e rígida na vida dos homens e das sociedades. As políticas do território têm agora a comunidade de tirar proveito de processos que libertam os espaços políticos das antigas configurações homogêneas e tornam possível um novo pluralismo territorial.” (Innerarity, 2004, p. 115)

“As partes habitadas da Terra são vistas como zonas iluminadas, e uma das primeiras coisas que atraem a nossa atenção é haver poucos centros de luz que estejam rodeados por grandes espaços escuros, como, por exemplo, Moscovo ou Buenos Aire. Pelo contrário, no Japão, no Leste e no Oeste dos Estados Unidos e mais ou menos em toda a Europa, o que observamos é que, em vez de centros de luz, há faixas ou entrançados luminosos difusos que tornaram invisíveis ou antigos centros; é praticamente impossível descobrir Bonn, Sheffield ou Milano porque não sobressaem de fundos de escuridão não habitada. E um dos indicadores de desenvolvimento parece ser, precisamente, a formação de redes luminosas, ao passo que as zonas menos dinâmicas ainda conservam a tendência para se concentrar em núcleos isolados.” (Innerarity, 2004, p. 116)

Innerarity (2004) refere que passamos de uma ideia de território estático, para uma ideia de território dinâmico: O centro tende a perder a sua importância, e pelo contrário, as redes que conectam os centros têm vindo a ganhar cada vez mais relevância. Com esta mudança de paradigma, altera-se igualmente o carácter da civilização também se altera. Refletindo nas implicações desta mudança, o autor afirma:

“Esta observação autoriza-me a avançar uma hipótese acerca do carácter da nossa civilização: os novos espaços tendem para o desaparecimento dos centros e para a formação de redes; não se configuram segundo o modelo das antigas concentrações, antes oferecerão o aspeto de uma rede. Mas esta geometria não é um resultado casual: corresponde também a uma determinada maneira de entender como as sociedades se devem organizar ou como se organizam de facto, ainda que o não tenhamos pretendido e ainda, até, que desagrade aos partidários da tradicional centralização. [...]. As redes – de trânsito, de comunicação, de informação – são elementos essenciais de uma civilização que

se expande multiplicando as relações possíveis e as dependências recíprocas de sujeitos espacial e socialmente afastados.” (Innerarity, 2004, pp. 116 - 117)

Numa sociedade que se expande e se multiplica, o trânsito, a comunicação e a informação, são características fundamentais, mantendo a dinâmica do espaço. “A densificação das redes implica descentralização cultural e política, o desaparecimento do centro – ou, pelo menos, das funções que até há pouco lhe eram designadas. Ao compactar-se, as redes fazem diminuir a significação relativa ao centro.” (Innerarity, 2004, p. 118)

Mas, segundo Innerarity, esta densificação das redes origina um problema que “(...) resulta, pelo contrário, da crescente perda de representatividade dos centros numa civilização de tecidos técnicos, económicos e comunicativos que carecem de centro reconhecível.” (Innerarity, 2004, p. 120) Quanto maior a densificação das redes, maior a perda de representatividade do centro.

De forma a contrariar esta perda, o autor menciona algumas características que possibilitam a representação simbólica do tradicional, e onde é possível exprimir recordações longínquas do espaço:

Que é uma função? Pois é, precisamente, fazer visível aquilo que se tornou invisível. Por isso a atual arquitetura política tem um viés de inofensiva nostalgia. Por isso o turista metropolitano não procura apenas o passado: procura e encontra nos vestígios arquitetónicos das capitais históricas a representação simbólica de uma coisa comum cuja atual funcionalização dificilmente se pode exprimir nas entidades locais. Procura a recordação de qualquer coisa longínqua que perdeu no meio de tanta imediatez, uma coisa que - por favor - não seja interativa, simpática, como nós, mas, se possível, tradicional, sublime e distante. (Innerarity, 2004, p. 121)

Neste último ponto, o autor desenvolve a ideia de um «mundo sem fronteiras», de forma a compreender o que é uma sociedade globalizada, o Innerarity (2004) afirma que para isso é necessário compreender o que significa do termo «global»:

“Global é o que não deixa nada fora de si, o que contém tudo, o que vincula e integra de maneira que nada fica no seu exterior, solto, isolado, independente, perdido ou protegido, a salvo ou condenado. O «resto do mundo» é uma ficção ou maneira de falar quando não há nada que não faça de algum modo parte do nosso mundo comum e interdependente.” (Innerarity, 2004, p. 122)

“Vivemos num contexto global de responsabilidade que Mike Featherstone sintetizou assim: «A corrente de informação, saber, dinheiro, bens homens e imagens intensificou-se de tal modo que se desgastou o sentido da distância que isolava os homens uns dos outros e os libertava da necessidade de considerar próprios os assuntos de outros homens. Com isso se modificou radicalmente a imagem da humanidade.” (1993, 169) (Innerarity, 2004, p. 123)

Com a origem do termo «globalização», também se presenciou à morte do termo «arredor». Innerarity conclui então, que aquilo que não pertence ao centro é considerado um arredor, ou seja: “Um arredor é, precisamente, um sítio onde podemos depositar pacificamente os problemas não resolvidos, os desperdícios: uma lixeira.” (Innerarity, 2004, p. 125).

E acrescenta: “Na representação espacial da comunidade política, «exclusão» significa o contrário de fechar, expulsar de um espaço fechado, mandar para o exterior, para a periferia ou para as margens.” (Innerarity, 2004, p. 129)

Innerarity (2004) conclui, afirmando que num mundo criado, onde não existem fronteiras nem arredores, a gestão da segurança torna-se confusa e aleatória, pois a descentralização criou não só espaços dinâmicos, mas também tornou dinâmico tudo aquilo que compõe o espaço e de quem o habita. As ameaças à segurança proveem de origem indeterminada, o que cria um estado de insegurança latente. As crises existentes noutros pontos do mundo, são agora crises existentes a todo o mundo.

“Para estar à altura de um mundo ampliado (que poderia servir de referente substitutivo da ideia de progresso, substituindo desse modo o critério do tempo pelo do espaço), teríamos de procurar descobrir sempre que exclusões possam as nossas práticas sociais estar a originar.” (Innerarity, 2004, pp. 129 - 130)

1.1.2. Insegurança Social.

Neste capítulo, o autor procura refletir sobre a insegurança social, e particularmente, sobre aquilo que designa como a “Construção Cultural do Medo”. Para Innerarity, “as culturas distinguem-se por aquilo que temem, e mudam quando os seus medos mudam.” (Innerarity, 2004, p. 149)

Para o autor:

“O progresso científico é acompanhado por uma curiosa perda de memória. Com a velocidade das mudanças, o passado não leva muito tempo a transformar-se em coisa insólita. Em épocas que evoluíam com uma taxa de inovação menor, as recordações de outros tempos eram relativamente estáveis, visto que a constância das condições vitais era bastante grande durante muito tempo. Com as mudanças que resultaram do progresso da ciência, a vida modificou-se drasticamente e a memória debilitou-se; por isso nós tendemos a formular juízos de escassa memória sobre as utilidades e os inconvenientes do nosso presente.” (Innerarity, 2004, p. 152)

Este cenário leva Innerarity a considerar que: “os paradoxos do sentimento de insegurança não justificada parecem dar razão a uma lei que poderíamos formular do seguinte modo: quanto melhor lhes corre a vida, pior é a consideração dos homens por aquilo a que devem esse facto.” (Innerarity, 2004, p. 153) E reforçando a sua ideia, afirma:

“Marx e Engels sentenciaram o projeto moderno quando declararam que os homens são a sua produção. A modernidade era entendida como uma gradual transformação dos nossos pressupostos vitais em produtos do nosso trabalho; no final desse processo, quando as forças produtivas estiverem completamente desenvolvidas, o homem já não dependerá de nada que ele próprio não tenha produzido. Plenamente libertado pelo seu poder, o homem será um ser que deve a si próprio a sua existência. Nada ilustra melhor a seriedade desta conceção que o seu prognóstico sobre a religião: como forma de relação do homem com o indisponível, a religião desapareceria, finalmente, por carência de objeto.” (Innerarity, 2004, p. 156)

“Luhmann formulou a mesma realidade de outra maneira afirmando que, nos processos de individualização, «as evidências dissolvem-se e têm de ser substituídas por decisões» (1991, 75), de modo que os riscos são autoproduzidos, são ameaças que resultam da própria evolução da civilização. Como resultado de tudo isso, a nossa capacidade de aceitação diminui: as consequências negativas das

nossas ações tornam-se menos aceitáveis que as consequências negativas dos processos naturais.” (Innerarity, 2004, p. 159)

Innerarity (2004) afirma que o que era visto como acontecimento não controlável tem agora um carácter de consequência das ações da civilização. Devido à complexidade social, este fenómeno reflete-se numa perda de evidências subjetivas da sociedade e na crescente dependência das ações de outros, aumentando de igual forma a exigência de segurança.

Com base nesta observação, o autor defende que as sociedades só conseguem gerir até um determinado grau de complexidade, considerando que:

“[...] àquela negativa que não procede de um juízo ponderado, mas da ausência de juízo que resulta de se estar suplantado pela complexidade. É o «para começar, não» enquanto durar o desconcerto (que, muitas vezes, dura em demasia). Estas mentalidades têm origem no fato de que as sociedades modernas podem gerir um elevado grau de complexidade e dinamismo, mas até certos limites. Para lá de determinado limiar, a confiança dissolve-se e dá origem a fenómenos de insegurança e ingovernabilidade.” (Innerarity, 2004, pp. 160 - 161)

“A insegurança não é uma anomalia das sociedades complexas, como se fosse uma falta de regulação que se pudesse corrigir com dinheiro e boa vontade, mas uma consequência lógica de determinados processos sociais. [...]

A «desespacialização da vida» (Weber, 1996), uma vida social menos territorializada, debilita as formas de vigilância e solidariedade locais, agudizando desse modo a vulnerabilidade das pessoas. O aumento da exigência de segurança tem uma grande relação com o facto de se tornar necessário substituir ativamente formas sociais de regulação que se revelam muito debilitadas nas sociedades avançadas. (Innerarity, 2004, p. 163)

Com o objetivo de combater o crescente sentimento de insegurança, o autor considera que:

“A melhor segurança é a que se obtém no frágil quadro de uma sociedade democrática, com toda a sua abertura, contingência e indeterminação. E, do mesmo modo que o poder aprende a elaborar

estratégias indiretas, o desejo de segurança deve evoluir do enfrentamento e da proteção para a cooperação.” (Innerarity, 2004, p. 168)

“Quanto mais líquido é o mundo, como diria Bauman, quando o espaço e o tempo são cada vez menos referências de identidade ou referências indeterminadas, o indivíduo reclama algum tipo de resguardo que realize as antigas funções protetoras. É uma exigência que se apresenta num momento em que o espaço já não tem a antiga capacidade defensora, no qual não há lugares invulneráveis nem proteções absolutas.” (Innerarity, 2004, p. 170)

E de acordo com a reflexão anterior, Innerarity conclui:

“Medo, propriamente dito, seria aquela constante antropológica que designa a incerteza e a insegurança próprias da condição humana. O temor refere-se, pelo contrário, a causas objetivas exteriores. Deste modo, ao passo que um motivo de temor pode ser esconjurado ou, pelo menos, diminuído pelas correspondentes intervenções, a existência humana é sempre acompanhada por um medo que, no máximo, pode ser aliviado ou mitigado ou até – embora só pontualmente – convertido em virtude (o heroísmo).” (Innerarity, 2004, p. 177)

1.1.3. Depois das utopias.

Neste capítulo, o autor reflete sobre a possibilidade de um futuro alternativo, introduzindo o seu conceito de utopia, e observando de que forma a realidade social e política tende a contradizer o significado da palavra.

Para Innerarity (2004), o conceito de utopia, põe à prova a noção que temos da realidade e, mais concretamente, da realidade social e política:

“Apesar do seu merecido descrédito e da suspeita que a palavra desperta depois da sua perversão ideológica, um exame da utopia dá-nos a possibilidade de voltar a examinar a ideia que fazemos dos nossos limites, de analisar as possibilidades alternativas, de ponderar o alcance do racional e de

recuperar uma noção do futuro em que deveremos projetar as nossas aspirações de maneira que não falsifiquem a estrutura aberta do porvir humano.” (Innerarity, 2004, p. 205)

“Falando com propriedade, as utopias são estados inalcançáveis no espaço e no tempo cuja possibilidade pode e deve, apesar disso, ser pensada. E se devemos pensá-las é porque elas agudizam o sentido do possível no meio do real. As utopias respondem a uma aspiração natural em seres que podem pensar para lá da sua situação.” (Innerarity, 2004, p. 209)

“O que todas as utopias põem em discussão é o próprio conceito da realidade, as possibilidades que ele encerra e as alternativas que ele torna possíveis. Por isso pode dizer que a melhor utopia começa por uma boa descrição da realidade.” (Innerarity, 2004, p. 210)

Neste contexto, o autor refere que o pensamento utópico se alterou, considerado que:

“Podemos dizer que a transformação mais radical do pensamento utópico consiste, talvez, em ter-se passado da necessidade da utopia da contingência, da utopia que se afirmava como necessidade para a utopia que consiste em cultivar um sentido para a contingência das nossas linguagens, práticas e culturas. (Innerarity, 2004, p. 212)

No entanto, Innerarity reitera que na sua opinião, “a utopia deve ser uma coisa que se possa não só desejar, mas querer.” (Innerarity, 2004, p. 214) E acrescenta:

“Tem pleno sentido a ilusão de alcançar situações ótimas, desde que sejam humanas. Esta ilusão pessoal e coletiva tem a sua melhor expressão naquilo a que Kant chamou «ideias regulativas» para referir a diferença insuperável que vai de um fim inalcançável à gradual aproximação a esse fim. A utopia só é transcendente e subversiva quando dialeticamente formulada. A negação do existente não é então crítica condenatória, mas ao mesmo tempo salvação do criticado, na medida em que a possibilidade utópica de algo distinto e em contraposição ao existente aparece também, na sua negatividade, como uma possibilidade da realidade.” (Innerarity, 2004, p. 216)

“Se é possível pensar num mundo em que tenham desaparecido as formas de poder despóticos, sem que todas as sociedades devam ser necessariamente liberais no sentido ocidental, então é possível pensar num mundo no qual a luta pelo direito e pela justiça decorra unicamente por meios pacíficos e

no qual se tenham estabelecidos relações internacionais reguladas pelo direito”. (Innerarity, 2004, p. 219)

Concluindo, Innerarity afirma que:

Uma boa sociedade tem de ser imprevisível, com futuro aberto, possibilidades de dissensão e de antagonismo, respeitadora dos seus próprios limites. [...]. Uma utopia razoável reivindicaria o limitado e não o definitivo, o aberto e não o perfeito, a incerteza e não a repetição, o incalculável e não o previsto. (Innerarity, 2004, p. 221)

1.1.4. Síntese

“As categorias que nós utilizamos para explicar a certeza e o desconcerto são, na sua grande maioria, de carácter espacial. Carecer de um mapa, estar desorientado, sem referências no espaço, é a maneira mais habitual de descrever a incerteza.” (Innerarity, 2004, p. 101)

O princípio de territorialidade pressupõe que o território seja reconhecido como constitutivo da ordem, como princípio estruturante das comunidades políticas, sem provir de nenhuma solidariedade anterior, diferente ou que o transcenda. Qualquer outra distribuição tornaria ambígua a ordem territorial, pois a despojaria da sua função discriminatória na definição das competências jurisdicionais. Por implicar monopólio e exclusividade, o princípio territorial presta-se mal ao compromisso, não permite a pertença simultânea a espaços diferentes. (Innerarity, 2004, p. 106)

Há quem deduz disso que o tempo aniquilou o espaço (Harvey, 1990, 229), que vivemos numa sociedade atópica (Willke, 2001) na qual se produziu uma «bagatelização do lugar (Luhmann, 1997,152), a morte da distância. Os espaços mais decisivos são «não-lugares» (Augé, 1992), espaços de

trânsito numa sociedade da qual, sem exagero, se pode falar de no sense of place (Meyrowitz, 1985). (Innerarity, 2004, p. 111)

Com a fluidificação do espaço, ficou suprimida a diferença entre o próximo e o longínquo, bem como a diferença entre civilização e mundo selvagem. O espaço já não é um obstáculo para a ação; as distâncias não contam e perdem significado estratégico. Uma vez que todos os lugares do espaço podem ser alcançados com facilidade, já nenhum deles é privilegiado. (Innerarity, 2004, p. 112)

Global é o que não deixa nada fora de si, o que contém tudo, o que vincula e integra de maneira que nada fica no seu exterior, solto, isolado, independente, perdido ou protegido, a salvo ou condenado. O «resto do mundo» é uma ficção ou maneira de falar quando não há nada que não faça de algum modo parte do nosso mundo comum e interdependente. (Innerarity, 2004, p. 122)

1.2. O que nos torna Humanos?

Org. Charles Pasternak

“Serão as nossas capacidades cognitivas, o nosso uso de ferramentas, a nossa capacidade de contar histórias, a nossa curiosidade ou o facto de cozinarmos? Além de 1% de ADN que nos diferencia dos chimpanzés, o que há mais que nos torne únicos?

Para tentar responder a este enigma, Charles Pasternak convidou alguns dos pensadores mais proeminentes da atualidade a apresentarem as suas ideias sobre o que distingue o homem do macaco. Susan Blackmore, Robin Dunbar, Ian Tattersall, Stephen Oppenheimer e outros grandes especialistas em diversas áreas conduzem-nos numa viagem fascinante pelo trilho do homo sapiens.

Da matemática à música, da fala à imitação, da hipotética existência de uma alma à capacidade de ler outras mentes, O que nos torna Humanos? Apresenta abordagens cruzadas e complementares, nas quais se discute se somos meio símios ou meio anjos e oferece uma exploração profunda da humanidade e da natureza humana. (O que nos torna Humanos, 2009)

1.2.1. A imitação faz de nós Humanos? – Susan Blackmore

Neste primeiro capítulo, Susan Blackmore reflete sobre a imitação, e como ela nos caracteriza. Para a autora, ser humano é imitar, e apresenta os memes, que caracterizam tudo o que é imitado. Refletindo sobre os memes, Blackmore afirma:

“Ao explicar o darwinismo universal Dawkins [dá-nos exemplos de novos replicadores]. Afirmou que sempre as pessoas copiam capacidades, hábitos ou comportamentos de uns e outros por imitação, um novo replicado está em ação. [...]. Esta foi então a origem do termo «meme». O seu significado literal é: «aquilo que é imitado». Assim, outros exemplos de memes são os gestos e os jogos, os mitos urbanos e as instituições financeiras, as teorias científicas e as tecnologias complexas. Muitos destes não são memes simples, mas sim «memes-complexos coadaptados» ou «memeplexos»; grupos de memes que funcionam melhor juntos do que individualmente, por isso tendem a manter-se juntos e são copiados e transmitidos juntos, como nas regras, equipamento e vestuário de um jogo, ou o

hardware, o *software* e o conhecimento de como os usamos para fazer um telemóvel. (Pasternak, 2009, p. 26)

Segundo a autora, os memes incluem também:

“[...] todas as palavras do nosso vocabulário, todas as histórias ou canções que conhecemos e todas as ideias que recebemos de outros são memes, e quando as combinamos para fazer histórias novas ou invenções para serem transmitidas, então criamos novos memes. [...]. A cultura é uma adaptação, criada pelos e para os genes. Mas, para a memética, a cultura não é, nem nunca foi, uma adaptação. A imitação foi uma adaptação, que permitiu que os indivíduos aprendessem uns com os outros, mas os memes que libertou sem querer não foram uma adaptação.” (Pasternak, 2009, p. 27)

E concluindo afirma que “os memes são as ferramentas com que pensamos, e as nossas mentes e culturas são uma multidão de memes.” (Pasternak, 2009, p. 29)

Defendendo que os memes são processos evolutivos e é neles que está sustentado tudo aquilo que se encontra ao nosso redor, afirma:

“Miller (2000) defende que a arte foi sexualmente selecionada: as canções, pinturas e outras criações artísticas são o equivalente da impressionante armação do veado ou da famosa cauda do pavão, que têm a função de atrair parceiros para acasalar. Cita provas de que os homens são mais artísticos e de que as mulheres preferem acasalar com um homem criativo.

Sugeri que a seleção sexual desempenha um papel importante na pressão memética, mas as teorias são muito diferentes. Segundo Miller, as criações artísticas são os aspetos do fenótipo do artista e não evoluem necessariamente por si próprias. Em contrapartida, de acordo com a memética, as criações artísticas são memes que competem entre si e evoluem. Dennett (1999) avança uma explicação memética ao imaginar como a música poderá ter nascido – uma história inventada sobre os primeiros sons infecciosos.” (Pasternak, 2009, p. 33)

Refletindo sobre o processo de criação, Blackmore introduz a «teoria de gotejar da criação», aplicando-a aos memes:

“Parece que as criações inteligentes necessitam de algo ainda mais inteligente para as criar. Dennett (1995) chama a isto «a teoria do gotejar da criação», a ideia de que é preciso uma grande coisa para fazer uma coisa mais pequena. [Assim] Parece óbvio que a criação requer um criador, e que o criador deve ser mais inteligente do que a criação. Sabemos agora que não é necessário haver um criador na conceção biológica: a evolução funciona de baixo para cima graças ao poder inconsciente da seleção natural. [...] De facto, [...] é provável que toda a criação funcione de baixo para cima – incluindo a criatividade humana. A memética mostra como.

Durante todo o dia, os memes competem para nos entrarem na cabeça. Os mais bem-sucedidos têm algum efeito sobre a nossa memória. Podem ser guardados intactos ou deturpados, mas o mais importante é que se misturam com todos os géneros de outros memes. A mente humana é uma autêntica fábrica de novos memes. Cada palavra do nosso vocabulário é um meme e, normalmente, misturamo-los para produzir frases totalmente novas; o mesmo sucede com todas as ideias mais complexas que temos. E se se tratar de uma pessoa criativa, as suas novas misturas serão mais interessantes do que as das outras pessoas, tendo assim mais hipóteses de voltarem a ser copiadas. De facto. Trata-se de um processo criativo.” (Pasternak, 2009, pp. 34-35)

E concluindo, a autor afirma: “Então, quem sou eu? Um dos mistérios mais obscuros da natureza humana é parecermos ser uma espécie de ser consciente interior que habita um corpo, em vez de sermos o corpo.” (Pasternak, 2009, p. 35)

1.2.2. Curiosidade e indagação

Neste capítulo, o autor reflete sobre a forma como a curiosidade e indagação do Ser Humano, permitiram-lhe obter vantagem sobre os restantes seres.

Este processo, afirma Pasternak, nasce com a alteração de postura física, que libertou o polegar, que, posteriormente, influenciou o espírito curioso e indagante do Homem. O autor destaca que “Aristóteles considerava que «todos os homens, por natureza, desejam conhecer». Na minha opinião, esta é uma das características que nos torna humanos. A

curiosidade em relação ao mundo em que vivemos conduz diretamente à exploração, à indagação.” (Pasternak, 2009, p. 107)

“O leitor poder-me-á acusar de ser antropomórfico e de confundir respostas passivas ao meio ambiente com decisões activas tomadas por animais indagadores. Há duas respostas para isso. Em primeiro lugar, graças a vários estudos fisiológicos e bioquímicos, sabemos que o mecanismo subjacente a uma resposta activa ou voluntária, como voltar-se para uma presa (ou um ladrão) e persegui-la, é muito similar à resposta passiva ou involuntária do batimento do coração ou dos movimentos intestinais. Ambos envolvem o mesmo género de transmissão neuronal e dependem dos mesmos tipos de proteínas. Em segundo, as proteínas que fazem a mediação de todas as respostas das plantas e dos micróbios que descrevi são similares em estrutura às proteínas que funcionam nos animais durante processos como a visão, que são fundamentais para a procura. Em rigor, não é toda a proteína que é igual, mas apenas parte dela: um grupo de cerca de 270 aminoácidos específicos, conhecido por domínio PAS, que se encontram em todos os organismos, desde as plantas até ao homem. (Pasternak, 2009, p. 109)

Este espírito indagante levou, segundo o autor, à transformação da forma como o Homem vê e sente o mundo:

“Podemos mencionar várias vantagens evolutivas potenciais para uma postura vertical. Em primeiro lugar, duplica a área do território vigiado e, por isso, possibilita o alerta mais rápido sobre a presença de um predador ou de uma presa nas proximidades. Em segundo, liberta as mãos para poderem agarrar os filhos ou alimentos e para sentirem objetos no escuro [...]. A libertação das mãos tem uma consequência igualmente importante. Levou ao aparecimento gradual – durante cerca de um milhão de anos – de um polegar mais delicado flexível. Este permite que uma pessoa agarre com precisão e firmeza, e foi isto que permitiu ao nosso primeiro antepassado Homo (*H. habilis*, ou «homem hábil») começar a fabricar utensílios, há cerca de 2 milhões de anos (Markze, 1997) [...]. Não foi por acaso que o filósofo do século XVIII Emmanuel Kant chamou à mão humana «o cérebro exterior do homem». O polegar flexível, que agilizou a mão, é, portanto, o segundo atributo humano fundamental para a curiosidade humana.

O terceiro atributo é a caixa vocal humana (ou a laringe). Ao contrário da postura vertical ou do polegar oponível, é difícil datar o aparecimento da laringe humana. Isto porque não há ossos – apenas músculo e cartilagem – a ela associados. As cordas vocais, por seu lado, são apenas dobras da

laringe. Como as cordas de um violino, vibram para produzir um largo espectro de sons nos humanos modernos, mas não mais do que grunhidos e gritos no chimpanzé [...].

O quarto atributo que nos permite exercer a nossa qualidade superior de indagação é, obviamente, o cérebro. Temos cerca de três vezes mais neurónios corticais (células nervosas no estrato exterior do cérebro, que, de facto, constitui grande parte do cérebro humano) do que um chimpanzé. É no córtex que têm lugar processos como o pensamento e a memória, o raciocínio e a dedução. (Pasternak, 2009, pp. 110 - 111)

Segundo o autor, é a combinação destes três atributos – mão, fala e cérebro – que permitiram que os humanos indagarem com mais avidez que as outras criaturas:

“A ligação entre os três atributos pode ser visível se as diferentes partes do corpo humano forem representadas em escala de acordo com o número de neurónios do cérebro que controla cada parte. É evidente que as mãos e a boca são controladas por mais células cerebrais do que as outras partes do corpo. Podemos citar aqui uma observação do biólogo Peter Medawar, a propósito do sistema imunitário: «Um indivíduo difere de todos os outros não por ter atributos únicos, mas por ter uma combinação única de atributos» (Medawar, 1981). No que diz respeito ao desenvolvimento humano, as ações do polegar, da fala e do cérebro são sinérgicas”. (Pasternak, 2009, p. 113)

E acrescenta em jeito de validação:

“Será que os humanos preferem realmente recolher nova informação – exploração – do que usarem o conhecimento já existente – utilização? Um grupo de cientistas de Londres e Pasadena começou a investigar esta questão (Daw et al., 2006). Mostraram que determinadas regiões do cérebro são preferencialmente ativadas durante as decisões para explorar (essencialmente para jogar), enquanto outras regiões são ativadas durante decisões mais seguras, mas potencialmente menos compensadoras, baseadas em conhecimento prévios. Uma característica interessante do trabalho destes investigadores é o facto de as regiões «exploratórias» parecerem maiores nos humanos do que nos outros primatas (Nathaniel Daw, comunicação pessoal)”. (Pasternak, 2009, p. 114)

Esta maior dimensão das zonas ligadas à “exploração” levam a que o Homem se distinga dos restantes primatas:

“De facto, a caixa vocal do chimpanzé bebé assemelha-se bastante à de um bebé humano (ambos podem engolir e respirar ao mesmo tempo). Depois, a laringe humana desenvolve-se de maneira diferente, que permite à criança emitir palavras distintivas por voltas dos dois anos de idade (mas já não conseguem engolir e respirar em simultâneo). Por isso, a diferença entre os chimpanzés e os humanos é, de facto, uma diferença de crescimento e de desenvolvimento relativos, e o mesmo acontece com os outros três atributos (ver Robin Dunbar, no capítulo 3 deste volume, acerca de certas capacidades cerebrais). (Pasternak, 2009, p. 117)

Concluindo, Pasternak afirma que há “[...]2000 anos, as pessoas indagavam, em média, de forma tão ávida como hoje em dia. Mas as mudanças culturais e não genéticas também afetam o nosso estilo de vida. (Pasternak, 2009, p. 119) No entanto, observa:

“A tendência atual para a «estupidificação» na educação e na arte, visível nos Estados Unidos, no Reino Unido e nos países da Europa Ocidental, significa que a curiosidade e a competição entre os jovens se está a deteriorar: a letargia está a substituir a indagação (Pasternak, 2003b). Deixem-me exemplificar o que quero dizer com alguns títulos de jornais ingleses escolhidos ao acaso: «Um diploma pode substituir os exames escolares» (2003), «Resultados das provas de Inglês mais baixos pelo terceiro ano consecutivo» (2004), «Insucesso escolar? Não, apenas um “sucesso adiado”» (2005), «Alunos “mimados” não se adaptam à universidade» (2006). A vantagem competitiva que o Ocidente tinha sobre o resto do mundo está gradualmente a esbater-se. O Oriente – a China e a Índia em especial – poderá recuperar a supremacia de que já gozou há mil anos. Obviamente, não há aqui nenhum mal, mas os analistas políticos deveriam levar isso em consideração. (Pasternak, 2009, p. 119)

1.2.3. A posição «mente social profunda» na evolução da natureza humana – Andrew Whiten

Iniciando a sua reflexão patente neste capítulo, o autor especifica a necessidade que os nossos antepassados tiveram em criar um novo nicho ecológico, devido às alterações climáticas. Isso levou o ser humano à exploração, e encaminhou-o ao desenvolvimento de

uma postura bípede, à necessidade de prever acontecimentos futuros, a divulgar a sua cultura e linguagem, e a cooperar.

Neste contexto, Whiten começa por explicar:

“Atualmente, sabemos bastante sobre as principais fases da evolução hominídea e do seu contexto ecológico (ver, por exemplo, Foley, 1995; Potts, 1996; e Berry, 2006). Quando juntamos toda a informação, vemos que era muito improvável que os nossos antepassados sobrevivessem à corrida de obstáculos evolucionários que foram obrigados a correr; e a solução que lhes permitiu sobreviverem. (...)

“As principais descobertas que consubstanciam esta afirmação audaciosa são as seguintes: em primeiro lugar, os registos fósseis mostram que o início da especiação que levou à criação dos chimpanzés e dos humanos ocorreu na altura de uma drástica mudança climática em África (Potts, 1996). As florestas que haviam sustentado várias espécies de símios reduziram-se na bacia do Congo e foram depois substituídas por um arco largo de campos menos arborizados. Estes campos constituíram uma grande biomassa de campos para os mamíferos que pastavam. Por outro lado, os primatas estavam fortemente adaptados aos habitats arborizados e os antepassados dos chimpanzés (e dos gorilas) ficaram limitados às áreas florestais cada vez menores. Em contraste com esta resposta conservadora, os nossos antepassados adaptaram-se ao ambiente novo e aberto. Enquanto símios, não estavam inicialmente adaptados para isso e, de certa forma, tiveram de criar um novo nicho ecológico em competição com muitas outras espécies adaptadas à savana. Em suma, tinham de se tornar símios muito peculiares - e conseguiram-no. Há 4 milhões de anos, de alguns destes foram os primeiros mamíferos bípedes. (...)

Sem as garras, os dentes e as outras adaptações destes animais, o pequeno símio ancestral era fisicamente um candidato pouco provável para a função de caçador da savana. Presa vulnerável para aqueles predadores, a criação de um nicho pelos nossos antepassados, que também implicava superá-los, competindo com sucesso contra eles no seu próprio jogo, era um cenário altamente improvável. Contudo, foi o que aconteceu.

Como se deu este milagre? Aquilo que cada nova espécie que evoluía e se adaptava tinha de fazer era encontrar um novo «nichos» ecológico -, uma brecha, se assim se pode dizer, no interior de uma plethora de estratégias existentes ou co-evolutivas de animais que habitavam as savanas. Sugeriu-se que, no caso dos primeiros hominídeos, as limitações físicas foram compensadas pela exploração de um «nichos cognitivo» (Tobey e DeVore, 1987). Essencialmente, houve uma seleção pela inteligência, com os hominídeos a levarem a melhor sobre as presas (e, talvez, sobre outros predadores) suficientemente bem para subsistirem contra competidores cujo sucesso na caça dependia de outros

tipos de adaptação. Segundo Tobby e DeVore (1987), os hominídeos tornaram-se cada vez melhores a montarem «ataques evolucionários de surpresa» sobre as presas. Normalmente, predadores e presas estão envolvidos numa longa «corrida evolutiva ao armamento», na qual a presa desenvolve melhores estratégias defensivas (por exemplo, velocidade de fuga), os predadores aperfeiçoam-se do mesmo modo (por exemplo, velocidade de perseguição), e assim por diante. Mas se novas táticas de caça são geradas pela inteligência em períodos de tempo relativamente breves, as contra-adaptações assentes na mudança genética da presa não poderão acompanhá-las tão bem. Assim, a invenção de armadilhas e armas representa aperfeiçoamentos particulares no «nicho cognitivo». (Pasternak, 2009, pp. 133-134)

Whiten (2009) destaca que foi através da capacidade de adaptação dos humanos ancestrais que foi possível a sobrevivência em meios que tendiam a ser desfavoráveis. Afirmar que o Homem compensou a sua falta de recursos para singrar no habitat onde estava inserido, e descobriu formas de compensar essas falhas, nomeadamente através de “atalhos nas contra adaptações”, ou seja, utilizou recursos que possibilitavam erguer-se aos restantes animais, sem que estes tivessem tempo suficiente para se adaptar a essas mudanças.

No entanto, o autor (Whiten, 2009) afirma que apenas a exploração do «nicho cognitivo e ecológico», não descreve a forma como a mente funcionava socialmente, mas para o entender é necessário explorar uma abordagem mais elementar à natureza humana - a distinção entre a nossa natureza humana em comparação com outras espécies:

“É claro que isto não implica por si mesmo uma descrição específica dos acontecimentos evolutivos que geraram o nosso estado corrente. No entanto, delinea características importantes da natureza social humana, cada uma das quais deve representar a extremidade de um substancial processo de construção evolutivo [...] a asserção é de que os humanos são mais sociais - profundamente sociais - do que qualquer outra espécie da Terra [...]. Neste sentido também haverá um nível de sociabilidade mais profundo entre indivíduos. Isto explica-se melhor a respeito de cada um dos quatro elementos principais que, juntos, constituem a mente social profunda. (Pasternak, 2009, p. 135)

Segundo Whiten (2009), o que distingue o Homem dos restantes animais é a sua capacidade social. Para tal, desenvolveu as seguintes capacidades:

“Leitura da mente:

Este termo não se refere à telepatia, mas ao facto de os humanos adultos serem mais mentalistas do que *behavioristas*, que preveem e explicam as ações dos outros relativamente a um sistema complexo de «psicologia quotidiana», construções fundamentais nas quais se encontram os estados mentais, como pensar, querer e acreditar (Wellman, 1990; Whiten e Perner, 1991). Muito do que sabemos sobre a leitura da mente (também designadas por «teoria da mente») foi descoberto em estudos sobre o desenvolvimento da habilidade em crianças, principalmente nos anos 90 do século XX (por exemplo, Carruthers e Smith, 1996; Whiten, 1998).

Cultura:

O que estes estudos nos mostram é que os conteúdos das mentes humanas maduras são maciçamente moldados por aquisições culturais – nem as variações regionais mais extensas em tradições visíveis entre animais podem ser comparadas à mesma escala (Whiten e Boesch, 2001). Assim, as mentes humanas são também profundamente sociais no sentido em que grande quantidade do conhecimento que acumulam (o «saber como» e o «saber que») é adquirida socialmente, a partir de outras mentes. Sperber (1996) descreveu a cultura humana com uma «epidemia de representações», destacando assim a forma como as representações mentais saltam e se multiplicam entre um cérebro e aqueles que as adquirem. Por conseguinte, deve haver uma relação importante entre o modo como a transmissão cultural e a leitura da mente ilustra a mente social profunda: a «epidemia» de Sperber refere-se ao modo como os conteúdos de uma mente são lidos noutra (ou, no caso do ensino e da doutrinação, deveríamos talvez dizer «escritos» noutra mente).

Linguagem e comunicação:

Alguma destas transmissões irão formar a base da transmissão cultural. Assim, embora a linguagem seja frequentemente apresentada como capacidade humana principal e distintiva, pode fazer sentido vê-la como um instrumento através do qual as suas funções profundamente sociais já descritas – leitura da mente e transmissão cultural – operam de forma particularmente eficaz. Seja

como for, a linguagem permite que as nossas mentes se inter-relacionem de maneiras íntima, que podem ser consideradas profundamente sociais no sentido que referi.

Cooperação:

[...] distingo dois aspetos diferentes (embora relacionadas) da cooperação, cada um com formas distintas nos humanos. O primeiro é essencialmente a coordenação de que os grupos humanos são capazes, de tal modo que o grupo como um todo age como um organismo bem coordenado. Aqui, as mentes dos indivíduos funcionam de forma profundamente social, na medida em que estão subjugadas ao grupo e organizadas para alcançarem os objetivos do grupo [...]. O segundo aspeto da cooperação humana está relacionado com a coordenação, mas deve ser distinguido desta; tem a ver com as capacidades que emergem em determinados contextos sociais para agir de maneira igualitária, como distribuir recursos e relações de poder de forma equitativa (Erdal e Whiten, 1994). Mais uma vez, isto reflete uma «submersão» das mentes sociais individuais relativamente a processos ao nível do grupo, realizada de uma maneira mental unicamente humana. (Pasternak, 2009, pp. 136-137)

Segundo o autor, a combinação dessas características representa aquilo que os biólogos descrevem como um “(...) complexo adaptativo, ou seja, a importância funcional de cada característica é amplificada pelas outras e, assim, a seleção natural favorece o seu efeito combinado.” (Pasternak, 2009, p. 138)

“Embora alguns aspetos das teorias da mente de adultos possam variar culturalmente (Lillard, 1998), os que se esperam de qualquer indivíduo a quem se atribui crenças falsas (e talvez muito mais na maturidade) poderão incluir o reconhecimento de vários estados de perceção, conhecimento, desejo e intenção, bem como um modelo de como interagem para explicarem e preverem o comportamento (Wellman, 1990)”. (Pasternak, 2009, p. 141)

1.2.4. Síntese

“A libertação das mãos tem uma consequência igualmente importante. Levou ao aparecimento gradual – durante cerca de um milhão de anos – de um polegar mais delicado flexível. Este permite que uma pessoa agarre com precisão e firmeza, e foi isto que permitiu ao nosso primeiro antepassado Homo (H. habilis, ou «homem hábil») começar a fabricar utensílios, há cerca de 2 milhões de anos (Markze, 1997) [...]. Não foi por acaso que o filósofo do século XVIII Emmanuel Kant chamou à mão humana «o cérebro exterior do homem». O polegar flexível, que agilizou a mão, é, portanto, o segundo atributo humano fundamental para a curiosidade humana.” (Pasternak, 2009, pp. 110 - 111)

“Será que os humanos preferem realmente recolher nova informação – exploração – do que usarem o conhecimento já existente – utilização? Um grupo de cientistas de Londres e Pasadena começou a investigar esta questão (Daw et al., 2006). Mostraram que determinadas regiões do cérebro são preferencialmente ativadas durante as decisões para explorar (essencialmente para jogar), enquanto outras regiões são ativadas durante decisões mais seguras, mas potencialmente menos compensadoras, baseadas em conhecimento prévios. Uma característica interessante do trabalho destes investigadores é o facto de as regiões «exploratórias» parecerem maiores nos humanos do que nos outros primatas (Nathaniel Daw, comunicação pessoal)”. (Pasternak, 2009, p. 114)

“(…) resulta, pelo contrário, da crescente perda de representatividade dos centros numa civilização de tecidos técnicos, económicos e comunicativos que carecem de centro reconhecível.” (Innerarity, 2004, p. 120)

“[...]2000 anos, as pessoas indagavam, em média, de forma tão ávida como hoje em dia. Mas as mudanças culturais e não genéticas também afetam o nosso estilo de vida.” (Pasternak, 2009, p. 119)

“Que é uma função? Pois é, precisamente, fazer visível aquilo que se tornou invisível. Por isso a atual arquitetura política tem um viés de inofensiva nostalgia. Por isso o turista metropolitano não procura apenas o passado: procura e encontra nos vestígios arquitetónicos das capitais históricas a representação simbólica de uma coisa comum cuja atual funcionalização dificilmente se pode exprimir

nas entidades locais. Procura a recordação de qualquer coisa longínqua que perdeu no meio de tanta imediatez, uma coisa que - por favor - não seja interativa, simpática, como nós, mas, se possível, tradicional, sublime e distante." (Innerarity, 2004, p. 121)

"Normalmente, predadores e presas estão envolvidos numa longa «corrida evolutiva ao armamento», na qual a presa desenvolve melhores estratégias defensivas (por exemplo, velocidade de fuga), os predadores aperfeiçoam-se do mesmo modo (por exemplo, velocidade de perseguição), e assim por diante." (Pasternak, 2009, p. 134)

"Mas se novas táticas de caça são geradas pela inteligência em períodos de tempo relativamente breves, as contra adaptações assentes na mudança genética da presa não poderão acompanhá-las tão bem." (Pasternak, 2009, p. 134)

"[...] preveem e explicam as ações dos outros relativamente a um sistema complexo de «psicologia quotidiana», construções fundamentais nas quais se encontram os estados mentais, como pensar, querer e acreditar (Wellman, 1990; Whiten e Perner, 1991)." (Pasternak, 2009, p. 136)

" [...] as mentes humanas são também profundamente sociais no sentido em que grande quantidade do conhecimento que acumulam (o «saber como» e o «saber que») é adquirida socialmente, a partir de outras mentes." (Pasternak, 2009, p. 136)

" [...] descreveu a cultura humana com uma «epidemia de representações», destacando assim a forma como as representações mentais saltam e se multiplicam entre um cérebro e aqueles que as adquirem. " (Pasternak, 2009, p. 136)

" [...] a linguagem permite que as nossas mentes se interrelacionem de maneiras íntima [...]" (Pasternak, 2009, p. 137)

"[...] a importância funcional de cada característica é amplificada pelas outras e, assim, a seleção natural favorece o seu efeito combinado." (Pasternak, 2009, p. 138)

1.3. Da Leveza - para uma Civilização do Ligeiro

Gilles Lipovetsky

“Vivemos atualmente uma grande revolução que, pela primeira vez, nos transporta para uma era da leveza. O culto da magreza triunfa; a prática de desportos em que se desliza cresce cada vez mais. O mundo virtual, os nanomateriais e os dispositivos móveis estão a mudar as nossas vidas. A cultura dos meios de comunicação, a arte, o design e a arquitetura também expressam o culto contemporâneo da leveza, promovendo a ideia de suspensão. Por toda a parte o importante são as conexões, os objetos de tamanho reduzido, a desmaterialização. A leveza invadiu os nossos hábitos mais comuns remodelando-nos a imaginação e tornando-se um valor, um ideal, um grande imperativo. Nunca tivemos tantas oportunidades de viver levemente, porém, o peso da vida diária parece cada vez mais difícil de importar. Ironicamente, agora é a leveza que nutre o espírito de gravidade. Os novos ideais acompanham padrões elevados com efeitos desgastantes, às vezes deprimentes. Por essa razão, surgem constantemente pedidos de socorro para a nossa existência: desintoxicações, dietas e uma necessidade de abrandamento, de relaxamento e de um espírito mais zen. Às utopias do desejo seguiram-se expectativas de leveza, a do corpo e a da mente, bem como a ânsia de um presente mais leve de suportar. Este é o tempo das utopias light.” (Da Leveza – para uma Civilização do Ligeiro, 2016)

1.3.1. Aligeirar a vida

Neste capítulo, o autor analisa de diferentes pontos de vista relativos ao impacto da leveza no ambiente que rodeia o ser humano. Para tal, Lipovetsky (2016) começa por referir que na era moderna existe uma negação a tudo aquilo que causa dor, trabalho ao que é "pesado", e uma aceitação frívola ao que faz sentir bem e anulação ao que faz sentir mal.

Para o autor, a utopia da era moderna pode-se definir da seguinte forma:

“Com a era moderna, o ideal de curar os males sociais e a vontade de fazer desaparecer todos os sofrimentos inaceitáveis substituíram a esperança celestial ou a redenção no universo cristão. Libertar os homens dos fardos do passado, aliviá-los definitivamente da miséria e dos outros pesos materiais: o cosmos moderno constrói-se em torno da ideologia do Progresso e da sua promessa de

felicidade universal, que mais não é do que o projeto prometeico de aligeiramento da existência.
“(Lipovetsky, 2016, p. 34)

Ao mencionar a existência de uma tendência para suprimir todo o fardo do ser humano, o autor apresenta três momentos da história onde afirma que se pode identificar a batalha entre o leve e o pesado:

“Nesta perspetiva, e se adotarmos uma abordagem histórica geral, podemos distinguir três grandes fases históricas pelas quais se concretizou o combate moderno do leve contra o pesado. A primeira vai do século XVIII a meados do século XX: é dominada pela vontade tecno política de reduzir a pressão das necessidades materiais elementares. O processo de aligeiramento da existência inicia-se, mas continua a ser socialmente limitado. A segunda fase começa nos anos 50 do século XX: é marcada pela difusão social do bem-estar material, do consumismo de massas, tal como o combate contra as disciplinas sociais e a emancipação dos indivíduos em relação aos grandes enquadramentos coletivos. Assistimos agora a uma terceira etapa, impulsionada pela revolução da alta tecnologia eletrónica e digital, criando uma leveza móvel libertada dos pesos espaço-temporais. Em cada etapa, novas estratégias dão o tom da época e, cruzadas com as anteriores, prosseguem a obra secular de aligeiramento da vida.” (Lipovetsky, 2016, p. 35)

Na era moderna, a alta tecnologia libertou o ser humano de todos os constrangimentos temporais e espaciais, permitindo desse modo, que a leveza tivesse grande impacto em diferentes áreas:

“É nos pormenores da vida quotidiana que o princípio da leveza faz o seu trabalho. Os objetos modernos simplificam as tarefas vulgares, poupam tempo, fornecem higiene e intimidade, «libertam» a mulher das antigas corveias domésticas. Os «produtos negros», ou seja, todo o material audiovisual, permitem a democratização do universo do divertimento através da televisão e da música gravada. A motorização das famílias favoreceu o turismo de massas, permitiu que um maior número de pessoas se evadissem do quotidiano, vissem o mundo, fosse de férias para o mar ou para a montanha, viajasse, escapasse ao fim de semana para fora de casa. (...).

Acabou a indignidade tradicional da leveza do prazer: já não é uma falta moral ou uma fraqueza vergonhosa; afirma-se como um ideal de vida conforme à «verdade» do desejo humano. Uma vida sem

prazer já não é uma vida verdadeira; viver sem leveza consumista tornou-se sinónimo de vida aborrecida, perdida”. (Lipovetsky, 2016, pp. 36-37)

Lipovetsky afirma que, com a importância cada vez maior da leveza consumista, os próprios valores do mundo mudaram:

“É um mundo quotidiano dominado pelos sinais do divertimento e da negação do trágico que o capitalismo de sedução engendra. Já não se trata de enobrecer as almas, de inculcar valores superiores, de formar um cidadão exemplar: trata-se apenas de divertir para vender melhor. Já não uma cultura do sentido e do dever, mas da evasão, do lazer, do direito à despreocupação. A leveza dos sinais e do sentido absorveu a esfera da vida quotidiana.” (Lipovetsky, 2016, p. 38)

“O capitalismo de sedução foi a grande força que contribuiu para a formação de um consumidor estético em busca perpétua de emoções, de design, de músicas, de imagens e paisagens. Este sistema não só produziu em massa objetos e signos ligeiros, como também favoreceu uma relação mais leve com o mundo através da generalização da atitude estética. O que é um olhar propriamente estético senão uma visão distanciada, «desinteressada», aliviada da orientação utilitária? Mais do que degradar, a civilização do ligeiro estetizou a sensibilidade do consumidor.” (Lipovetsky, 2016, p. 45)

Através desta análise, Lipovetsky (2016) constata que o consumidor tem atualmente uma relação frívola com o mundo:

“[...] o neoconsumidor surge como um «coleccionador de experiências», um consumidor menos obcecado com a exibição social do que com prazeres inéditos. É assim que se apresenta um consumo mais volátil do que «estático», menos ostentatório do que emotivo, menos virado para o ter do que para os prazeres sempre renovados. Com o capitalismo de sedução, triunfa uma estética do consumo, inseparável de um consumidor lábil, em movimento perpétuo, que, mais do que estar fixo, parece deslizar pelo mundo”. (Lipovetsky, 2016, p. 48)

“O automóvel continua a ser o meio de transporte mais utilizado, mas a sua utilização reduz-se à medida que se densificam as zonas de habitação. Atualmente, nas grandes cidades, mais pessoas

recorrem aos transportes públicos, mas também à bicicleta, à marcha a pé, a fim de escaparem a toda uma série de inconveniente bem conhecidos.” (Lipovetsky, 2016, p. 53)

“A categoria da aventura cedeu o lugar ao transporte lúdico: tudo é organizado para que a viagem não pese sobre a qualidade do bem-estar. Já não se trata tanto de ir mais depressa, mas sim de privilegiar uma abordagem qualitativa do tempo de transporte destinada a aligeirar a experiência do passageiro.” (Lipovetsky, 2016, p. 54)

Este distanciamento entre o consumidor e o mundo causa, segundo o autor, outro tipo de experiências:

“À medida que a ordem comercial coloniza as experiências vividas, as insatisfações e as desilusões multiplicam-se, opondo-se à leveza de ser. A estas acrescentam-se novas formas de culpabilidade no consumidor, que se acusa de ser incapaz de resistir aos seus impulsos de compra, de comer em excesso e demasiado mal, de perder o tempo a ver programas «nulos» de televisão, de comprar produtos «inúteis» ou demasiado caros: aqui, o pesado triunfa sobre a leveza feliz. O consumo moderno, durante muito tempo assimilado a uma ordem lúdica e despreocupada, mudou de tom.

Tudo aquilo que, no mundo habitual, era evidente tende a torna-se problemático: dispondo de informações veiculadas pelos media, o neoconsumidor mostra-se mais vigilante, mais crítico, está sempre a avaliar os produtos e os riscos, mobilizando diversos conhecimentos para efetuar as suas compras.” (Lipovetsky, 2016, p. 58)

Esta mudança de hábitos no estilo de vida do consumidor, levou a que este se tornasse um hiperconsumidor, ou seja um consumidor que: “[...] contribui para a produção dos serviços ao fazer ele próprio um conjunto de tarefas. Cada vez mais, o hiperconsumidor é aquele que deve trabalhar para poder consumir: tende a torna-se um prosumer, o coprodutor daquilo que consome”. (Lipovetsky, 2016, p. 59)”

“O recuo da frivolidade observa-se, em particular, no consumo ecológico e responsável, mas também no «consumo colaborativo», baseado na mutualização e na troca, na permuta e na dádiva, no aluguer, no empréstimo e na revenda entre particulares. São novas práticas que não ignoram o prazer

nem o lazer, mas que privilegiam sobretudo o melhor preço, a otimização da despesa devido às novas restrições orçamentais. (...)

Novos tempos, novas expectativas: a revolução já não mobiliza ninguém, a política perdeu as suas dimensões utópicas e o consumo desenfreado cria numerosas desilusões. Agora, sonhamos com o aligeiramento das nossas vidas, sem porém, nos afastarmos realmente da sociedade de consumo. O indivíduo hipermoderno já não mostra a ambição de mudar o mundo, de fabricar a sociedade sem classes e o homem novo: quer «respirar», viver melhor, mais «leve». Por isso, o crescimento de novas espiritualidades, a busca de novas maneiras de consumir e de viver que rejeitam as pressões materialistas do «sempre mais». (Lipovetsky, 2016, pp. 61-62)

Refletindo sobre algumas das características que definem a civilização do ligeiro, o autor afirma:

“Podemos pensar que o favor de que beneficiam as correntes espirituais é menos a expressão de uma necessidade de sentido absoluto do que de uma busca de aligeiramento da existência.

De tal maneira isto é verdade que, nos místicos esotéricos, as crenças são marcadas pelo vago, pela incerteza, pela ambiguidade: exprimem-se no modo do «talvez», do «porque não». Ao mesmo tempo, a categoria de verdade é secundária em relação à do bem-estar e da experiência pessoal. O importante não é a verdade enquanto tal, mas aquilo que nos ajuda a viver melhor, a resolver de forma pragmática os problemas existenciais.” (Lipovetsky, 2016, p. 64)

“Nada travará o tropismo neofílico, isto porque se enraíza na destradicionalização específica das sociedades modernas e porque não deixa de ser relançado por uma cultura hedonista e por uma ordem económica baseada na inovação perpétua. Estes fenómenos de fundo, inseparáveis das sociedades de mobilidade, impedem que se imagine o desaparecimento da paixão pelo Novo.” (Lipovetsky, 2016, p. 68)

Lipovetsky (2016) destaca que o consumidor passa agora, a ter um papel mais ativo na economia: não é apenas consumidor, mas assume um comportamento de consumidor/produtor, o que se traduz no interesse em reutilizar em vez de comprar novo, o optar pelas matérias “amigas do ambiente”. “É a origem de um hiperconsumismo [...] mais sustentável,

mais responsável: evitar o desperdício, alugar em vez de comprar, reparar em vez de atirar fora, prolongar a vida dos aparelhos.” (Lipovetsky, 2016, p. 68)

No seguimento do pensamento atrás referido, o autor demonstra através de exemplos históricos, formas mais sustentáveis de consumo:

“Prolongando o movimento slow food surgido em 1986, afirmam-se novas vias que buscam a quantidade de vida pelo abrandamento dos ritmos quotidianos: slow Money, slow management, slow city, slow sex, slow tourism, é a época do elogio da lentidão, da atitude slow life que privilegia o melhor sobre o mais, o ser sobre o ter, a qualidade sobre a quantidade. (...).

“O indivíduo hipermoderno é policrónico, joga com os ritmos temporais, ziguezagueando entre aceleração e abrandamento, intensificação e relaxamento. A qualidade de vida já não assenta num único vetor; requer, em função dos momentos e dos arbítrios individuais, ora mais velocidade (transporte, comunicação eletrónica...), ora menos precipitação e arquejo. Agora, a experiência do aligeiramento da vida passa tanto pela via da velocidade como pela do abrandamento. É o tempo do aligeiramento dessincronizado, «fragmentado», à la carte. (Lipovetsky, 2016, pp. 70-71)

O autor destaca que este “aligeiramento dessincronizado” permite optar, ora pela velocidade, ora pelo abrandamento, o que por sua vez possibilita:

“[...] o aligeiramento contemporâneo da vida pode seguir vias muito diferentes, por vezes opostas. Uma, com o consumo, procura um sentimento de leveza episódica e compensadora. A outra, que decorre da criação artística, suscita uma respiração de um género muito diferente, associada como está ao enriquecimento da vida, à felicidade estética, à transformação alegre das formas evocadas por Nietzsche, ainda que a outro nível. Prática da música, da dança, da fotografia: formas de escapar à vida pesada e rotineira, de manifestar um Eu único sob o signo da criatividade, de ter a sensação de uma vida pessoal mais rica. Na criação estética, procura-se um tipo de leveza, não para além do bem e do mal, mas para além da repetição fastidiosa da vida profissional e da insignificância do quotidiano consumista”. (Lipovetsky, 2016, p. 73)

“De facto, aquilo que se observa à escala da maior parte das pessoas é menos a sensação de um fardo do que o desejo do «sempre novo», menos a gravidade do que desejos cada vez mais numerosos, cada vez mais diversos e renascentes. Não há dúvida de que a vida consumista não deixa de suportar o

peso de varias frustraões e insatisfaões. Mas é claro que todas estão longe de serem «não vivíveis». Na maioria do caos, os indivíduos adaptam-se à sua situação material, encontram satisfaões onde estão, com aquilo que têm”. (Lipovetsky, 2016, p. 75)

1.3.2. Um Novo Corpo

Neste capítulo, o autor, após abordar o sentimento de leveza no seio urbano, reflete no facto desta leveza, não estar somente presente neste meio, como também interferir no próprio corpo humano, moldando-o ao longo das épocas.

“Quanto mais beneficiamos de um longo estado de saúde, mais se impõem os testes e os exames médicos e mais aumentos os sentimentos de insegurança e as atitudes de vigilância. Trata-se menos de desfrutar da vida tal como esta se encontra do que intervir a montante das doenças. Com a medicalização da vida, há mais uma regressão do que uma difusão do *carpe diem*. [...]. Avançamos para uma «prevenção personalizada» e móvel que acentuará a medicalização das vidas, o advento de um *homo medicus* que cuida cada vez mais de si próprio e intervém a montante do aparecimento das situações críticas. Vivemos durante mais tempo e com melhor saúde, mas este imenso benefício paga-se com uma maior ansiedade, com uma patologização crescente do indivíduo. (Lipovetsky, 2016, p. 84)

Associado a este cuidado com o corpo, o autor afirma que o indivíduo hipermoderno é também marcado por práticas e estilos de vida novos:

“Ao contrário dos desportos clássicos centrados no confronto, na competição e no desempenho com pontos, os desportos de deslizamento caracterizam-se pela busca de sensações vidas, de vertigem, de emoões, longe dos quadros regulamentares e dos condicionalismos normalizadores. Afirmou-se uma nova cultura desportiva cujo objetivo já não é a vitória sobre o outro, mas o divertimento, o «brilho», a beleza das figuras gestuais. Já não é o primado da força, mas a estética do movimento, a estilização das práticas, a «qualidade artística dos gestos»: o importante já não é apenas a eficácia das gestualidades, mas as suas qualidades formais ou estéticas, a perfeição da prática, a sensação íntima de beleza.” (Lipovetsky, 2016, p. 88)

Para Lipovetsky, este novo ideal de beleza tem origem no século XIX:

“A corrente romântica faz a apologia da magreza, da tez pálida, do ar imaterial e vaporoso: aquilo que era marca de pobreza passa a ser um ideal estético. [...]. Já não se trata apenas de ser esbelto: existem agora proporções e números. No entanto, a finura não é a magreza tal como a entendemos, pois, a beleza feminina não se concebe sem o encanto do molde e do pulposo. (Lipovetsky, 2016, p. 93)

Assim, o novo ideal de leveza adquire um novo significado:

“[...] já não é celebrada em nome da fragilidade e da delicadeza natural atribuídas à mulher, mas como sinal de dinamismo, de mobilidade, de autocontrolo. A valorização dos atrativos femininos tradicionais dá lugar a uma «linha» reta e sem espessura, a um corpo esguio e direto. Enquanto o imperativo é emagrecer a todo o custo, a gordura torna-se cada vez mais objeto de escárnio. (Lipovetsky, 2016, p. 94)

Entrámos na leveza indolente e lúdica, mas uma que exige um trabalho de si sobre si em vista de um corpo jovem e esguio conforme ao modelo veiculado pelas imagens mediáticas. [...]. A nossa época acompanha-se do «design» híper-individualista do corpo, e ao mesmo tempo, de uma maior influência social exercida pelo modelo uniforme, implacável do estético da magreza. Há menos culpabilização moral, mas mais ansiedade narcísica, mais voluntarismo autoconstrutivo, mas também mais consumismo desenfreado em vista de conquistar ou conservar a «linha». Aquilo que se cria é uma civilização do ligeiro híper-individualista, hipernormativa e hiperconsumista. (Lipovetsky, 2016, p. 101)

Lipovetsky afirma que estas alterações associadas ao código de magreza não levaram à eliminação da diferença entre masculino e feminino: “Só as mulheres continuam a valorizar um corpo estético associado à leveza. Os homens, por seu lado, continuam interessados na demonstração da virilidade.” (Lipovetsky, 2016, p. 102)

E reflete que, quanto mais o indivíduo moderna aspira à magreza, mais se mostra o excesso de peso, naquilo que define como uma “manifestação patente do fracasso da civilização do ligeiro na sua fase atual: quanto mais onnipresentes são as injunções à leveza, menos os corpos seguem este ideal. (Lipovetsky, 2016, p. 103)

Assim, afirma que a cultura da magreza tem por objetivo responsabilizar os indivíduos em relação aos seus corpos, ou seja, “[...] de fazer destes um domínio a controlar, vigiar, manter continuamente: um corpo que deve ser visto como uma «obra», um sucesso pessoal obtido por um trabalho permanente de si sobre si. (Lipovetsky, 2016, p. 105) E acrescenta:

“As mulheres que trabalham praticam mais o fitness e recorrem mais à cirurgia estética que as mulheres que ficam em casa. Ao quererem ter sucesso na vida profissional e, ao mesmo tempo, manter-se sedutoras, transferem de alguma maneira as suas competências profissionais, o seu dinamismo construtivo para a esfera estética. (Lipovetsky, 2016, p. 106)

“Se, no passado, a beleza feminina era raramente associada à magreza, era porque a mulher estava condenada a papéis sociais sedentários: gravidez, educação dos filhos, manutenção da casa, «objeto» decorativo, «ornamento» do homem. Durante milénios, a vocação suprema do feminino não é a ação, mas a reprodução: as tarefas que lhe incumbem estão associadas à imobilidade, à inércia, ao parecer e não ao «fazer». O modelo de sedentarismo feminino é abalado pela modernidade, pela sua mobilidade perpétua, pela sua velocidade acelerada, pelo seu «amor ao movimento por si próprio». A sociedade da mobilidade e os seus instrumentos técnicos (automóvel, avião, desporto) contribuíram fortemente para transformar a imagem ideal do corpo feminino, tornando legítimo o princípio da mulher em movimento, da dinamização do «segundo sexo»: a estética cingida que evocava uma feminilidade estática ou entravada foi substituída pela valorização do corpo em ação, do corpo móvel e flexível, livre nos seus movimentos, ou seja, esbelto”. (Lipovetsky, 2016, p. 107)

Para o autor, “a obsessão com a magreza não traduz apenas uma vontade de controlo sobre si próprio, mas também um combate contra o tempo, o desejo de conservar um corpo com aspeto sempre juvenil.” (Lipovetsky, 2016, p. 108)

E concluindo a sua reflexão, Lipovetsky afirma que:

“Não há sociedade sem ideais coletivos. Como escrevia Tocqueville: sem ideias comuns, «pode haver homens, mas não um corpo social. Para que haja sociedades [...] é preciso que todos os espíritos dos cidadãos estejam unidos por algumas ideias principais». Os ideais específicos de uma comunidade

podem variar, ser mais ou menos interiorizados, mas têm «necessariamente um lugar»”. (Lipovetsky, 2016, p. 112)

1.3.3. O micro, o nano e o imaterial

Neste capítulo, o autor reflete sobre a leveza nas tecnologias e objetos que nos rodeiam. Observa que nestes, também se pode constatar uma espécie de corrida à eliminação do excesso e que, esta atitude, acabará por influenciar toda a vivência humana, num futuro próximo influenciará toda a vivência humana:

“... [..] na era hipermoderna, a leveza dominante já não é veiculada pela arte nem pela imaginação romanesca, mas pela racionalização do mundo: é o poder da racionalidade científica e técnica que agora gera a expansão das coisas leves. A época hipermoderna é a que faz o princípio da leveza passar do estágio estético para o estágio demiúrgico tecnocientífico”. (Lipovetsky, 2016, p. 116)

Este processo pode ser observado, numa fase inicial, quando Henry Ford se esforçou “por aligeirar o automóvel de massas a fim de o tornar menos dispendioso: «o peso dos veículos, este é o inimigo...As coisas mais belas são aquelas das quais foi eliminado todo o excesso de peso.»” (Lipovetsky, 2016, p. 118)

No entanto, o autor refere que, na atual era hipermoderna, a eliminação do excesso passa também pela “Revolução da miniaturização, revolução das nanotecnologias, revolução do digital: vivemos no tempo da leveza-mundo possibilitada pelas novas tecnologias. Está no centro da nova civilização do ligeiro.” (Lipovetsky, 2016, p. 119)

Desta forma, Lipovetsky (2016) afirma que as novas tecnologias possibilitam assim, uma revolução na civilização, desprendendo-as do excesso e transportando-a para uma revolução digital. Esta mudança altera inclusive a forma como os indivíduos se deslocam, através da eliminação do excesso imposta aos transportes:

“Na base destas dietas impostas aos aviões e aos automóveis está o imperativo de consumir menos energia e de limitar as emissões de CO₂. Esta corrida à redução de peso vai prosseguir,

sobretudo por causa do desenvolvimento dos automóveis elétricos, que, para terem uma autonomia satisfatória, terão de ser o mais leves possível.” (Lipovetsky, 2016, p. 123)

“[...] «desmaterialização relativa»: fazer os mesmos objetos com menos matéria, produzir mais bens a partir de uma quantidade de matéria idêntica ou menor, diminuir o consumo de recursos materiais por unidade de valor acrescentado. Uma desmaterialização sustentada pelo processo de miniaturização e pelo fabrico de materiais e objetos mais leves, ou seja, que exigem menos matéria.” (Lipovetsky, 2016, p. 127)

E destaca que, independentemente das opiniões que possamos ter sobre os efeitos deste progresso tecnológico, a civilização do ligeiro vai sofrer um desenvolvimento notável graças às nanotecnologias:

“O futuro está na miniaturização extrema, na ação sobre o ínfimo e no real quase invisível: aquilo que seremos dependerá cada vez mais da nossa capacidade de organizar e explorar os elementos mais minúsculos da matéria. Já não um «biopoder» (Foucault) que se exerce por medidas maciças sobre as populações, mas um nanopoder, que, ao investir o infinitamente pequeno, decompõe e recompõe a matéria como um jogo de Lego.” (Lipovetsky, 2016, p. 132)

A revolução da miniaturização influenciará inclusive as empresas, a economia e a interação entre as instituições:

“Os futuristas já anunciam que a empresa digital não terá escritório fixo, sem condicionalismos de horários ou de lugar. A gestão deixará de funcionar segundo a autoridade e o poder hierárquico, mas segundo a confiança e a liberdade de organização do trabalho dos colaboradores. Ao controlo dos assalariados poderia suceder o controlo do trabalho realizado. [...]”

Os sítios de encontros e as redes sociais facilitam a multiplicação dos contactos. Assim, as tecnologias digitais contribuem para o surgimento de uma sociedade de mobilidade personalizada, diversificada e comunicante, onde os indivíduos têm a possibilidade de se libertarem de vários pesos do real, de beneficiar de uma nova facilidade nos seus deslocamentos e na organização das suas vidas. [...]. Vivemos no tempo da evaporação da dimensão tátil da moeda, do desaparecimento dos volumes dos pesos, em proveito de uma moeda virtual eletrónica. (Lipovetsky, 2016, pp. 135-136)

O autor observa que, com a virtualização da civilização, fruto da ação desta leveza tecnológica, surge a «Big Data», um cruzar de informações provenientes de todos indivíduos conectados, e que apresenta alguns aspetos dignos de reflexão:

“[...] sublinhemos apenas que, na altura do Big Data e dos sistemas algorítmicos, embora não se trate de compreender o porquê dos fenómenos, mas apenas de mostrar correlações e avançar previsões pontuais e úteis, este universo não deixa de ser fonte de reclamações e de pedidos de proteção por parte dos indivíduos, o que gera diversos problemas de aplicação. O mundo leve que está a nascer já não remete para a suave poética do levantar voo: é composto por queixas, controvérsias, arbitragens complexas em matéria de direito ao esquecimento, à retirada digital. (Lipovetsky, 2016, p. 141)

No entanto, Lipovetsky observa que, apesar de existir uma supressão de matéria no campo tecnológico, o mesmo não se pode observar nas grandes estruturas industriais:

“O século XXI deveria assistir ao recuo das infraestruturas pesadas, das megacentrais, das grandes companhias petrolíferas, do gás ou do átomo, em proveito do reino disseminado dos micro-empresendedores e das minicentrais energéticas, dos mecanismos de gestão cooperativos e não hierárquicos. Tal como os grandes computadores deram lugar aos microcomputadores, às redes, à informática móvel, o sistema energético deveria evoluir neste século para a tecnologia descentralizada e reticular do ligeiro. A revolução da leveza, neste cenário, daria um grande salto em frente ao investir o domínio energético.” (Lipovetsky, 2016, p. 153)

Esta observação não implica, na opinião do autor, um afastamento entre as grandes estruturas industriais e a leveza, uma vez que “[...] não faz parte da essência da revolução da leveza rejeitar as grandes infraestruturas: deverá, antes, esforçar-se por promover uma «estética das infraestruturas» capaz de criar paisagens, «infraestruturas-espacos público», que associam a realização de grandes obras e a integração na paisagem.” (Lipovetsky, 2016, p. 156)

E concluindo a sua reflexão sobre este tema, afirma que “[...] a leveza, pelo menos estética, não é incompatível com as grandes obras quando estas respeitam o ambiente e as

curvas dos espaços que atravessam. É necessário pensar a leveza hipermoderna de um modo multidimensional, técnico, ecológico e paisagístico.” (Lipovetsky, 2016, p. 157)

1.3.4. Moda e feminilidade

Neste capítulo, Lipovetsky reflete sobre a forma como a leveza também tem implicações nos corpos do indivíduo hipermoderno. Para o autor, estes são a imagem do autocontrole, uma vez que transparecem a exigência que a leveza trás aos seus corpos:

“A leveza da moda remete para este aparecimento da fantasia estética, da gratuidade ornamental, do capricho na aparência: coincide com a estetização ostensiva do vestuário e a teatralização do dimorfismo sexual. Nem a fantasia pura, nem revelação do corpo feminino enaltece o poder masculino. [...]

A moda valoriza corpos graciosos de aspeto airoso, que apresentam uma graça, uma elegância suave. A revolução do vestuário, no fim da Idade Média, coincide com o alongamento e o aligeiramento das silhuetas masculinas e femininas.” (Lipovetsky, 2016, pp. 161-162)

Esta revolução originária no final da Idade Média, influenciou os corpos masculinos e femininos de formas diferentes:

“[...] o ventre é por vezes proeminente, destacado por uma pequena almofada escondida sob o vestido, como mostra O Casal Arnolfini (1434), de Van Eyck. Daí uma dinâmica de leveza que segue vias opostas no masculino e no feminino. A parte superior da silhueta feminina suaviza-se, mas tende a engordar na parte inferior (excesso de tecido nas saias, volume exuberante das caudas dos vestidos). Nos homens, é o contrário, com a parte superior do corpo mais volumosa e imponente do que a inferior. (Lipovetsky, 2016, p. 163)

Lipovetsky (2016) observa que, presentemente, o objetivo não se centra apenas em se possuir um corpo digno da leveza, mas também a autodisciplina que essa leveza nos trás, em

particular no que se refere à exigência e autodisciplina necessária para manter o enaltecimento do corpo:

[...] no mundo nobiliárquico, aquilo que é visado não é a leveza física do corpo, mas uma retidão que significa o autocontrolo, o domínio físico, a disciplinas dos desejos. O mais importante não é a redução do peso do corpo, mas a graça o porte nobre, o «belo ar», possibilitados pela vitória da linha reta sobre a frouxidão, da razão sobre a natureza. (Lipovetsky, 2016, p. 164)

Nesta ação da leveza, Lipovetsky menciona que o corpo feminino é socialmente dividido em duas partes, cada uma alvo de um tratamento distinto:

“[...] é notável que os livros de beleza não tratem da mesma maneira o busto e a parte inferior do corpo: só o primeiro deve ser remodelado e afinado. Em contrapartida, as ancas gordas a grossura das pernas e das coxas, escondidas do olhar pela roupa, não apelam a ações vigorosas. A fineza desejada só diz respeito ao «alto», aquilo que se mostra em público [...]” (Lipovetsky, 2016, p. 165)

Lipovetsky refere que a valorização da leveza na moda feminina “pode ser pensada como a expressão simbólica e estética da vocação de chorar do feminino, do seu poder de sedução sobre os homens, do seu estatuto de emblema decorativo, de «flor» da vida mundana.” (Lipovetsky, 2016, p. 168) E destaca que:

“A grande maioria das marcas não parou de lançar os seus perfumes ou como femininos ou como masculinos: o unissexo é a exceção. Fragrância, forma do frasco, embalagem, cor, nome do perfume, comunicação publicitária, todos estes elementos são marcados pela oposição masculino/feminino, virilidade/ leveza. É assim que os frascos femininos apresentam geralmente uma forma mais arredondada ou mais alongada do que a dos perfumes masculinos. (Lipovetsky, 2016, p. 178)

Concluindo, Lipovetsky afirma que “a maioria das pessoas veste-se de forma «jovem», mas a relação com a moda tornou-se, de facto, mais adulta, na medida em que é mais reconhecida por aquilo que é: um jogo frívolo, uma estética das aparências sem importância «vital».” (Lipovetsky, 2016, p. 183)

1.3.5. Síntese

"Assistimos agora a uma terceira etapa, impulsionada pela revolução da alta tecnologia eletrónica e digital, criando uma leveza móvel libertada dos pesos espaço-temporais." (Lipovetsky, 2016, p. 35)

[...] o neoconsumidor surge como um «coleccionador de experiências», um consumidor menos obcecado com a exibição social do que com prazeres inéditos. É assim que se apresenta um consumo mais volátil do que «estático», menos ostentatório do que emotivo, menos virado para o ter do que para os prazeres sempre renovados. Com o capitalismo de sedução, triunfa uma estética do consumo, inseparável de um consumidor lábil, em movimento perpétuo, que, mais do que estar fixo, parece deslizar pelo mundo. (Lipovetsky, 2016, p. 48)

"Já não se trata tanto de ir mais depressa, mas sim de privilegiar uma abordagem qualitativa do tempo de transporte destinada a aligeirar a experiência do passageiro." (Lipovetsky, 2016, p. 54)

" [...] o hiperconsumidor é aquele que deve trabalhar para poder consumir: tende a torna-se um prosumer, o coprodutor daquilo que consome." (Lipovetsky, 2016, p. 59)

Novos tempos, novas expetativas: a revolução já não mobiliza ninguém, a política perdeu as suas dimensões utópicas e o consumo desenfreado cria numerosas desilusões. Agora, sonhamos com o aligeiramento das nossas vidas, sem porém, nos afastarmos realmente da sociedade de consumo. O indivíduo hipermoderno já não mostra a ambição de mudar o mundo, de fabricar a sociedade sem classes e o homem novo: quer «respirar», viver melhor, mais «leve». Por isso, o crescimento de novas espiritualidades, a busca de novas maneiras de consumir e de viver que rejeitam as pressões materialistas do «sempre mais». (Lipovetsky, 2016, p. 62)

“Nada travará o tropismo neofílico, isto porque se enraíza na destradicionalização específica das sociedades modernas e porque não deixa de ser relançado por uma cultura hedonista e por uma ordem económica baseada na inovação perpétua.” (Lipovetsky, 2016, p. 68)

[...]abrandamento dos ritmos quotidianos: slow Money, slow management, slow city, slow sex, slow tourism, é a época do elogio da lentidão, da atitude slow life que privilegia o melhor sobre o mais, o ser sobre o ter, a qualidade sobre a quantidade. (Lipovetsky, 2016, p. 70)

“O indivíduo hipermoderno é policrónico, joga com os ritmos temporais, ziguezagueando entre aceleração e abrandamento, intensificação e relaxamento.” (Lipovetsky, 2016, p. 71)

[...] o aligeiramento contemporâneo da vida pode seguir vias muito diferentes, por vezes opostas. Uma, com o consumo, procura um sentimento de leveza episódica e compensadora. A outra, que decorre da criação artística, suscita uma respiração de um género muito diferente, associada como está ao enriquecimento da vida, à felicidade estética, à transformação alegre das formas evocadas por Nietzsche, ainda que a outro nível. Prática da música, da dança, da fotografia: formas de escapar à vida pesada e rotineira, de manifestar um Eu único sob o signo da criatividade, de ter a sensação de uma vida pessoal mais rica. Na criação estética, procura-se um tipo de leveza, não para além do bem e do mal, mas para além da repetição fastidiosa da vida profissional e da insignificância do quotidiano consumista. (Lipovetsky, 2016, p. 73)

“Não há sociedade sem ideais coletivos. Como escrevia Tocqueville: sem ideias comuns, «pode haver homens, mas não um corpo social. Para que haja sociedades [...] é preciso que todos os espíritos dos cidadãos estejam unidos por algumas ideias principais». Os ideais específicos de uma comunidade

podem variar, ser mais ou menos interiorizados, mas têm «necessariamente um lugar»”. (Lipovetsky, 2016, p. 112)

“[...] não faz parte da essência da revolução da leveza rejeitar as grandes infraestruturas: deverá, antes, esforçar-se por promover uma «estética das infraestruturas» capaz de criar paisagens, «infraestruturas-espços público», que associam a realização de grandes obras e a integração na paisagem.” (Lipovetsky, 2016, p. 156)

[...], mas o ventre é por vezes proeminente, destacado por uma pequena almofada escondida sob o vestido, como mostra O Casal Arnolfini (1434), de Van Eyck. Daí uma dinâmica de leveza que segue vias opostas no masculino e no feminino. A parte superior da silhueta feminina suaviza-se, mas tende a engordar na parte inferior (excesso de tecido nas saias, volume exuberante das caudas dos vestidos). Nos homens, é o contrário, com a parte superior do corpo mais volumosa e imponente do que a inferior. (Lipovetsky, 2016, p. 163)

A valorização da leveza na moda feminina pode ser pensada como a expressão simbólica e estética da vocação de chorar do feminino, do seu poder de sedução sobre os homens, do seu estatuto de emblema decorativo, de «flor» da vida mundana. (Lipovetsky, 2016, p. 168)

1.4. Síntese do Conhecimento Cultural

“As categorias que nós utilizamos para explicar a certeza e o desconcerto são, na sua grande maioria, de carácter espacial. Carecer de um mapa, estar desorientado, sem referências no espaço, é a maneira mais habitual de descrever a incerteza.” (Innerarity, 2004, p. 101)

Há quem deduz disso que o tempo aniquilou o espaço (Harvey, 1990, 229), que vivemos numa sociedade atópica (Willke, 2001) na qual se produziu uma «bagatelização do lugar (Luhmann, 1997,152), a morte da distância. Os espaços mais decisivos são «não-lugares» (Augé, 1992), espaços de trânsito numa sociedade da qual, sem exagero, se pode falar de no sense of place (Meyrowitz, 1985). (Innerarity, 2004, p. 111)

“(…) resulta, pelo contrário, da crescente perda de representatividade dos centros numa civilização de tecidos técnicos, económicos e comunicativos que carecem de centro reconhecível.” (Innerarity, 2004, p. 120)

Que é uma função? Pois é, precisamente, fazer visível aquilo que se tornou invisível. Por isso a atual arquitetura política tem um viés de inofensiva nostalgia. Por isso o turista metropolitano não procura apenas o passado: procura e encontra nos vestígios arquitetónicos das capitais históricas a representação simbólica de uma coisa comum cuja atual funcionalização dificilmente se pode exprimir nas entidades locais. Procura a recordação de qualquer coisa longínqua que perdeu no meio de tanta imediatez, uma coisa que - por favor - não seja interativa, simpática, como nós, mas, se possível, tradicional, sublime e distante. (Innerarity, 2004, p. 121)

A libertação das mãos tem uma consequência igualmente importante. Levou ao aparecimento gradual – durante cerca de um milhão de anos – de um polegar mais delicado flexível. Este permite que uma pessoa agarre com precisão e firmeza, e foi isto que permitiu ao nosso primeiro antepassado Homo (H. habilis, ou «homem hábil») começar a fabricar utensílios, há cerca de 2 milhões de anos (Markze, 1997) [...]. Não foi por acaso que o filósofo do século XVIII Emmanuel Kant chamou à mão

humana «o cérebro exterior do homem». O polegar flexível, que agilizou a mão, é, portanto, o segundo atributo humano fundamental para a curiosidade humana. (Pasternak, 2009, pp. 110 - 111)

“Será que os humanos preferem realmente recolher nova informação – exploração – do que usarem o conhecimento já existente – utilização? Um grupo de cientistas de Londres e Pasadena começou a investigar esta questão (Daw et al., 2006). Mostraram que determinadas regiões do cérebro são preferencialmente ativadas durante as decisões para explorar (essencialmente para jogar), enquanto outras regiões são ativadas durante decisões mais seguras, mas potencialmente menos compensadoras, baseadas em conhecimento prévios. Uma característica interessante do trabalho destes investigadores é o facto de as regiões «exploratórias» parecerem maiores nos humanos do que nos outros primatas (Nathaniel Daw, comunicação pessoal)”. (Pasternak, 2009, p. 114)

“[...] 2000 anos, as pessoas indagavam, em média, de forma tão ávida como hoje em dia. Mas as mudanças culturais e não genéticas também afetam o nosso estilo de vida . (Pasternak, 2009, p. 119)

" [...] as mentes humanas são também profundamente sociais no sentido em que grande quantidade do conhecimento que acumulam (o «saber como» e o «saber que») é adquirida socialmente, a partir de outras mentes." (Pasternak, 2009, p. 136)

"[...] a importância funcional de cada característica é amplificada pelas outras e, assim, a seleção natural favorece o seu efeito combinado.” (Pasternak, 2009, p. 138)

[...] o neoconsumidor surge como um «coleccionador de experiências», um consumidor menos obcecado com a exibição social do que com prazeres inéditos. É assim que se apresenta um consumo mais volátil do que «estático», menos ostentatório do que emotivo, menos virado para o ter do que para os prazeres sempre renovados. Com o capitalismo de sedução, triunfa uma estética do consumo,

inseparável de um consumidor lábil, em movimento perpétuo, que, mais do que estar fixo, parece deslizar pelo mundo. (Lipovetsky, 2016, p. 48)

Novos tempos, novas expectativas: a revolução já não mobiliza ninguém, a política perdeu as suas dimensões utópicas e o consumo desenfreado cria numerosas desilusões. Agora, sonhamos com o aligeiramento das nossas vidas, sem porém, nos afastarmos realmente da sociedade de consumo. O indivíduo hipermoderno já não mostra a ambição de mudar o mundo, de fabricar a sociedade sem classes e o homem novo: quer «respirar», viver melhor, mais «leve». Por isso, o crescimento de novas espiritualidades, a busca de novas maneiras de consumir e de viver que rejeitam as pressões materialistas do «sempre mais». (Lipovetsky, 2016, p. 62)

Nada travará o tropismo neofílico, isto porque se enraíza na destradicionalização específica das sociedades modernas e porque não deixa de ser relançado por uma cultura hedonista e por uma ordem económica baseada na inovação perpétua. Estes fenómenos de fundo, inseparáveis das sociedades de mobilidade, impedem que se imagine o desaparecimento da paixão pelo Novo. (Lipovetsky, 2016, p. 68)

O indivíduo hipermoderno é policrónico, joga com os ritmos temporais, ziguezagueando entre aceleração e abrandamento, intensificação e relaxamento. A qualidade de vida já não assenta num único vetor; requer, em função dos momentos e dos arbítrios individuais, ora mais velocidade (transporte, comunicação eletrónica...), ora menos precipitação e arquejo. Agora, a experiência do aligeiramento da vida passa tanto pela via da velocidade como pela do abrandamento. É o tempo do aligeiramento dessincronizado, «fragmentado», á la carte. (Lipovetsky, 2016, p. 71)

[...] o aligeiramento contemporâneo da vida pode seguir vias muito diferentes, por vezes opostas. Uma, com o consumo, procura um sentimento de leveza episódica e compensadora. A outra, que decorre da criação artística, suscita uma respiração de um género muito diferente, associada como está ao enriquecimento da vida, à felicidade estética, à transformação alegre das formas evocadas por Nietzsche, ainda que a outro nível. Prática da música, da dança, da fotografia: formas de escapar à vida pesada e rotineira, de manifestar um Eu único sob o signo da criatividade, de ter a sensação de uma vida pessoal mais rica. Na criação estética, procura-se um tipo de leveza, não para além do bem e do

mal, mas para além da repetição fastidiosa da vida profissional e da insignificância do quotidiano consumista. (Lipovetsky, 2016, p. 73)

“Não há sociedade sem ideais coletivos. Como escrevia Tocqueville: sem ideias comuns, «pode haver homens, mas não um corpo social. Para que haja sociedades [...] é preciso que todos os espíritos dos cidadãos estejam unidos por algumas ideias principais». Os ideais específicos de uma comunidade podem variar, ser mais ou menos interiorizados, mas têm «necessariamente um lugar»”. (Lipovetsky, 2016, p. 112)

“[...] não faz parte da essência da revolução da leveza rejeitar as grandes infraestruturas: deverá, antes, esforçar-se por promover uma «estética das infraestruturas» capaz de criar paisagens, «infraestruturas-espacos público», que associam a realização de grandes obras e a integração na paisagem.” (Lipovetsky, 2016, p. 156)

C o n h e c i m e n t o C i e n t í f i c o

2

Ao longo deste segundo subcapítulo, abordar-se-á o Conhecimento Científico, que se entende como aquele que expõe temas factuais, cuja sua análise não dependerá exclusivamente do observador.

A demonstração de factos e dados que validam ideias e pensamentos é verificável, bem como processos de investigação, observação.

O método selecionado é o mesmo que no subcapítulo anterior

2.1. A Ilusão da Memória

Julia Shaw

“As memórias são os nossos bem mais preciosos. Confiamos nelas todos os dias das nossas vidas. Fazem de nós aquilo que somos. E, contudo, a verdade é que elas estão longe de ser o registo exato do passado que gostaríamos que fossem. Na realidade, todos reconhecemos ter sofrido de lapsos de memória ocasionais, como daquela vez em que entrámos numa sala e percebemos que nos esquecemos do que lá íamos fazer, ou quando de repente não conseguimos lembrar-nos do nome de alguém com quem já nos encontrámos dezenas de vezes. E se as nossas mentes cometerem erros mais profundos, que permitam a manipulação ou a própria falsificação de memórias?

Nesta obra, a psicóloga forense e estudiosa da memória Julia Shaw utiliza os dados da investigação mais recente para mostrar a variedade assombrosa de processo pelos quais os nossos cérebros podem ser levados ao engano. Demonstra que, por vezes, nos apropriamos indevidamente de memórias alheias que depois acreditamos serem nossas. Explica porque pode a polícia levar um inocente a ser condenado a prisão perpétua com base em 300 desmentidos e apenas uma confissão. Revela a forma como memórias falsas podem ser deliberadamente implantadas, levando as pessoas a acreditar em coisas que nunca aconteceram. E mostra como, apesar de tudo isso, podemos melhorar a nossa memória se tivermos consciência da sua falibilidade.

Tão fascinante quanto perturbador, este livro proporciona-nos uma visão excecional do cérebro humano, desafiando-nos a questionar até que ponto nos podemos conhecer verdadeiramente a nós próprios.” (A Ilusão da Memória, 2016)

2.1.1. Memórias Sujas

Neste capítulo, Julia Shaw começa por refletir como a nossa perceção pode influenciar na criação de novas memórias. Desta forma, a autora argumenta que é através da perceção do mundo que é possível recordar episódios específicos de momentos marcantes:

“Uma das perspetivas acerca da forma como percecionamos o mundo é constituída por um modelo chamado «processamento de alimentação de dados», ou «de baixo para cima». Estabelece que a nossa representação de como é o mundo à nossa volta é alimentada quase inteiramente pela informação que coligimos dos nossos sentidos primários acerca do nosso meio e que é minimamente moldada pelas nossas expectativas. [...]

O modelo de baixo para cima representa sobretudo a forma como sentimos intuitivamente que a perceção devia ser – uma representação exata do verdadeiro mundo, construída da informação que os nossos sentidos nos fornecem sobre o nosso meio.” (Shaw, 2016, pp. 52-53)

Desta forma, a autora destaca a importância na memória na perceção da realidade, afirmando que “. [...] quase nunca interpretamos apenas um objeto isolado, mas, pelo contrário, recorremos à memória para a nossa interpretação do mundo.” (Shaw, 2016, p. 54) E acrescenta:

“[...] certamente não temos tempo suficiente para verificar se todos os objetos no nosso meio que nos parecem tridimensionais o são de facto. Por isso tomamos aquilo que nos parecem ser atalhos interpretativos razoáveis. A perceção é experimentada como um processo coerente e fluido apenas porque o nosso cérebro está constantemente a presumir suposições abalizadas, preenchendo as falhas de informação (Shaw, 2016, p. 55)

Assim, Shaw (2016) defende que a perceção tende a facilitar o desempenho da memória, preenchendo as falhas de informação. Esta ação pode levar a interpretações erráticas da realidade.

E acrescenta que: “[...]um aumento da excitação está associado a um aumento do desempenho da memória.” (Shaw, 2016, p. 59) Assim, Shaw afirma que “[...]se soubermos

que aprendemos ou experimentámos algo durante um tipo particular de excitação, ao recriar esse estado deveremos ser capazes de recordar melhor.” (Shaw, 2016, p. 63)

Para a autora, um dos indícios que podemos usar para nos ajudar a datar as memórias é conhecido como «ponto de referência»:

“Os pontos de referência são acontecimentos importantes, como o assassinio de JFK em 1963, o 11 de Setembro, ou quando a Rússia invadiu a Ucrânia em 2014, que as pessoas podem usar para se orientarem ao longo do seu contínuo temporal [...]. (Shaw, 2016, p. 70)

Julia Shaw (2016) destaca que existe uma tendência de se conseguir fixar memórias através de acontecimentos importantes, que servem como guias temporais. Apesar de existirem métodos capazes de desenvolver a datação de memórias, o ser humano, tem a tendência de recordar esses acontecimentos, ora como se tivessem ocorrido há mais tempo (quando não o foram) ou inversamente. A autora explica:

“Em particular, recordamos frequentemente coisas que aconteceram mais recentemente como se tivessem acontecido há mais tempo do que realmente sucederam. Inversamente, recordamos com frequência coisas de há muito tempo como «se tivessem sido ontem». [...]

Embora a «telescopação» se deva a uma complexa interação de enviesamentos mnemónicos, uma das razões pelas quais poderemos particularmente pensar que as coisas aconteceram mais recentemente do que aquilo que aconteceram («telescopação» para a frente) deve-se a que as memórias que são pontos de referência são frequentemente muito acessíveis. (Shaw, 2016, pp. 71-72)

E concluindo a sua reflexão, a autora afirma que:

“Umas das explicações para o ressalto das reminiscências poderá ser estar relacionado com a nossa emergência de um verdadeiro sentido do eu, que parece ser um fenómeno largamente universal. Em que idade formaram uma identidade estável? As hipóteses são de que, se forem uma mulher, a vossa identidade se tenha revelado quando tinham entre 13 e 14 anos, e, se forem um homem, entre os 15 e os 18.” (Shaw, 2016, p. 74)

2.1.2. Danças com Abelhas

Neste capítulo, Julia Shaw aborda as etapas que levam à formação de memória, bem como o que motiva a criação de falsas memórias. Com este objetivo, a autora introduz:

“Assim, como dizem os nossos estudiosos das abelhas, Hunt e Chittka, «A difusão dessas falsas memórias cria um enigma: perante as pressões da seleção para a exatidão da memória, como poderão essas falhas sistemáticas ter persistido ao longo do tempo evolucionário? É possível que os erros da memória sejam um resultado lateral inevitável das nossas memórias adaptativas».» (Shaw, 2016, pp. 81-82)

Shaw (2016) afirma que esta qualidade adaptativa do nosso cérebro designa-se de «plasticidade neuronal» e graças a ela que “[...] que podemos sequer ter memórias. As células no nosso cérebro, chamadas «neurónios», ligam-se umas às outras desenvolvendo redes significativas e estas redes mudam em função de novas experiências. (Shaw, 2016, p. 82) E acrescenta que, “para que qualquer tipo de experiência se mantenha sob forma de memória, é preciso que forme uma representação física no vosso cérebro.” (Shaw, 2016, p. 82)

“Os nossos neurónios têm braços finos chamados «dendrites», que permitem que se estendam fisicamente até outras células; as espinhas no seu interior atuam como centros de comunicação entre estes braços. Dentro de cada neurónio individual as mensagens deslocam-se sobretudo como impulsos elétricos, mas os neurónios comunicam entre si na maior parte das vezes por meio de químicos passados por sinapses. A sinapse é um intervalo (ou uma depressão) entre dois neurónios. As sinapses são transmissores e recetores; as memórias fortes são em grande medida o resultado de um fácil fluxo contínuo de informação de uma célula para a seguinte. Esta comunicação acontece por intermédio de mensageiros químicos chamados «neurotransmissores», que dizem aos neurónios o que hão-de fazer, sobretudo se hão-de tornar-se mais ou menos ativos. (Shaw, 2016, p. 84)

“Os priões podem mudar de forma, dobrando-se e reformulando-se de maneiras estruturalmente diferentes. Outra das suas notáveis propriedades é poderem existir sozinhos, ou formarem cadeias. Estas cadeias podem fazer com que as células vizinhas se juntem à cadeia automaticamente, formando assim uma ligação física. “ (Shaw, 2016, p. 87)

Shaw (2016) refere em 2014, o neurobiólogo do University College de Londres John O’Keef descobriu estas células de lugar, que atuam como um GPS interno, fornecendo-nos um mapa do nosso meio e armazenando apenas este tipo de informação espacial.

A autora recupera as quatro leis da associação, definidas por Aristóteles, no seu texto “Sobre a Memória e a Reminiscência”:

“A primeira é a lei da semelhança – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas semelhantes a esse objeto. A segunda é a lei do contraste – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas que foram originalmente experimentadas juntamente com esse objeto. Quarta, a lei da frequência – quantas mais vezes duas coisas forem experimentadas juntas, maior será a probabilidade de a experiência ou recordação de uma delas estimular a recordação da outra. Podemos continuar a ver estas leis refletidas em muitas das conceptualizações atuais da memória, incluindo aquelas que exploraremos neste capítulo. (Shaw, 2016, p. 98)

E explicando o que compõe a associação entre dois elementos, refere:

“Pensa-se que os nódulos com significados semelhantes têm ligações mais fortes. Assim, o nódulo «pólicia» estará provavelmente ligado fortemente ao nódulo «lei» e fracamente ao nódulo «mesa». Depois de termos ativado um nódulo, a energia que lhe enviamos pode ser conceptualizada como irradiando dessa fonte original e ativando depois automaticamente outros nódulos relacionados. Assim, se o nódulo que ativarmos primeiro for «pólicia», a energia viajará então automaticamente daí para outros nódulos que lhe estão fortemente associados, como «lei». (Shaw, 2016, p. 100)

Para a autora, “a ativação associativa pode contribuir para a formação de uma falsa memória em dois pontos no tempo – durante a codificação e durante a evocação.” (Shaw, 2016, p. 100) E afirma que, a ativação associativa implica assim que as falsas memórias sejam o lado negativo da capacidade de formar poderosas associações.:

“O lado positivo é que estas associações nos permitem logo à partida ter memórias, juntamente com a capacidade de religar criativamente ideias para responder ao nosso meio e arranjar soluções complexas para os problemas. Isto significa também que, uma vez que as associações entre memórias

ou conceitos podem ser fortalecidas ou enfraquecidas, tal poderá afetar a probabilidade de ilusões e erros da memória. (Shaw, 2016, p. 101)

Assim, e concluindo, a autora afirma que se torna relevante compreender os mecanismos fundamentais que provocam as ilusões da memória, definidos em quatro princípios:

“[...] Principio 1: processamento e Armazenamento Paralelos. O primeiro princípio diz que existe um processamento paralelo de entradas – os indivíduos armazenam traços mnemónicos «verbatim» e «essenciais» ao mesmo tempo e armazenam-nos como fragmentos independentes no cérebro. Por isso, quando olhamos para uma cena, processamos aquilo que parece (verbatim) e o significado ou interpretação que lhe atribuímos (essência) ao mesmo tempo e estes dois conjuntos de informação são armazenados separadamente.

Principio 2: Evocação Separada [...] O ponto importante é que a evocação da memória verbatim e essencial pode acontecer independentemente uma da outra, sendo a memória essencial geralmente mais estável ao longo do tempo do que a memória verbatim.

Principio 3: Exposição ao Erro. A evocação independente dos dois tipos de traços da memória expõe os indivíduos a uma série de potenciais erros mnemónicos. A natureza intrinsecamente imprecisa dos fragmentos da memória essencial dá lugar a um sentimento de familiaridade derivado deles acerca de um determinado acontecimento que causa a fabricação de pormenores verbatim.

Principio 4: Nitidez. [...] A recordação de traços essenciais, por outro lado, é por vezes considerada como uma forma de lembrança mais genérica e associada à familiaridade experimentada e à percepção de que algo ocorreu, mas não pode ser explicitamente recordado. (Shaw, 2016, pp. 105-107)

2.1.3. Media Sociais

Neste capítulo, a autora afirma que não é possível ao ser humano realizar multitarefas, destacando que o que o Ser Humano tem é uma capacidade de trocar de tarefas de forma rápida. Isto porque, “[...]aquilo que se entende por multitarefas é em geral algo mais

complexo, ou seja, executar tarefas significativas que exigem atenção e memória e reflexão.
“ (Shaw, 2016, p. 226)

“Tal como o neurocientista Earl Miller do MIT diz, «As pessoas não são muito boas em multitarefas e, quando dizem que são, estão a iludir-se [...]. O cérebro é muito bom a iludir-se a si próprio.

Miller sugere que a melhor palavra para ser usada no género de situações que gostamos de pensar que envolvem multitarefas é «multitroca»: «Quando as pessoas pensam que estão a executar multitarefas, na verdade estão apenas a trocar uma tarefa por outra muito rapidamente. E, de cada vez que o fazem, há um custo cognitivo.» assim, embora possamos sentir que conseguimos fazer as coisas mais depressa, estamos em vez disso a sobrecarregar os nossos cérebros. (...).

Essa sobrecarga leva a um custo cognitivo, que por sua vez trará custos na realização da tarefa, bem como “. [...] na produtividade, [...] pensamento crítico, [...] capacidade de concentração, [...] exposição ao erro. [...] na nossa capacidade de nos lembrarmos das coisas mais tarde.” (Shaw, 2016, p. 227)

Explicando cientificamente, a autora afirma:

“Cada neurónio emite um ruído elétrico que pode ser medido. As ondas cerebrais são essencialmente os nossos neurónios a disparar em conjunto. Podem fazê-lo em diversas frequências, desde menos de 1Hz até mais de 60 Hz. Os estados de espírito mais descontraídos em geral criam frequências mais baixas e, quanto maior o esforço que pomos numa tarefa, mais a frequência sobe. (...).

Sugerem que o nosso cérebro «regula o fluxo do tráfego neuronal mediante a sincronia rítmica entre neurónios», o que significa que, quando temos um pensamento, há uma seleção de neurónios (a que se referem como um ensemble) a disparar todos no mesmo comprimento de onda.” (Shaw, 2016, p. 229)

Shaw (2016) afirma que os neurónios organizam-se em grupos, que por sua vez leva a que uma parte desses neurónios se ativem numas alturas e que se desativem noutras. Este

comportamento deve-se ao facto da ligação que estes possuem entre si permitir a sua configuração e reconfiguração, permitindo flexibilidade mental. No entanto, a autora afirma que esta ação tem consequências práticas, nomeadamente na impossibilidade de fazer mais que uma coisa ao mesmo tempo.

Segundo a autora, é através das ondas alfa que o cérebro regula e identifica a importância de cada tarefa:

“O que era fascinante acerca destas ondas alfa é que apenas apareciam quando os macacos estavam prestes a mudar da identificação da orientação de uma linha para a identificação da cor dessa linha. Por outras palavras, as ondas alfa eram as ondas de mudança de tarefa. As ondas alfa impedem-nos de pensar em coisas irrelevantes. (...).

Quando executamos tarefas que estão a tentar usar a mesma parte do cérebro, como a tarefa de procura visual de cor/ orientação/, em geral temos muito maior dificuldade do que com duas operações que não entram diretamente em conflito, como andar e falar. Procurar coisas verticais e azuis exatamente ao mesmo tempo (em vez de troca quase instantânea que acabámos de descrever) exigiria que exatamente os mesmos neurónios visuais realizassem duas diferentes tarefas em simultâneo. (Shaw, 2016, p. 231)

Em seguida, a autora explica a origem das falsas memórias:

“Adoramos o nosso mundo em linha por causa do constante sentimento de ligação que nos fornece. Permite-nos o acesso um fluxo quase ilimitado de informação acerca do mundo e fornece-nos um fórum para a partilharmos instantaneamente as nossas memórias e as nossas impressões acerca dele com outras pessoas. Por este processo de partilhas, as nossas memórias tornaram-se parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda”. (Shaw, 2016, p. 234)

Para Shaw (2016), este processo de partilha de memórias, influência e molda a nossa percepção da realidade, potenciando a alteração das nossas próprias memórias.

“De acordo com o cientista psicólogo Alan Brown, da Universidade Metodista do Sul, e os seus colegas, outra fonte de falsas memórias é o empréstimo de memórias, em que alguém se apropria diretamente da memória autobiográfica de outra pessoa e relata-a como se fosse sua.” (Shaw, 2016, p. 238)

“As influências normativas são as dos grupos sobre os seus membros – situações em que não queremos destoar, independentemente de acharmos que o grupo esteja correto ou não. As influências sociais informacionais são também facilitadas pelos grupos, mas não os exigem necessariamente. São instâncias em que acreditamos que outra pessoa está mais bem informada do que nós, por isso adotamos a sua informação, convencidos de que será provavelmente correta – uma situação em que um grupo ou, por exemplo, um entrevistador sabe na verdade a resposta correta.” (Shaw, 2016, p. 241)

Concluindo, Shaw (2016) afirma que, com a origem do mundo digital, a memória também se adaptou de forma a poder usufruir das suas vantagens. Assim, o cérebro terá sempre a tendência de se esforçar o mínimo possível e por isso preenche os campos vazios de uma memória com situações experienciadas. O facto de se saber que uma determinada informação estará ao nosso alcance mais tarde, leva a que se disponibilize pouca energia para a sua memorização, como comprovado pelas experiências de Sparrow:

2.1.4. Síntese

“Uma das perspetivas acerca da forma como percecionamos o mundo é constituída por um modelo chamado «processamento de alimentação de dados», ou «de baixo para cima». Estabelece que a nossa representação de como é o mundo à nossa volta é alimentada quase inteiramente pela

informação que coligimos dos nossos sentidos primários acerca do nosso meio e que é minimamente moldada pelas nossas expectativas. [...]

O modelo de baixo para cima representa sobretudo a forma como sentimos intuitivamente que a percepção devia ser – uma representação exata do verdadeiro mundo, construída da informação que os nossos sentidos nos fornecem sobre o nosso meio.” (Shaw, 2016, pp. 52-53)

“Quase nunca interpretamos apenas um objeto isolado, mas, pelo contrário, recorremos à memória para a nossa interpretação do mundo.” (Shaw, 2016, p. 54)

“Para que qualquer tipo de experiência se mantenha sob forma de memória, é preciso que forme uma representação física no vosso cérebro.” (Shaw, 2016, p. 82)

“De acordo com o texto de Aristóteles Sobre a Memória e a Reminiscência, há quatro leis da associação. A primeira é a lei da semelhança – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas semelhantes a esse objeto. A segunda é a lei do contraste – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas que foram originalmente experimentadas juntamente com esse objeto. Quarta, a lei da frequência – quantas mais vezes duas coisas forem experimentadas juntas, maior será a probabilidade de a experiência ou recordação de uma delas estimular a recordação da outra. Podemos continuar a ver estas leis refletidas em muitas das conceptualizações atuais da memória, incluindo aquelas que exploraremos neste capítulo.” (Shaw, 2016, p. 98)

“Princípio 1: processamento e Armazenamento Paralelos. O primeiro princípio diz que existe um processamento paralelo de entradas – os indivíduos armazenam traços mnemónicos «verbatim» e «essenciais» ao mesmo tempo e armazenam-nos como fragmentos independentes no cérebro. Por isso, quando olhamos para uma cena, processamos aquilo que parece (verbatim) e o significado ou interpretação que lhe atribuímos (essência) ao mesmo tempo e estes dois conjuntos de informação são armazenados separadamente.” (Shaw, 2016, pp. 105 - 106)

“. [...]aquilo que se entende por multitarefas é em geral algo mais complexo, ou seja, executar tarefas significativas que exigem atenção e memória e reflexão. “ (Shaw, 2016, p. 226)

Tal como o neurocientista Earl Miller do MIT diz, «As pessoas não são muito boas em multitarefas e, quando dizem que são, estão a iludir-se [...]. O cérebro é muito bom a iludir-se a si próprio.

Miller sugere que a melhor palavra para ser usada no género de situações que gostamos de pensar que envolvem multitarefas é «multitroca»: «Quando as pessoas pensam que estão a executar multitarefas, na verdade estão apenas a trocar uma tarefa por outra muito rapidamente. E, de cada vez que o fazem, há um custo cognitivo.» assim, embora possamos sentir que conseguimos fazer as coisas mais depressa, estamos em vez disso a sobrecarregar os nossos cérebros. (Shaw, 2016, p. 227)

“O que era fascinante acerca destas ondas alfa é que apenas apareciam quando os macacos estavam prestes a mudar da identificação da orientação de uma linha para a identificação da cor dessa linha. Por outras palavras, as ondas alfa eram as ondas de mudança de tarefa. As ondas alfa impedem-nos de pensar em coisas irrelevantes.” (Shaw, 2016, p. 231)

Adoramos o nosso mundo em linha por causa do constante sentimento de ligação que nos fornece. Permite-nos o acesso um fluxo quase ilimitado de informação acerca do mundo e fornece-nos um fórum para a partilharmos instantaneamente as nossas memórias e as nossas impressões acerca dele com outras pessoas. Por este processo de partilhas, as nossas memórias tornaram-se parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda. (Shaw, 2016, p. 234)

2.2. Síntese do Conhecimento Científico

“Uma das perspectivas acerca da forma como percebemos o mundo é constituída por um modelo chamado «processamento de alimentação de dados», ou «de baixo para cima». Estabelece que a nossa representação de como é o mundo à nossa volta é alimentada quase inteiramente pela informação que coligimos dos nossos sentidos primários acerca do nosso meio e que é minimamente moldada pelas nossas expectativas. [...]

O modelo de baixo para cima representa sobretudo a forma como sentimos intuitivamente que a percepção devia ser – uma representação exata do verdadeiro mundo, construída da informação que os nossos sentidos nos fornecem sobre o nosso meio.” (Shaw, 2016, pp. 52-53)

“. [...] quase nunca interpretamos apenas um objeto isolado, mas, pelo contrário, recorremos à memória para a nossa interpretação do mundo.” (Shaw, 2016, p. 54)

“A primeira é a lei da semelhança – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas semelhantes a esse objeto. A segunda é a lei do contraste – a experiência ou recordação de um objeto provocará a recordação de coisas que foram originalmente experimentadas juntamente com esse objeto. Quarta, a lei da frequência – quantas mais vezes duas coisas forem experimentadas juntas, maior será a probabilidade de a experiência ou recordação de uma delas estimular a recordação da outra. Podemos continuar a ver estas leis refletidas em muitas das conceptualizações atuais da memória, incluindo aquelas que exploraremos neste capítulo. (Shaw, 2016, p. 98)

“Princípio 1: processamento e Armazenamento Paralelos. O primeiro princípio diz que existe um processamento paralelo de entradas – os indivíduos armazenam traços mnemónicos «verbatim» e «essenciais» ao mesmo tempo e armazenam-nos como fragmentos independentes no cérebro. Por isso, quando olhamos para uma cena, processamos aquilo que parece (verbatim) e o significado ou interpretação que lhe atribuímos (essência) ao mesmo tempo e estes dois conjuntos de informação são armazenados separadamente.” (Shaw, 2016, pp. 105 - 106)

Miller sugere que a melhor palavra para ser usada no gênero de situações que gostamos de pensar que envolvem multitarefas é «multitroca»: «Quando as pessoas pensam que estão a executar multitarefas, na verdade estão apenas a trocar uma tarefa por outra muito rapidamente. E, de cada vez que o fazem, há um custo cognitivo.» assim, embora possamos sentir que conseguimos fazer as coisas mais depressa, estamos em vez disso a sobrecarregar os nossos cérebros. (Shaw, 2016, p. 227)

O que era fascinante acerca destas ondas alfa é que apenas apareciam quando os macacos estavam prestes a mudar da identificação da orientação de uma linha para a identificação da cor dessa linha. Por outras palavras, as ondas alfa eram as ondas de mudança de tarefa. As ondas alfa impedem-nos de pensar em coisas irrelevantes. (Shaw, 2016, p. 231)

Adoramos o nosso mundo em linha por causa do constante sentimento de ligação que nos fornece. Permite-nos o acesso um fluxo quase ilimitado de informação acerca do mundo e fornece-nos um fórum para a partilharmos instantaneamente as nossas memórias e as nossas impressões acerca dele com outras pessoas. Por este processo de partilhas, as nossas memórias tornaram-se parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda. (Shaw, 2016, p. 234)

C o n h e c i m e n t o E x p e r i m e n t a l

3

Ao longo deste terceiro subcapítulo, abordar-se-á o Conhecimento Experimental, que se entende como o conhecimento que se adquire através da experimentação, nomeadamente através de métodos de observação, análise e experimentação, tendo como objeto de estudo as sociedades, natureza e o próprio Homem. -

O método selecionado é o mesmo que no subcapítulo um e dois.

3.1. Arte e Instinto

Denis Dutton

“Será possível que exista uma predisposição genética nos humanos para apreciar uma escultura polinésia ou um romance de Jane Austen, uma canção de Sinatra ou um quadro de Seurat? O encontro entre duas disciplinas mais fascinantes e controversas, a arte e a ciência evolucionista, num livro ousado que irá transformar a nossa visão das artes e das letras.

O gosto que os humanos possuem pelas artes é uma característica evolucionista, modelada pela seleção natural. Ao contrário do que tem vindo a ser proclamado pela teoria e pela crítica de arte do último século, não é uma «construção social», determinada pelo contexto cultural. O nosso amor pela beleza é inato e os mesmos gostos artísticos estão presentes na generalidade das culturas. Dutton defende que devemos fundamentar a crítica da arte no conhecimento da evolução humana, e não numa «teoria» abstrata. Espirituosa, culta e profundamente humana, a sua abordagem apresenta-nos uma novíssima forma de interpretar a criação artística.” (Arte e Instinto, 2010)

3.1.1. Os usos da ficção

Neste capítulo o autor reflete sobre a perceção humana e a ficção.

Para Dutton (2010), esta perceção acontece não no mundo real, mas num mundo ficcionário onde as regras diferem do mundo real. No entanto, afirma que ambos os mundos dependem e se relacionam de forma a criarem crenças, motivações e ideias.

“As obras de arte podem ser incorporadas como objetos físicos – esculturas de pedra ou telas pintadas, pontos pretos feitos de tinta em papel ou pixéis em ecrãs de computador, ou ondas de ar vibratório que os instrumentos musicais produzem para estimular os mecanismos do ouvido interno. Mas considerados, estritamente, enquanto objetos que proporcionam uma experiência estética, as obras de arte não acontecem no mundo, mas no teatro da mente humana. A «frase teatro da mente» é

uma metáfora adequada, sugerindo drama, cenários de palco, atores e, principalmente, a noção de um mundo de faz-de-conta.” (Dutton, 2010, p. 175)

Assim o autor destaca que, segundo os pensamento de Kant, “[...] uma obra de arte é destacada, apartada, desconectada – não da atenção atenta, mas sim das necessidades imediatas pessoais, desejos e planos práticos.” (Dutton, 2010, p. 178) Pode ser melhor compreendida “[...], através da máxima: «A existência é suspensão.» onde a “[...] suspensão do interesse na existência de um objeto era fundamental para uma resposta imaginativa adequada à arte [...]” (Dutton, 2010, p. 178).

Dutton (2010) afirma que existe uma tendência para a mente humana achar interessante a arte da narrativa, possibilitando assim a participação em diferentes mundos imaginados que sendo irreais fazem parte do mundo real. No desenvolvimento desta ideia, o autor sustenta este pensamento, referindo:

“Para Tooby e Cosmides, «parece que os humanos possuem uma maquinaria cognitiva especializada e evoluída que nos permite entrar e participar em mundos imaginados». Eles chamam a esta capacidade de cognição separadora. Como Aristóteles, que na sua Poética se refere tanto à universalidade das brincadeiras imitativas das crianças como à universalidade do prazer sentido na observação de imitações, Tooby e Cosmides dão maior importância à origem deste processo mental nas brincadeiras fictícias das crianças. As brincadeiras fictícias, expostas como uma parte do desenvolvimento normal da criança, necessitam de mecanismos subtis de tirar o fôlego para separar o mundo da brincadeira do mundo real e de outros mundos de faz-de-conta. O que acontece não é a diferença verdade/ mentira ser abandonada durante a brincadeira, mas sim que o mundo de brincar é isolado, e a verdade torna-se verdade-para-o-mundo-de-brincar.” (Dutton, 2010, p. 180)

No desenvolvimento da ideia, Dutton (2010) afirma que as crianças têm tendência em confundir a fantasia com a realidade, de tal modo que conseguem criar inúmeros mundos imaginados distinguindo-os entre eles, mas também distingui-los de atividades do mundo real, esta predisposição para a criação de mundos imaginados “[...] encontra-se ao mesmo

nível de outro reino do prazer espontâneo, a experiência da ficção por parte dos adultos.”
(Dutton, 2010, p. 182)

Em seguida o autor analisa de que forma a ficção teve um impacto evolucionista:

“Um darwinismo persistente reclama uma exigência específica: nada pode ser proposto como uma função adaptável da ficção, a não ser que explique como o apetite humano para as narrativas ficcionais agiu para aumentar, de qualquer forma marginal, as hipóteses dos nossos descendentes do Plistocénico sobreviverem ou procriarem. (...)”

(Isto porque na criação de histórias) fornecem experiências [...] preparações para a vida e para as surpresas. [...] podem ser uma fonte bastante instrutiva de informação factual [...] encoraja-nos a explorar os pontos de vista, crenças, motivações e valores de outras mentes humanas [...] fornecem regulação para o comportamento social.” (Dutton, 2010, pp. 186 - 187)

“A adaptabilidade deriva da capacidade da mente humana para construir um aglomerado de experiências em termos de casos individuais e concretos – não apenas as reais e autodescritas experiências de vida de um indivíduo, mas também as narrativas acumuladas na memória que fazem as tradições da narração de histórias: boatos, mitologias, conhecimento técnico e fábulas morais – no geral, o que teria sido a sabedoria de uma sociedade de caçadores-recolectores. Seja quais forem os processos cerebrais que o permitem, a mente humana adquire e organiza um vasto armazenamento de saberes em termos de episódios dramáticos de história dos clãs, histórias de guerra, historietas sobre caçadas, desencontros, histórias de amores proibidos, ações mal pensadas com resultados trágicos, etc.”
(Dutton, 2010, p. 191)

Seguindo o pensamento atrás referido, o autor menciona que para a existência de uma história, é necessário, como em toda a história cultural existir um problema e conflito:

“Desta maneira, a caracterização mais abstrata que pode ser dada às histórias é a de que elas envolvem (1) uma vontade humana e (2) algum tipo de resistência a ela. É por esta razão que «A Maria estava com fome, a Maria comeu o jantar» narra uma sequência de eventos que ainda não se parecem

com uma história, enquanto «O João estava esfomeado, mas a despensa estava vazia» já soa como o início de uma.” (Dutton, 2010, p. 199)

“As histórias são universalmente constituídas desta maneira por causa do papel que o contar histórias pode desempenhar em ajudar indivíduos e grupos a desenvolver e aprofundar a sua própria compreensão da experiência social e emocional humana. O contador de uma história tem, na natureza da arte de contar histórias, acesso direto à experiência mental interior das personagens da história.” (Dutton, 2010, pp. 200 - 201)

Após esta análise o autor explica a necessidade de criação de mundos ficcionais, considerando que:

“A ficção fornece-nos, assim, modelos, mapas mentais para a vida emocional. Estes mapas, argumenta Carroll, devem ser «emocionalmente saturados e imaginativamente intensos». Por isso, a arte, é, pelo menos a este respeito, uma adaptação para os indivíduos porque ajuda-os a conhecer as suas próprias – isto é, caracteristicamente humanas – emoções e, por isso, ajuda-os a viver com o controlo das suas emoções em vez de serem controlados por elas. Como diz Carroll:

Provas disto podem ser derivadas de qualquer canto cultural da terra, pela maneira como a literatura e a narração de histórias em sociedades pré-literadas entra na totalidade da vida motivacional dos indivíduos, moldando e direcionando os seus sistemas de crenças e o seu comportamento”. (Dutton, 2010, p. 207)

E conclui, afirmando:

“Carl Jung passou para a questão muito mais abrangente de como, a um nível mais profundo, somos todos construídos psicologicamente da mesma maneira essencial [...], muito da mesma maneira de como somos geneticamente «programados» para crescer fisicamente: e é apenas ao nível mais superficial da nossa psique que a nossa individualidade emerge e que cada um de nós encontra o nosso próprio problema individual em lidar com o «programa» de desenvolvimento que o nosso inconsciente profundo deitou sobre nós.” (Dutton, 2010, p. 217)

3.1.2. Arte e Auto domesticação Humana

Neste capítulo, o autor aborda a questão da seleção sexual - e no que se baseia essa seleção - como forma de desenvolvimento e criação de uma vivência da sociabilidade mais rica, que permitiu fortalecer a espécie humana e lhe permitiu florescer.

Iniciando a sua reflexão, Dutton (2010) destaca a que a seleção sexual, como a seleção natural, é de fácil descrição, e que os seus efeitos desagradáveis na aparência e comportamento dos animais, são muitas vezes óbvios para a observação humana:

“A cauda do pavão, de acordo com a seleção sexual, é um indicador de boa condição física, um sinal de que é saudável e possui genes de boa qualidade. Uma cauda grande, colorida e simétrica funciona como uma declaração para a pavo, proclamando: «Vê como eu sou um pavão forte e saudável.» A dificuldade em crescer e sobreviver com uma monstruosidade tão esplêndida prova que o pavão que a exibe está apto; pavões fracos ou doentes não conseguem fazer crescer caudas adequadas e não irão, portanto, encontrar parceiras tão rapidamente.” (Dutton, 2010, p. 231)

Como base neste exemplo, Dutton considera que a seleção sexual evita classicamente estratégias de camuflagem, apresentando frequentemente formas e cores extravagantes e ostentosas. “Esta ostentação – tanto perigosamente óbvia como esbanjadora – não é um subproduto acessório de algum processo evolucionista, mas é o ponto central da seleção sexual e da prova de robustez.” (Dutton, 2010, p. 233) De igual modo, Daniel Nettle argumenta que,

“[...] uma vez que os machos estão muito mais interessados em aceder à fertilidade do que as mulheres, e a altura moderada é uma pista tanto para a maturidade sexual como para a fertilidade, deveríamos esperar que os homens fossem muito menos adversos à altura feminina do que as mulheres são relativamente à pequenez masculina. De facto, parece que para muitos homens pequenos e ricos uma esposa alta e bonita é um troféu.” (Dutton, 2010, p. 242)

O autor destaca igualmente o caso da linguagem:

“Um uso da linguagem tão elaborado e decorativo como este era inútil para a sobrevivência no Plistocénico, mas é tão intrínseco para a vida humana como outros traços mentais que foram criados e aperfeiçoados pela seleção sexual. Estes incluem as virtudes de se ser capaz de dizer e apreciar gracejos, ou de identificar e fazer uso de metáforas e analogias originais, ter uma boa memória ou ser capaz de contar uma história caracterizada pela relevância, coerência e surpresa. Estas características do uso da linguagem são notadas e premiadas pelos seres humanos como sendo sinais diretos e mostras de qualidade mental (e indiretos indicadores de saúde física). (Dutton, 2010, p. 250)

Com base nestas reflexões, Dutton afirma que a seleção sexual cria uma relação de causa-efeito entre géneros, que se pode contrapor à ideia inicial de seleção natural, e que permite a criação de várias estratégias, algumas de falsificação:

“Se puderem ser falsificados, então são indicadores inúteis. Se pavões doentes puderem desenvolver grandes caudas simétricas, a cauda perde o seu valor enquanto indicador. [...]. Assim, a seleção sexual cria uma corrida psicológica ao armamento na qual a capacidade assinalável de um sexo é confrontada com os poderes críticos e diferenciáveis do outro. É por isso que temos sapatos com palmilhas grossas e sutiãs que aumentam o peito.” (Dutton, 2010, pp. 255 - 256)

E acrescenta que é sobre este fenómeno que trabalham as indústrias de cosméticos, de culturismo e construção de vocabulários: “acentuam ou salientam ou falsificam sinais desejáveis.” (Dutton, 2010, p. 256)

“Por vezes ele parece estar a dizer que os custos elevados e a beleza, enquanto conceitos logicamente distintos, estão como é inevitável interligados pela natureza humana na nossa mente: quando alguém tem noção de que aquilo que pensava ser um serviço de prata feito à mão, é, na verdade, algo estampado por uma máquina, a gratificação derivada pela «sua contemplação enquanto objeto belo» é instantaneamente enfraquecida.” (Dutton, 2010, p. 261)

Quando Veblen diz: «As marcas dos custos elevados acabam por ser aceites como características belas de artigos caros», ele não está, no entanto, apenas a falar dos custos dos materiais: a noção do preço de um objeto, e, portanto, da sua beleza, é também aumentada pela perceção de um meio de produção lento e penoso. «Feito à mão» há-de, assim, ser sempre uma designação honorífica, superior a «feito à máquina», nos graus da beleza, independentemente do facto de que o produto industrial

possa ser mais suave, mais simétrico e livre de erros. Máquinas que não cometem erros são muito menos interessantes para nós do que mãos que não cometem erros. (Dutton, 2010, p. 265)

Concluindo a sua reflexão, Dutton afirma:

“A seleção sexual explica a vontade que os seres humanos têm de encantar e de se interessarem uns pelos outros. Ao mesmo tempo, explica o porquê de nos podermos considerar uns aos outros, de vez em quando, tão encantadores e interessantes. Achamos belos artefactos – gravuras, poemas, histórias, árias – cativantes porque, a um nível profundo, sentimos que eles nos levam para dentro dos seus criadores. Esta noção de comunhão, até mesmo de intimidade, com outras personalidades pode ser errónea – mesmo sistematicamente ilusória – mas a autodomesticação da seleção sexual não tinha que ver com a verdade; tinha que ver com a vivência da sociabilidade mais rica que desenvolveria a espécie humana e a permitiria florescer. Também isto define o sucesso para a sobrevivência, não apenas dos fisicamente mais fortes, mas também dos mais inteligentes, mais espirituosos e mais sábios.” (Dutton, 2010, p. 274)

3.1.3. Intenção, Falsificação, Dada: Três Problemas Estéticos

Neste capítulo o autor aborda a relação entre um objeto original e a sua falsificação, ou mais concretamente, a percepção que os indivíduos têm quando lhes é facultado a informação se um determinado objeto é ou não original.

Desta forma, inicia a sua reflexão perguntando:

“O que poderia ser mais razoável senão a noção de que os autores e artistas têm propósitos e intenções quando produzem as suas obras e que a compreensão disto é decisiva para que se entenda a sua arte?” (Dutton, 2010, p. 280)

Dutton (2010) afirma que a história e a cultura apresentam-nos formas artísticas nas quais podemos avaliar a mestria e o virtuosismo dos seus autores, mas destaca que a nossa

admiração da mestria e o virtuosismo é já uma adaptação que deriva da seleção sexual que, por sua vez, deriva da seleção natural. (p. 293)

E introduzindo a questão da percepção entre o original e a cópia, apresenta o seguinte exemplo:

“Segue-se que o indivíduo que paga uma soma avultada por um original, mas que não tem qualquer interesse numa reprodução que não consegue distinguir do original (por exemplo, um esboço de Picasso desenhado a pena) ou, pior, que escolhe um original esteticamente inferior a uma falsificação (ou cópia) excelente e superior está confuso ou, como sugerido por Arthur Koestler, é snobe. Se não se conseguirem distinguir dos objetos estéticos, de acordo com esta linha argumentativa, não pode existir qualquer distinção estética entre ambos. (Dutton, 2010, p. 298)

Dutton (2010) afirma que a preferência por um original em prol de uma réplica deve-se ao facto de haver um interesse intrínseco ao indivíduo por valores culturais e refere que “[...] a percepção estética, ao longo dos tempos e à medida que vai beneficiando da informação do conhecimento artístico, pode tornar-se mais incisiva e madura.” (Dutton, 2010, p. 299)

“Uma experiência sonora idêntica que seja sintetizada eletronicamente nunca nos poderá fascinar do mesmo modo: os sintetizadores de som conseguem produzir notas individuais à rapidez que desejarmos enquanto o pianista não o consegue fazer. Entretecida na emoção de ouvir um virtuoso encontra-se a admiração pelo que a representação significa em termos de realização humana. Falsificação e outras formas de falsear nas artes não reapresentam a natureza da execução e por isso não representam algo que se conseguiu. (Dutton, 2010, p. 312)

Assim, o autor afirma que, se por um lado, possuímos o impulso natural para tratarmos a obra de arte de um modo desinteressado ou desapegado, como um objeto que dá prazer na imaginação, por outro lado, “[...] as obras de arte são mostras de técnica, testes de aptidão darwinistas, e dependem de um sistema de informação inato que emergiu da seleção sexual. (Dutton, 2010, p. 314)

“A verdade é que o espanto seguido por um sentido de indignação e traição não são sentimentos exclusivos da música ou das artes. Assistir a alguém vencer a maratona de Nova Iorque ou bater um

recorde mundial no salto à vara também pode trazer lágrimas aos olhos – e quando se revela que o vencedor seguiu por um atalho, de metro, ou tinha usado uma vara mecanicamente aumentada, não se trata apenas do facto de o atleta ter feito batota no jogo: nós, a audiência, também nos sentimos enganados. Tenho a certeza de que a chave para este efeito psicológico é uma emoção evoluída, há muito familiar do senso comum, mas que inúmeros teóricos presumem ser apenas cultural ou convencional.” (Dutton, 2010, p. 317)

Dutton acrescenta:

“Na verdade, o próprio Darwin definiu admiração enquanto emoção: «surpresa associada a algum prazer e um sentido de aprovação». Haidt encara-a como uma agradável «reação a uma excelência não moral», que inclui extraordinárias demonstrações de aptidão, talento ou de empreendimento. As provas experimentais por ele fornecidas confirmam o que a maioria das pessoas suporia, intuitivamente: que sentimentos de admiração motivam as pessoas a quererem melhorar-se a si mesmas ou a emular a pessoa admirada. Mas deixando este resultado empírico de parte, a admiração é também um sentimento diferente de prazer que, pode supor-se, se encontra profundamente impregnado na nossa psicologia como uma adaptação feita para a vida em sociedade.” (Dutton, 2010, p. 319)

Dutton (2010) afirma que a demonstração da técnica não é a única característica que distingue um artista conceituado de um falseador: “[...] demonstrações de habilidade elevada causam admiração serão alvo não só de avaliação crítica mas também de inspeção e interrogação contínuas acerca do seu potencial fraudulento. (Dutton, 2010, p. 320)

E concluindo, o autor reflete:

“Talvez a pergunta de Duchamp seja acerca da possibilidade do artista em elaborar uma obra de arte que simultaneamente negue o seu estatuto enquanto obra de arte. Tal obra forçaria o seu público a dizer: «Não, não, aquilo não pode ser uma obra de arte.» um objeto deste género – com a intenção de espantar ou de frustrar o seu público – será um tipo de antiarte, descrita por P.N. Humble como «a antítese de algo criado primeiramente com a intenção de compensar a contemplação estética». Humble sugere que a antiarte «reflete e personifica a intenção de criar algo que não satisfaz, e que não

pode satisfazer, os critérios que são empregues quando se classificam objetos de arte». (Dutton, 2010, p. 326)

3.1.4. Síntese

As obras de arte podem ser incorporadas como objetos físicos – esculturas de pedra ou telas pintadas, pontos pretos feitos de tinta em papel ou pixéis em ecrãs de computador, ou ondas de ar vibratório que os instrumentos musicais produzem para estimular os mecanismos do ouvido interno. Mas considerados, estritamente, enquanto objetos que proporcionam uma experiência estética, as obras de arte não acontecem no mundo, mas no teatro da mente humana. A «frase teatro da mente» é uma metáfora adequada, sugerindo drama, cenários de palco, actores e, principalmente, a noção de um mundo de faz-de-conta. (Dutton, 2010, p. 175)

“[...] uma obra de arte é destacada, apartada, desconectada – não da atenção atenta, mas sim das necessidades imediatas pessoais, desejos e planos práticos.” (Dutton, 2010, p. 178)

“Para Tooby e Cosmides, «parece que os humanos possuem uma maquinaria cognitiva especializada e evoluída que nos permite entrar e participar em mundos imaginados». Eles chamam a esta capacidade de cognição separadora. [...]. As brincadeiras fictícias, expostas como uma parte do desenvolvimento normal da criança, necessitam de mecanismos subtis de tirar o fôlego para separar o mundo da brincadeira do mundo real e de outros mundos de faz-de-conta. O que acontece não é a diferença verdade/ mentira ser abandonada durante a brincadeira, mas sim que o mundo de brincar é isolado, e a verdade torna-se verdade-para-o-mundo-de-brincar.” (Dutton, 2010, p. 180)

“[...] fornecem experiências [...] preparações para a vida e para as surpresas. [...] podem ser uma fonte bastante instrutiva de informação factual [...] encoraja-nos a explorar os pontos de vista, crenças, motivações e valores de outras mentes humanas [...] fornecem regulação para o comportamento social.” (Dutton, 2010, pp. 186 - 187)

“A ficção fornece-nos, assim, modelos, mapas mentais para a vida emocional. Estes mapas, argumenta Carroll, devem ser «emocionalmente saturados e imaginativamente intensos». Por isso, a arte, é, pelo menos a este respeito, uma adaptação para os indivíduos porque ajuda-os a conhecer as suas próprias – isto é, caracteristicamente humanas – emoções e, por isso, ajuda-os a viver com o controlo das suas emoções em vez de serem controlados por elas.” (Dutton, 2010, p. 207)

Quando Veblen diz: «As marcas dos custos elevados acabam por ser aceites como características belas de artigos caros», ele não está, no entanto, apenas a falar dos custos dos materiais: a noção do preço de um objeto, e, portanto, da sua beleza, é também aumentada pela perceção de um meio de produção lento e penoso. «Feito à mão» há-de, assim, ser sempre uma designação honorífica, superior a «feito à máquina», nos graus da beleza, independentemente do facto de que o produto industrial possa ser mais suave, mais simétrico e livre de erros. Máquinas que não cometem erros são muito menos interessantes para nós do que mãos que não cometem erros. (Dutton, 2010, p. 265)

Achamos belos artefactos – gravuras, poemas, histórias, árias – cativantes porque, a um nível profundo, sentimos que eles nos levam para dentro dos seus criadores. Esta noção de comunhão, até mesmo de intimidade, com outras personalidades pode ser errónea – mesmo sistematicamente ilusória – mas a autodomesticação da seleção sexual não tinha que ver com a verdade; tinha que ver com a vivência da sociabilidade mais rica que desenvolveria a espécie humana e a permitiria florescer. Também isto define o sucesso para a sobrevivência, não apenas dos fisicamente mais fortes, mas também dos mais inteligentes, mais espirituosos e mais sábios.” (Dutton, 2010, p. 274)

“[...] as obras de arte são mostras de técnica, testes de aptidão darwinistas, e dependem de um sistema de informação inato que emergiu da seleção sexual. (Dutton, 2010, p. 314)

3.2. Síntese do Conhecimento Experimental

As obras de arte podem ser incorporadas como objetos físicos – esculturas de pedra ou telas pintadas, pontos pretos feitos de tinta em papel ou pixéis em ecrãs de computador, ou ondas de ar vibratório que os instrumentos musicais produzem para estimular os mecanismos do ouvido interno. Mas considerados, estritamente, enquanto objetos que proporcionam uma experiência estética, as obras de arte não acontecem no mundo, mas no teatro da mente humana. A «frase teatro da mente» é uma metáfora adequada, sugerindo drama, cenários de palco, actores e, principalmente, a noção de um mundo de faz-de-conta. (Dutton, 2010, p. 175)

“[...] uma obra de arte é destacada, apartada, desconectada – não da atenção atenta, mas sim das necessidades imediatas pessoais, desejos e planos práticos.” (Dutton, 2010, p. 178)

“[...] fornecem experiências [...] preparações para a vida e para as surpresas. [...] podem ser uma fonte bastante instrutiva de informação factual [...] encoraja-nos a explorar os pontos de vista, crenças, motivações e valores de outras mentes humanas [...] fornecem regulação para o comportamento social. (Dutton, 2010, pp. 186 - 187)

A ficção fornece-nos, assim, modelos, mapas mentais para a vida emocional. Estes mapas, argumenta Carroll, devem ser «emocionalmente saturados e imaginativamente intensos». Por isso, a arte, é, pelo menos a este respeito, uma adaptação para os indivíduos porque ajuda-os a conhecer as suas próprias – isto é, caracteristicamente humanas – emoções e, por isso, ajuda-os a viver com o controlo das suas emoções em vez de serem controlados por elas. Como diz Carroll:

Provas disto podem ser derivadas de qualquer canto cultural da terra, pela maneira como a literatura e a narração de histórias em sociedades pré-literadas entra na totalidade da vida motivacional

dos indivíduos, moldando e direcionando os seus sistemas de crenças e o seu comportamento. (Dutton, 2010, p. 207)

Quando Veblen diz: «As marcas dos custos elevados acabam por ser aceites como características belas de artigos caros», ele não está, no entanto, apenas a falar dos custos dos materiais: a noção do preço de um objeto, e, portanto, da sua beleza, é também aumentada pela percepção de um meio de produção lento e penoso. «Feito à mão» há-de, assim, ser sempre uma designação honorífica, superior a «feito à máquina», nos graus da beleza, independentemente do facto de que o produto industrial possa ser mais suave, mais simétrico e livre de erros. Máquinas que não cometem erros são muito menos interessantes para nós do que mãos que não cometem erros. (Dutton, 2010, p. 265)

Achamos belos artefactos – gravuras, poemas, histórias, árias – cativantes porque, a um nível profundo, sentimos que eles nos levam para dentro dos seus criadores. Esta noção de comunhão, até mesmo de intimidade, com outras personalidades pode ser errónea – mesmo sistematicamente ilusória – mas a autodomesticação da seleção sexual não tinha que ver com a verdade; tinha que ver com a vivência da sociabilidade mais rica que desenvolveria a espécie humana e a permitiria florescer. Também isto define o sucesso para a sobrevivência, não apenas dos fisicamente mais fortes, mas também dos mais inteligentes, mais espirituosos e mais sábios.” (Dutton, 2010, p. 274)

“[...] as obras de arte são mostras de técnica, testes de aptidão darwinistas, e dependem de um sistema de informação inato que emergiu da seleção sexual. (Dutton, 2010, p. 314)

C o n h e c i m e n t o L o g í s t i c o

4

Ao longo deste quarto subcapítulo, abordar-se-á o Conhecimento Logístico, que se entende como o conhecimento que apresenta metodologias orientadoras para a execuções de práticas, tarefas, análises e procedimentos de atividades.

É o desenvolvimento e criação de métodos que possibilitam a criação de produtos, ideias ou comportamentos.

O método selecionado é o mesmo que no subcapítulo anteriores.

4.1. Como tornar-se doente mental

J. L. Pio Abreu

“Este livro explica como adquirir uma doença psiquiátrica. É uma tentativa desesperada de contribuir para a saúde mental das pessoas, uma vez admitida a ineficácia de milhares de livros que ensinam tratamentos e regras de vida saudável. Ao assumir este projeto, o autor confia nos surpreendentes desígnios da inteligência humana.

O leitor interessado encontra aqui uma ampla variedade de doenças mentais, com os seus critérios de diagnóstico, e uma detalhada explicação do modo de atingir esses objetivos. Tudo coisas fáceis, porque o difícil ainda, manter-se saudável no meio desta complicada civilização consumista.” (Como tornar-se doente mental, 2016)

4.1.1. Como tornar-se fóbico

Ao longo deste capítulo, o autor descreve os sintomas inerentes à perturbação de pânico. Nesta, Abreu identifica várias variantes, e destacando a variante número 2, apresenta as seguintes fases:

“Perturbação de pânico

Situação paroxística de desconforto (cerca de 10 minutos), com 4 ou mais dos seguintes sintomas: 1) palpitações; 2) suores; 3) tremores; 4) dispneia; 5) sufocação; 6) dor no peito; 7) náusea ou mal-estar abdominal; 8) tonturas; 9) despersonalização ou desrealização; 10) medo de se descontrolar; 11) medo de morrer; 12) parestesias; 13) sensação de calor ou frio.” (Abreu, 2016, p. 32)

Se o leitor quiser ser fóbico, existe uma palavra que tem de retirar do seu dicionário: medo. Você está com as pernas a tremer, o peito afogueado, o coração a bater insuportavelmente, os pelos eriçados, desfaz-se em suores frios, tem os olhos arregalados, mas não tem medo. Tem antes uma

fobia, um ataque de pânico (passe o estúpido nome que os psiquiatras lhe deram), uma crise nervosa, mas medo, nunca. (Abreu, 2016, p. 23)

“Convenhamos que, na verdade, você é uma pessoa corajosa, mas é esse o seu problema. A carreira de fóbico faz-se muito precocemente, e há mesmo quem diga que um passo essencial é ter passado as agruras de um afastamento materno.” (Abreu, 2016, pp. 32 - 33)

“. [...] procura refúgio junto dos seus pais e família. Eles ficam todos satisfeitos porque têm a oportunidade, pela milésima vez, de o avisar para os perigos de um mundo impossível. Mas isso mais reforça a sua atracção pela magia desse mundo, e acaba por ter um duplo prazer, da transgressão e do carinho, sempre que as coisas correm mal. Assim, a família torna-se para si preciosa, o porto seguro de abrigo. Cultiva os laços com ela e vai criando um excelente clima afetivo. Sem se aperceber, porém, está a tornar-se dependente. Mas essa simples ideia leva-o a procurar cegamente a independência e a meter-se de novo em alhas. Apego ou desapego, é o seu grande problema. No entanto, o melhor é não pensar nisso: meta a cabeça na areia.” (Abreu, 2016, p. 25)

“Claro que o organismo está acelerado e oxigenado com o desígnio de fugir a sete pés (o nosso organismo foi preparado para estas reacções automáticas). Você sente mesmo esse impulso, e é a altura de pensar que se pode descontrolar e ficar louco. Mas fugir, nunca: fica ali parado a curtir as sensações, a complicar tudo com a respiração, a sentir-se desfalecer e a imaginar que vai morrer. Pode pedir ajuda, e é bem possível que o levem a um médico ou ao hospital. Acabou de ter um ataque, que os psiquiatras dirão tratar-se de um ataque de pânico.” (Abreu, 2016, pp. 27 - 28)

“As coisas complicam porque a simples lembrança dos ataques o assusta e lhe produz novos ataques. Agora você já admite que tem medo, mas não um medo qualquer: apenas o medo de ter medo. E, ao menos sinal de alarme, vá de evitar o local do crime (do ataque). Aos poucos vai evitando tudo até não conseguir sair de casa.” (Abreu, 2016, p. 29)

Abreu (2016) destaca que, assim como existem fobias sem ataques de pânico, podem existir ataques de pânico sem fobias. E explica:

Uma das hipóteses é ter um ataque de pânico (não se esqueça que, para além do susto genuíno, tem de complicar as coisas com a hiperventilação), apenas em situações limite, quando faz uma coisa que sabe muito bem que não deve fazer. Muitos jovens têm a sorte de lhe acontecer isso da primeira vez que fumam um charro e, talvez, repetirem-no se voltam a tentar. Ficam com a fobia das drogas e nunca mais lhes tocam. Mas, convenhamos, tal coisa não é uma verdadeira fobia, é antes um comportamento saudável. [...]. Os ataques de

pânico funcionam aqui (e noutras situações semelhantes) como um travão automático que a natureza colocou ao nosso dispor. (Abreu, 2016, pp. 32 - 33)

De forma a evitar esta situação o autor descreve:

“Em todos os casos começa a evitar encontrar-se com outras pessoas. A preocupação com essas eventualidades mais lhe aumenta os sintomas.

Se isto lhe acontecer, você merece toda a nossa compreensão, porque estar com outras pessoas é uma coisa muito complicada. A relação com os outros dá-nos os maiores prazeres e as maiores dores. Ai se joga o domínio e a submissão. Será bom, ou será mau?”

Concluindo, Abreu, enumera o necessário para manter este estado:

“Nunca funcione em grupo. Nunca arrisque, e desconfie das oportunidades que lhe aparecem. Vigie bem os outros e esteja atento ao menor sinal de critica, a fim de que possa cortar imediatamente com eles.”

4.1.2. Como tornar-se histriónico

Neste capítulo, o autor apresenta os sintomas que derivam da personalidade histriónica.

Segundo J. L. Pio Abreu, um histriónico apresenta um “padrão global de emotividade excessiva e procura de atenção [...]” (Abreu, 2016, p. 75)

“Nunca assuma a responsabilidade daquilo que faz. Nunca diga «aconteceu-me isto» mas sim «fizeram-me aquilo». Mesmo ao falar das suas doenças nunca diga o que sentiu ou padeceu, mas sim o que os médicos disseram de si. Dou-lhe este conselho por uma razão muito simples: aconteça o que acontecer, e faça o que fizer, você tem de ser sempre a pessoa mais santa, mais bondosa, mais pacífica, mas cumpridora, mais agradável, mais simpática, embora talvez também a mais ingénua, do mundo.” (Abreu, 2016, p. 76)

Procurando definir as necessidades de uma personalidade histriónica, o autor afirma:

“Mas atenção: cada pessoa aprecia um teatro diferente. Toca então de adivinhar. File os seus olhos nos do interlocutor, porque é aí que tem de encontrar a inspiração. Adivinhe o que ele quer. Seja super-simpática. Diga sempre que sim, basta que ele espere um estado de espírito para que você o manifeste exuberantemente. Vai ver que se habitua (maravilhosamente, o ser humano parece estar preparado para isso) e vai ver, sobretudo, como o seu interlocutor fica contente. Sempre filada nele e nos seus aplausos, nunca em si.” (Abreu, 2016, p. 77)

Uma das variantes da patologia histriónica são os estados dissociativos:

“Poucos deles conseguem obter o diagnóstico de perturbação dissociativa da identidade (ou personalidade múltipla), em parte porque não se queixam disso, mas em grande parte também porque não se esquecem das várias personalidades que desempenham: geralmente sabem que estão a fazer teatro. Se você, pelo contrário, quer obter esse diagnóstico, tem de tratar da sua memória, não para se lembrar, mas para esquecer. Esquecer cada personalidade logo que acaba de a representar, e convencer-se eu o papel que, em cada momento, representa, é a sua personalidade genuína.” (Abreu, 2016, p. 82)

Uma das regras basilares para manter este mesmo estado, é segundo o autor:

“Não pense nem fale naquilo que se passou, aos outros ou a si próprio (cuidado com as palavras: passar de um acontecimento à sua narração por palavras é a melhor maneira de o fazer perdurar na memória).” (Abreu, 2016, p. 83)

Em seguida Abreu aborda a hiperventilação (característica comum desta patologia), mais concretamente, a um nível químico de como esta se origina e começa:

“Existe então demasiado oxigénio nos pulmões e no sangue (uma «bomba energética» prestes a rebentar), mas pouco nos tecidos orgânicos, incluindo o cérebro e os músculos. Neste caso, só podem funcionar os neurónios e fibras musculares que não dependem de oxigénio (anaeróbicos), e que parecem ser aqueles que estão preparados para automatismos de emergência. Assim, o que você desperta, com a hiperventilação, são automatismos de emergência, uma vez que os neurónios de que depende a consciência e a memória explícita necessitam de oxigénio para funcionar.

É pena que os cientistas não estudem a relação entre as modalidades respiratórias e o nosso comportamento sentimentos. Mas você pode fazer experiências e tomar lições práticas. Vai ver que, imitando o modo de respirar de uma pessoa emocionada, consegue representar a sua emoção, e mesmo senti-la.” (Abreu, 2016, pp. 84 - 85)

Concluindo este capítulo, o autor menciona o necessário para singrar nesta patologia:

“Utilize-se apenas dos outros para que satisfaçam os seus desejos, e largue-os a seguir. Se existir uma sombra de culpa, fica bloqueado na sua carreira. Por isso, sempre que veja alguém a sofrer pense que ele é de outra espécie (aprenda a cultivar o racismo) e meta-se noutra ainda pior. Mesmo que alguém tenha de morrer, só a primeira vez é que é difícil, das outras habitua-se. (Abreu, 2016, p. 96)

4.1.3. Como não ser doente mental

Após a abordagem diversas debilidades mentais, neste capítulo o autor procura indicar como o leitor pode evitar ser doente mental, especificando aqui que considera que contribui para uma boa saúde mental:

“Tudo aquilo que se sabe vem do presente e do passado, com os hábitos e a cultura de então. No entanto, a nossa vida (e, espero bem, sobretudo a do leitor) está virada para o futuro. Mas com uma tão acelerada e surpreendente mudança de tecnologias, culturas e hábitos, ninguém sabe como vai ser o futuro. O melhor é ir treinando a sua capacidade de invenção.” (Abreu, 2016, p. 139)

No seguimento deste pensamento, o autor aponta a capacidade de invenção como uma das características que distingue os débeis mentais, dos não débeis:

“O grande problema do doente mental é fazer sempre o mesmo em todas as circunstâncias. É por isso que eles são muito parecidos uns com os outros e os podemos classificar. Pelo contrário, as

peessoas saudáveis, por serem tão diferentes uma das outras e fazerem coisas diversas em diversos contextos, são inclassificáveis”. (Abreu, 2016, p. 140)

E segundo a mesma linha de raciocínio afirma que “o corpo é o nosso primeiro limite.” (Abreu, 2016, p. 141)

“A cor da pele, a altura e as feições da cara são coisas que marcam, simultaneamente, a nossa diversidade e a identidade de cada um. Se o leitor vai mexer nisto, bem como noutras coisas (o nome, por exemplo, de que pode não gostar), arrisca-se a iniciar a carreira histriónica. No entanto todas estas características, para bem ou para mal, nos foram dadas pelos progenitores, pela cultura, pelas contingências do local e do tempo em que nascemos.” (Abreu, 2016, p. 141)

“Graças a sermos paridos demasiado cedo (outro paradoxo que temos de enfrentar), entramos na vida completamente à mercê dos outros. Não sabemos arranjar comida, não nos sabemos defender do frio nem da dor, nem sequer nos conseguimos mexer do mesmo sítio, apenas sabemos rir e chorar. Toda a nossa vida vai depender do modo como os outros interpretam essas explosões da nossa fisionomia. Mas pouco a pouco vamos ganhando (espero) alguma autonomia e capacidade de escolha, amizades, acamaradamos em vários contextos, aproximamo-nos de outras famílias, apaixonamo-nos, arranjamamos namoros, constituímos novas famílias e chegamos até a consultar psicoterapeutas. Ou seja: temos várias oportunidades para trocarmos de espelho e nos conhecermos melhor.” (Abreu, 2016, p. 142)

Segundo ao autor,

“ [...] aquilo que o pode diferenciar de um doente mental é, exatamente, aprender com a experiência. Os doentes não aprendem: estão sempre a fazer o que sempre fizeram. Para aprender, é preciso, antes de mais, lembrar-se do que se passou. As estratégias de esquecimento são próprias dos histriónicos depois, é preciso assumir o erro e a derrota, coisa que os obsessivos ou os paranóides nunca assumem, se passar por um período de tristeza, isso é perfeitamente natural e ajuda-o a pôr em causa os seus hábitos antigos. Mas se resolver a coisa com antidepressivos, lá se vai a oportunidade que a natureza lhe ofereceu para elaborar as suas defesas. Finalmente, é necessário assumir a completa responsabilidade pelo que se fez. Se lhe arranjam a desculpa de uma qualquer doença, ficará

convencido de que tudo se resolverá de uma maneira mágica quando a doença lhe passar, e nunca lhe passará pela cabeça que o assunto está debaixo do seu controlo.” (Abreu, 2016, pp. 143 - 144)

Em seguida, o Abreu (2016) aborda o tema das regras/transgressões, onde menciona que para haver mutações e para que se consiga habitar no futuro é necessário validar às regras. Neste sentido afirma que “[...]convém que eles [jovens] testem a validade das regras passadas, para construir as novas regras do futuro.” (Abreu, 2016, p. 146)

E concluindo este capítulo, o autor afirma:

“Representamos sempre para alguém. Alguém que pode ser uma plateia real (os atores e políticos sabem bem o peso que ela tem), ou apenas a plateia que está dentro da nossa cabeça. Pode ser alguém presente ou ausente, vivo ou morto, singular ou coletivo. E é aqui que, de novo, entra a relação entre homens e mulheres, porque os elementos da nossa plateia são, muito frequentemente, pessoas do sexo oposto.

Graças aos fios biológicos dos nossos genes, as mulheres estão predispostas a exibirem-se para os homens e vice-versa. Talvez mesmo a vida em sociedade seja um permanente cortejar.” (Abreu, 2016, p. 151)

4.1.4. Síntese

“Os ataques de pânico funcionam aqui (e noutras situações semelhantes) como um travão automático que a natureza colocou ao nosso dispor.” (Abreu, 2016, pp. 32 - 33)

“Não pense nem fale naquilo que se passou, aos outros ou a si próprio (cuidado com as palavras: passar de um acontecimento à sua narração por palavras é a melhor maneira de o fazer perdurar na memória).” (Abreu, 2016, p. 83)

“É pena que os cientistas não estudem a relação entre as modalidades respiratórias e o nosso comportamento sentimentos. Mas você pode fazer experiências e tomar lições práticas. Vai ver que, imitando o modo de respirar de uma pessoa emocionada, consegue representar a sua emoção, e mesmo senti-la.” (Abreu, 2016, pp. 84 - 85)

“Tudo aquilo que se sabe vem do presente e do passado, com os hábitos e a cultura de então. No entanto, a nossa vida (e, espero bem, sobretudo a do leitor) está virada para o futuro. Mas com uma tão acelerada e surpreendente mudança de tecnologias, culturas e hábitos, ninguém sabe como vai ser o futuro. O melhor é ir treinando a sua capacidade de invenção.” (Abreu, 2016, p. 139)

“O corpo é o nosso primeiro limite.” (Abreu, 2016, p. 141)

“O que se torna difícil, mas também aquilo que o pode diferenciar de um doente mental é, exatamente, aprender com a experiência. Os doentes não aprendem: estão sempre a fazer o que sempre fizeram. Para aprender, é preciso, antes de mais, lembrar-se do que se passou. As estratégias de esquecimento são próprias dos histriónicos depois, é preciso assumir o erro e a derrota, coisa que os obsessivos ou os paranoídes nunca assumem, se passar por um período de tristeza, isso é perfeitamente natural e ajuda-o a pôr em causa os seus hábitos antigos. Mas se resolver a coisa com antidepressivos, lá se vai a oportunidade que a natureza lhe ofereceu para elaborar as suas defesas. Finalmente, é necessário assumir a completa responsabilidade pelo que se fez. Se lhe arranjam a desculpa de uma qualquer doença, ficará convencido de que tudo se resolverá de uma maneira mágica quando a doença lhe passar, e nunca lhe passará pela cabeça que o assunto está debaixo do seu controlo.” (Abreu, 2016, pp. 143 - 144)

4.2. A força do Hábito

Charles Duhigg

“Como reconhecem as equipas de marketing uma grávida – antes mesmo de ela partilhar a notícia com os seus familiares – e influenciam o seu comportamento de compra? O que explica que o nadador olímpico Michael Phelps tenha conseguido bater o recorde do mundo dos 200 metros mariposa apesar de os óculos estarem cheios de água? Como é que um publicitário conseguiu que o ato de lavar os dentes passasse de uma prática descuidada a uma rotina diária em todo o mundo?

A resposta é: Hábitos.

Podemos achar que a maioria das decisões que tomamos durante o dia resulta de pensamentos bem ponderados, mas na verdade não é isso que acontece. Resulta de hábitos. E embora cada hábito seja por si mesmo pouco relevante, com o correr do tempo os alimentos que consumimos, o que dizemos aos nossos filhos todas as noites, as decisões que tomamos de poupar ou gastar e a forma como organizamos o nosso dia-a-dia, acabam por ter um impacto enorme na nossa saúde, produtividade, bem-estar económico e felicidade.

Os hábitos têm sido objeto de estudo ao longo dos séculos, mas só nos últimos 20 anos é que o neurologistas, psicólogos, sociólogos e profissionais de marketing compreenderam como eles funcionam – e, sobretudo, que os podemos mudar. Transformar um hábito não é necessariamente fácil ou rápido. Nem sequer é simples. Mas é possível. E hoje sabemos como.” (A Força do Hábito, 2015)

4.2.1. Hábitos individuais – O ciclo do hábito

No presente capítulo, o autor explica como são formados os hábitos, e como estes reagem a determinadas deixas.

Com este objetivo, Duhigg começa por afirmar:

“Se vírmos o cérebro humano como uma cebola, composta de camadas sobrepostas de células, então as camadas exteriores – as mais próximas do crânio – são, em geral, as aquisições mais recentes

do ponto de vista da evolução. Quando sonhamos uma invenção ou nos rimos de uma piada de um amigo, são as partes exteriores do cérebro que agem. É aí que ocorre o pensamento mais complexo.

Mas para o interior do cérebro, mais perto do tronco cerebral – onde se juntam cérebro e medula espinal –, estão as estruturas mais antigas e primitivas. São elas que controlam os comportamentos automáticos, como a respiração ou a deglutição, ou a reação de surpresa que temos quando alguém salta de trás de um arbusto”. (Duhigg C. , 2015, p. 37)

Segundo o autor, os hábitos emergem, dizem os cientistas, porque o cérebro anda sempre à procura de maneiras de se esforçar menos. E acrescenta:

“Deixado entregue a si, o cérebro tentara transformar em hábitos quase todas as rotinas, porque os hábitos lhe permitem mais momentos de acalmia. [...] Mas poupar esforços mentais é complicado, porque se o cérebro desacelera no momento errado, podemos deixar de reparar em alguma coisa importante, como um predador escondido nos arbustos, ou um carro que se aproxima velozmente quando desembocamos um método inteligente para determinar quando devemos deixar os hábitos entrar em ação. É algo que acontece de cada vez que um agrupamento comportamental começa ou acaba. (Duhigg C. , 2015, p. 42)

De forma a reduzir o esforço, o cérebro procura deixas que permitam ativar hábitos. Duhigg refere o caso de um indivíduo que, apesar de ter sofrido uma grave lesão cerebral, mantinha os mesmos hábitos:

“As deixas – determinadas árvores ou esquinas, ou a colocação de certos marcos de correio – eram as mesmas de cada vez que saía, e, assim, embora não conseguisse reconhecer a sua casa, os hábitos guiavam-no sempre de volta à sua porta. Explicavam, também, porque é que Eugene tomava o pequeno-almoço três ou quatro vezes por dia, mesmo sem apetite. Desde que estivessem presentes as deixas certas – como a rádio ou a luz a entrar pela janela –, ele seguia automaticamente o guião ditado pelos gânglios basais. (Duhigg C. , 2015, p. 49)

E concluindo a sua reflexão, o autor afirma que:

“[...] hábitos têm força, mas são frágeis. Podem emergir inconscientemente ou por deliberação. Ocorrem muitas vezes sem a nossa permissão, mas podem ser alterados mediante manipulação dos seus componentes. Conformam as nossas vidas muito mais do que poderíamos supor, sendo, aliás, tão poderosos que podem levar o nosso cérebro a agarrar-se a eles com exclusão de tudo o resto, incluindo o bom senso.” (Duhigg C. , 2015, p. 51)

4.2.2. Hábitos individuais – O cérebro que anseia

Neste capítulo, o autor reflete sobre os hábitos individuais, e como eles nos influenciam, destacando o papel do anseio.

Segundo Duhigg (2015), o hábito é uma ação que pode emergir automaticamente ou por deliberação. Neste último caso, o cérebro procura uma deixa, a qual pode necessitar de um anseio para funcionar: “[...] é esse anseio [...] que faz funcionar as deixas e as recompensas. É esse anseio que alimenta o ciclo do hábito.” (Duhigg C. , 2015, p. 60)

Para que o ciclo do hábito funcione, o autor (Duhigg, C., 2015) afirma que é necessário, numa primeira fase, encontrar uma deixa simples e evidente, para posteriormente, definir claramente as recompensas.” E explicando este processo afirma:

“Quando o Júlio antecipava o sumo mas não o recebia, dava-se no seu cérebro a erupção de um padrão associado com desejo e frustração. Quando Júlio via a deixa, começava a antecipar a alegria proporcionada pelo sumo. Mas quando o sumo não vinha, essa alegria tornava-se em anseio que, deixado insatisfeito, conduzia o Júlio à fúria ou à depressão. [...]. (Duhigg C. , 2015, p. 76)

Isto explica porque os hábitos são tão fortes. São-no porque criam anseios neurológicos. Na maior parte dos casos, estes anseios emergem de forma tão gradual que nem temos consciência da sua existência, pelo que estamos normalmente cegos para a sua influência. Mas à medida que formos associando as deixas com determinadas recompensas, emerge no nosso cérebro um anseio subconsciente que desencadeia o funcionamento do ciclo do hábito.” (Duhigg C. , 2015, p. 77)

O autor destaca que inúmeros estudos realizados demonstram que deixa e recompensa, por si só, não bastam para que um hábito perdure:

”Só quando os nossos cérebros começam a esperar a recompensa – a ansiar pelas endorfinas ou pela sensação de realização pessoal – é que se tornará automático calçar os sapatos de corrida todas as manhãs. Além de desencadear uma rotina, a deixa tem de desencadear também o anseio por uma recompensa futura. (Duhigg C. , 2015, p. 82)

Duhigg apresenta o caso de Hopkins¹, ao desenvolver uma estratégia comercial para a Pepsodent. Numa altura em que se observava um declínio da higiene oral dos americanos, Hopkins aceitou o desafio de dirigir a Pepsodent, definindo uma estratégia que viria a mudar os paradigmas da publicidade:

“Claude Hopkins não estava a vender dentes bonitos. Estava a vender uma sensação. Quando as pessoas passaram a ansiar por esse formigueiro – quando passaram a identifica-lo com higiene –, lavar os dentes passou a ser um hábito.

Quando as outras empresas descobriram o que Hopkins realmente estava a vender, começaram a imitá-lo, e poucas décadas depois quase todas as pastas de dentes continham óleos e substâncias químicas que provocavam o tal formigueiro.” (Duhigg C. , 2015, p. 89)

E concluindo a sua reflexão, o autor afirma que “os consumidores precisam de algum tipo de sinal de que o produto é eficaz” (Duhigg C. , 2015, p. 90) “São [os] anseios que desencadeiam os hábitos. E saber como se cria um novo anseio torna mais fácil a criação de um novo hábito.” (Duhigg C. , 2015, p. 91)

¹ uma figura destacada na área da publicidade, que criou diversas regras que ainda hoje são basilares na criação de qualquer rotina

4.2.3. Os hábitos das Organizações de Sucesso – Hábitos-Chave ou a balada de Paul O’Neill

Neste capítulo, o autor reflete sobre a importância que os hábitos – chave possuem. Duhigg (2015) afirma que estes são os responsáveis pelo desencadeamento de novos hábitos, possibilitando a mudança de comportamentos dentro de diversos espaços sociais. De forma a explicar a sua afirma, o autor apresenta o caso de O’Neil:

“O’Neill acreditava que certos hábitos têm o condão de desencadear uma reação em cadeia, alterando outros hábitos à medida que percorrem uma organização. Por outras palavras, há hábitos que são mais importantes na reorganização de empresas e de vidas pessoais. Esses hábitos – chave conseguem influenciar a forma como as pessoas trabalham, comem, se divertem, vivem, gastam dinheiro e comunicam. Os hábitos – chave desencadeiam um processo que, com o tempo, tudo transforma.

Os hábitos – chave dizem-nos que o sucesso não depende de pôr a funcionar bem uma coisa só, antes resulta de se identificar determinadas prioridades e de as transformar em alavancas de mudança. (Duhigg C. , 2015, p. 137)

Para o autor, “«Os indivíduos têm hábitos; os grupos têm rotinas»” (Duhigg C. , 2015, p. 140)

“Se nos concentrarmos em mudar ou cultivar hábitos – chave, conseguiremos provocar mudanças gerais. Todavia, identificar quais são os hábitos – chave é complicado. Para os encontrar é preciso saber onde procurar. Detetar hábitos – chave significa identificar determinadas características. Os hábitos – chave proporcionam aquilo a que a literatura académica chama «pequenas vitórias». Ajudam ao florescimento de outros hábitos mediante a criação de novas estruturas, e estabelecem culturas no seio das quais a mudança se torna contagiosa.” (Duhigg C. , 2015, p. 147)

De forma a criar hábitos – chave, Duhigg (2015) afirma que é necessário começar por alcançar pequenas vitórias:

“As pequenas vitórias são exatamente o que a expressão indica, e são parte integrante do processo pelo qual os hábitos – chave dão origem a mudanças generalizadas. [...] «As pequenas vitórias são a

aplicação consistente de uma pequena vantagem», escreveu em 1984 um professor da Cornell. «A obtenção de uma pequena vitória desencadeia forças que favorecem a pequena vitória seguinte.» As pequenas vitórias alimentam mudanças transformadoras porque criam padrões de pequenas vantagens que convencem as pessoas de que outras realizações maiores estão também ao seu alcance. (Duhigg C. , 2015, pp. 150 - 151)

“As pequenas vitórias não se combinam de forma clara, linear e serial, como se cada passo fosse um passo comprovadamente mais próximo de determinado objetivo», escreveu Karl Weick, destacado psicólogo organizacional. «Mais comum é a circunstância em que as pequenas vitórias surgem dispersas... como experiências em miniatura que põem à prova teorias implícitas sobre resistência e oportunidade, e que põem em destaque tanto os recursos como os obstáculos que eram invisíveis antes de o estado de coisas ser contestado.» (Duhigg C. , 2015, p. 152)

De forma a demonstrar que as pequenas vitórias motivam vitórias maiores, em contextos específicos, o autor apresenta o caso de Michael Phelps:

“Mal toca na água, Phelps compreende que há qualquer coisa que não está bem. Entrou água nos óculos, não sabe se por uma folga na parte de cima ou na parte de baixo, mas agora estão cheios de água. Phelps não vê nada. Não vê a linha que percorre o fundo da piscina, não vê o «T» preto que assinala a parede, não vê quantas braçadas faltam. [Phelps]... treinará mentalmente a resposta a um problema nos óculos. Ao iniciar a última piscina, Phelps calculou quantas braçadas seriam precisas para a tirada final – 19, ou 20, talvez 21 -, e começou a contar. [...] Quando arrancou os óculos e olhou para a tabela, viu que dizia «WR» [...]”

Para concluir o exemplo atrás mencionado, Duhigg, explica que o que aconteceu no caso de Phelps foi “[...] uma vitória a juntar a uma vida de pequenas vitórias.” (Duhigg C. , 2015, pp. 153-154)

“Esta é a derradeira via pela qual os hábitos - chave suscitam mudanças mais amplas: pela criação de culturas em que se enraízam novos valores. [...] Os hábitos – chave tornam fáceis as coisas difíceis [...] Estas culturas traduzem-se, por vezes, em vocabulários específicos, cujo uso se torna, por sua vez, um hábito definidor da organização” (Duhigg C. , 2015, p. 164)

4.2.4. Síntese

“Se vírmos o cérebro humano como uma cebola, composta de camadas sobrepostas de células, então as camadas exteriores – as mais próximas do crânio – são, em geral, as aquisições mais recentes do ponto de vista da evolução. Quando sonhamos uma invenção ou nos rimos de uma piada de um amigo, são as partes exteriores do cérebro que agem. É aí que ocorre o pensamento mais complexo.

Mas para o interior do cérebro, mais perto do tronco cerebral – onde se juntam cérebro e medula espinal –, estão as estruturas mais antigas e primitivas. São elas que controlam os comportamentos automáticos, como a respiração ou a deglutição, ou a reação de surpresa que temos quando alguém salta de trás de um arbusto.” (Duhigg C. , 2015, p. 37)

“Os hábitos emergem, dizem os cientistas, porque o cérebro anda sempre à procura de maneiras de se esforçar menos.” (Duhigg C. , 2015, p. 42)

“As deixas – determinadas árvores ou esquinas, ou a colocação de certos marcos de correio – eram as mesmas de cada vez que saía, e, assim, embora não conseguisse reconhecer a sua casa, os hábitos guiavam-no sempre de volta à sua porta. Explicavam, também, porque é que Eugene tomava o pequeno-almoço três ou quatro vezes por dia, mesmo sem apetite. Desde que estivessem presentes as deixas certas – como a rádio ou a luz a entrar pela janela –, ele seguia automaticamente o guião ditado pelos gânglios basais.” (Duhigg C. , 2015, p. 49)

“[...] hábitos têm força, mas são frágeis. Podem emergir inconscientemente ou por deliberação. Ocorrem muitas vezes sem a nossa permissão, mas podem ser alterados mediante manipulação dos seus componentes. Conformam as nossas vidas muito mais do que poderíamos supor, sendo, aliás, tão poderosos que podem levar o nosso cérebro a agarrar-se a eles com exclusão de tudo o resto, incluindo o bom senso.” (Duhigg C. , 2015, p. 51)

“Isto explica porque os hábitos são tão fortes. São-no porque criam anseios neurológicos. Na maior parte dos casos, estes anseios emergem de forma tão gradual que nem temos consciência da sua existência, pelo que estamos normalmente cegos para a sua influência. Mas à medida que formos

associando as deixas com determinadas recompensas, emerge no nosso cérebro um anseio subconsciente que desencadeia o funcionamento do ciclo do hábito.” (Duhigg C. , 2015, p. 77)

“«Os consumidores precisam de algum tipo de sinal de que o produto é eficaz»” (Duhigg C. , 2015, p. 90)

“São anseios que desencadeiam os hábitos. E saber como se cria um novo anseio torna mais fácil a criação de um novo hábito.” (Duhigg C. , 2015, p. 91)

“Os hábitos – chave dizem-nos que o sucesso não depende de pôr a funcionar bem uma coisa só, antes resulta de se identificar determinadas prioridades e de as transformar em alavancas de mudança.” (Duhigg C. , 2015, p. 137)

“«Os indivíduos têm hábitos; os grupos têm rotinas»” (Duhigg C. , 2015, p. 140)

“Detetar hábitos – chave significa identificar determinadas características. Os hábitos – chave proporcionam aquilo a que a literatura académica chama «pequenas vitórias». Ajudam ao florescimento de outros hábitos mediante a criação de novas estruturas, e estabelecem culturas no seio das quais a mudança se torna contagiosa.” (Duhigg C. , 2015, p. 147)

4.3. As Ideias que mudaram o Mundo

Steven Johnson

“Um dos mais inovadores pensadores da atualidade coloca uma questão fundamental: O que desencadeia as grandes ideias? Todos identificamos uma boa ideia quando a vemos. A prensa tipográfica, o lápis, o autoclismo, a bateria, o Google - são alguns exemplos de ótimas ideias. Mas como surgem? Que tipo de ambiente as impulsiona? Como geramos as ideias inovadoras que fazem avançar a nossa carreira, a nossa vida, a nossa sociedade e a nossa cultura?

Johnson constata que a inovação pode acelerar em certas circunstâncias e que há ambientes físicos que podem afetar e aperfeiçoar grandes ideias, aproximando as pessoas e as suas descobertas. De Darwin a Freud, passando pelos corredores da Google e da Apple, Johnson investiga os grupos inovadores dos nossos dias e destaca as abordagens e os traços comuns que aparecem nos momentos de pura originalidade.

Com um estilo culturalmente abrangente, Johnson usa a sua fluência em domínios que vão da neurobiologia aos estudos urbanos, passando pela cultura da Internet, para identificar os sete princípios-chave que se encontram por detrás da inovação nas mais variadas disciplinas.” (As Ideias que Mudaram o Mundo, 2010)

4.3.1. O Recife a Cidade e a rede

Nesta introdução o autor aborda diversos temas que vão desde a viagem de Charles Darwin pelas ilhas Keeling até à origem do Youtube.

Johnson explica como os atóis existentes nas ilhas Keeling despertaram a curiosidade de Charles Darwin, levando-o a questionar como estes seres transformam zonas marinhas inabitáveis em zonas de abundância de seres marinhos:

“[...] nas próprias palavras de Darwin, encontrar o ecossistema de um recife de coral no meio do oceano foi como encontrar um oásis cheio de formas de vida no meio do deserto. A este fenómeno chamamos agora «paradoxo de Darwin»: uma tão grande quantidade de formas de vida a ocupar uma

tão vasta extensão de nichos ecológicos, habitando águas que têm como característica principal a sua quase ausência de nutrientes. [...].

[Estes recifes de coral] constituem cerca de uma décima parte de um por cento da superfície terrestre e, no entanto, é aí que vive cerca de uma quarta parte das espécies conhecidas da vida marinha.” (Johnson, 2010, p. 15)

O autor destaca que Darwin não tinha acesso a este tipo de informação, no entanto o que lhe intrigava era o facto destes organismos minúsculos criarem o próprio recife. “Darwin interessa-se por estes arquitetos minúsculos porque acredita que são eles a chave para descobrir o mistério que trouxe o Beagle às ilhas Keeling.” (Johnson, 2010, pp. 15 - 16)

Continuando a sua reflexão, o autor aborda o conceito de Cidade Superlinear, e explora as pesquisas de Max Kleiber:

“Desde muito cedo que o cientista suíço Max Kleiber teve uma certa tendência para testar os limites do convencional. [...]. As suas pesquisas começaram pelo gado, com Kleiber a medir o impacto das dimensões corporais nas taxas metabólicas, que é a velocidade a que um organismo queima energia. O cálculo das taxas metabólicas tinha um valor prático grande para a indústria pecuária, porque permitia aos agricultores prever, com uma precisão razoável, tanto a quantidade de comida de que necessitariam as suas cabeças de gado como a quantidade de carne a que deram origem, após o abate. Pouco tempo depois e ter chegado a Davis, Kleiber deparou-se nas suas pesquisas com um padrão misterioso, uma singularidade matemática que fez com que, rapidamente, desfilasse pelo seu laboratório uma maior quantidade de criaturas para serem pesadas: ratos, rolas, pombos, cães e, até mesmo, humanos.

Os cientistas e as pessoas que gostavam de animais já tinham verificado, há muito, que quanto maiores são os seres vivos, mais as suas vidas se prolongam no tempo.” (Johnson, 2010, pp. 17 - 18)

De seguida, o autor menciona um outro estudo desenvolvido por Geoffrey West, baseado no estudo de Max Kleiber:

“Há alguns anos, o físico teórico Geoffrey West decidiu investigar se a Lei de Kleiber se aplicaria a uma das maiores criações da vida: os superorganismos que são as cidades construídas pelos humanos. O «metabolismo» da vida urbana abrandaria à medida que as cidades cresciam de tamanho? Haveria um padrão subjacente ao crescimento e ao ritmo de vida dos sistemas urbanos? [...] West reuniu uma

equipa internacional de cientistas e de consultores, para recolher elementos relativos a dezenas de cidades de todo o mundo, fazendo as contas a tudo o que podia ser quantificado, dos crimes ao consumo elétrico, das novas patentes à venda de combustíveis.

Quando, finalmente, estudaram os números, West e a sua equipa ficaram maravilhados quando descobriram que a escala de quarto de potência negativo regia o crescimento em energia e transportes da vida na cidade. “ (Johnson, 2010, p. 19)

West e a sua equipa descobriram outra lei de potência na enorme base de dados das estatísticas urbanas. Cada apresentação que envolvesse criatividade e inovação – patentes, orçamentos de pesquisa e desenvolvimento, profissões «supercriativas» e inventores – seguia também uma lei de quarto e potencia de uma forma que era tao previsível como a lei de Kleiber. Mas com uma diferença fundamental: a lei de quarto de potência que regia a inovação era positiva e não negativa. Uma cidade que fosse dez vezes maior que a vizinha não era dez vezes mais inovadora; seria, sim; dezassete vezes mais inovadora. Uma grande metrópole cinquenta vezes maior do que uma cidade secundária seria 130 vezes mais inovadora. (Johnson, 2010, p. 20)

No terceiro e último tema desta introdução, Johnson (2010) explica que uma metrópole consegue ser mais inovadora que outra de menores dimensões, mas para essa inovação seja aceite pelos seus agentes, existe um período de assimilação como a regra 10/10:

“Aliás, se observarmos o que se passou durante todo o século XX, os mais importantes desenvolvimentos em massa e as comunicações de um para muitos têm progredido com a mesma taxa de inovação social que apresenta uma regularidade quase assustadora. Podemos chamar-lhe a regra 10/10: uma década para construir a nova plataforma e uma década para ela encontrar uma audiência de massas. (Johnson, 2010, p. 23)

“Comparemos agora o modo como estas duas ideias – a HDTV e o Youtube – alteraram as regras básicas de relacionamento com os consumidores das respetivas plataformas. A mudança da televisão analógica para a HDTV é uma mudança de grau, mas não de espécie: há mais pixels, o som é mais envolvente e as cores são mais vivas. Mas os consumidores vêm a HDTV exatamente da mesma maneira que vêm a velha televisão analógica, que caiu em desuso. Escolhem um canal, sentam-se e vêm. Mas o YouTube, por outro lado, alterou radicalmente as regras básicas do meio de comunicação em que está inserido. Para começar, fez dos vídeos na Internet um fenómeno de massas. Com o YouTube, já não nos limitamos a sentar e a ver um programa ao estilo televisivo. [...] A tecnologia deu

aos entusiastas mais comuns a possibilidade de programarem efetivamente a sua própria televisão, unindo vídeos provenientes de todo o planeta. “(Johnson, 2010, pp. 24 - 25)

“O Youtube deixa-nos mostrar, partilhar, classificar debater vídeos mais eficazmente do que antes. A HDTV deixa-nos ver mais pixéis. Mas mesmo com todas essas camadas extra de inovação, o YouTube percorreu o caminho que o levou da ideia à adoção em massas em menos de dois anos. Houve qualquer coisa no ambiente da Internet que permitiu a Hurley, Chen e Karim oferecer uma boa ideia ao mundo com uma velocidade impressionante. Eles conseguiram pegar na regra 10/10 e transformá-la numa regra 1/1”. (Johnson, 2010, p. 26)

4.3.2. Adjacente possível

Neste capítulo, o autor apresenta o conceito de adjacente possível, explicando como este é relevante para a criação da inovação.

Para Johnson as ideias “[...] são trabalhos de bricolagem – são construídas a partir desses detritos. Pegamos nas ideias que herdámos ou com que nos deparámos e fazemos com elas um cocktail que dá ao conjunto uma forma nova” (Johnson, 2010, p. 36) “As inovações da natureza também se apoiam em peças de substituição. E evolução avança graças ao aproveitamento dos recursos disponíveis e à sua combinação para gerar novos usos” (Johnson, 2010, p. 37)

Johnson (2010) afirma que o adjacente possível é algo que facilita a procura, e que os seus limites se vão alargando à medida que são explorados:

“O adjacente possível é uma espécie de futuro-sombra que paira na orla do actual estado de coisas, um mapa de todas as maneiras como o presente se pode reinventar. Não é, no entanto, um espaço infinito nem um campo de jogos completamente aberto. O número de potenciais reações de primeira ordem é vasto mas limitado, e exclui a maioria das formas que agora existem na atmosfera. O que o adjacente possível nos diz é que, a qualquer momento, o mundo pode ser capaz de fazer mudanças extraordinárias, mas só algumas dessas mudanças podem ocorrer.

A estranha e magnífica verdade sobre o adjacente possível é que os seus limites se alargam à medida que são explorados. Cada nova combinação empurra novas combinações para o adjacente possível. Pensemos [no adjacente possível] como numa casa que magicamente se expande a cada porta que se abre. Começamos numa sala que tem quatro portas, conduzindo cada uma delas a uma nova sala onde ainda não entrámos. Essas quatro salas são o adjacente possível. Mas quando abrimos uma das portas e entramos nessa sala, aparecem três novas portas, cada uma conduzindo a uma sala novinha em folha, onde não teríamos podido chegar diretamente do ponto de partida. Se continuarmos a abrir portas novas até podemos vir a criar um palácio.” (Johnson, 2010, p. 39)

O autor afirma que “as boas ideias não nascem do ar mas são construídas a partir de uma coleção de componentes que já existem, cuja composição se expande (e, ocasionalmente, se contrai) com o passar do tempo.” (Johnson, 2010, p. 43)

De forma a que as boas ideias sejam criadas, Johnson afirma ser necessário que existam:

“ [...] ambientes inovadores são os melhores na ajuda aos seus habitantes para explorarem o adjacente possível porque expõem uma variedade ampla e diversificada de peças de substituição – mecânicas ou conceptuais – e encorajam novas maneiras de recombinação dessas peças. Os ambientes que bloqueiam ou limitam essas novas combinações – ao punirem o experimentalismo, ao obscurecerem certas ramificações do que é possível, ao tornar o estado actual das coisas tão satisfatório que ninguém se dá ao trabalho de explorar as suas orlas – tenderão a gerar e a fazer circular um menor número de inovações do que os ambientes que estimulam a exploração.” (Johnson, 2010, pp. 48 - 49)

E concluindo, Johnson afirma:

“Os problemas deste género não revelam, em geral, o seu adjacente possível de uma forma tão clara e tangível. Ter uma boa ideia é, em parte, descobrir quais são essas peças a que podemos recorrer e ter a certeza de que não estamos apenas a reciclar velhos componentes. [...] O truque para ter boas ideias não é ficar sentado, num isolamento glorioso, a tentar pensar em grandes coisas. O truque consiste em pôr mais coisas em cima da mesa.” (Johnson, 2010, p. 50)

4.3.3. Redes fluídas

Neste capítulo, o autor apresenta o conceito de redes fluídas, e procura explicar como estas auxiliam na exploração de ambientes favoráveis à inovação.

Introduzindo o tema, o autor afirma que:

“O cérebro em fase de criação porta-se de maneira diferente do cérebro que desempenha uma tarefa repetitiva. Os neurónios comunicam de diferentes maneiras. E as redes tomam formas distintas. A questão é saber como orientar o cérebro para essas redes mais criativas. A resposta, afinal, é admiravelmente fractal: para tornarmos a nossa mente mais inovadora, temos de colocá-la em ambientes que partilham uma rede com a mesma assinatura – redes de ideias ou de pessoas que reproduzem as redes neurais de uma mente que explora os limites do adjacente possível. (Johnson, 2010, p. 53)

Apoiando-se no conceito de “orla do caos” de Langton, e que defende que os sistemas inovadores têm tendência a gravitar em torno de uma zona fértil entre o excesso da ordem e o excesso da anarquia, Johnson (2010) afirma que:

“Langton utiliza, por vezes, a metáfora das diferentes fases da matéria – gás, líquido, sólido – para descrever os estados dessas redes. Pense o leitor no comportamento das moléculas em cada uma dessas três condições. Num gás, reina o caos; são possíveis novas configurações que são, no entanto, interrompidas e desfeitas pela natureza volátil do ambiente. Num sólido acontece o contrário: os padrões têm estabilidade mas são incapazes de mudar. Mas uma rede fluida cria um ambiente mais promissor para o sistema poder explorar o adjacente possível. Podem emergir novas configurações através de ligações aleatórias, estabelecidas entre moléculas, mas o sistema não é tão descontroladamente instável que destrua de um momento para o outro as suas novas criações.” (Johnson, 2010, pp. 57-58)

E acrescenta:

“Numa rede caótica de baixa densidade, as ideias vão e vêm. Nas redes densas das primeiras cidades, as boas ideias tiveram uma tendência natural para começarem a circular. Derramam-se, de seguida, e é através desse derrame que são conservadas para as gerações futuras. [...] As redes fluídas

de alta densidade tornam mais fácil o aparecimento da inovação mas também servem a função essencial de armazenarem essas inovações. Antes da escrita, antes dos livros, antes da Wikipédia, a rede fluída das cidades preservou a sabedoria acumulada da cultura humana.” (Johnson, 2010, pp. 59 - 60)

Para o autor, as redes fluídas não se tratam de sabedoria da multidão, mas sim da sabedoria de alguém dentro da multidão. “A rede, só por si, não é inteligente – mas os indivíduos tornam-se mais inteligentes por estarem ligados à rede.” (Johnson, 2010, p. 63)

E concluindo a sua reflexão, Johnson afirma que “o instrumento mais produtivo para gerar boas ideias continua a ser um círculo de seres humanos à volta de uma mesa, a falarem sobre o trabalho que estão a fazer.” (Johnson, 2010, p. 66)

4.3.4. Serendipity

Neste capítulo, Johnson apresenta o conceito de Serendipity, e como pode desempenhar um papel importante na procura de ideias inovadoras.

A Serendipity, segundo o autor, refere-se às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso. Esta pode nascer da divagação do pensamento por campos que não acharíamos possível à priori, mas que realmente permite ao pensamento humano propagar-se e debruçar-se sobre áreas não antes exploradas.

“Como qualquer outro pensamento, uma intuição é simplesmente uma rede de células dentro do nosso cérebro que se põem a trabalhar num padrão organizado. Mas para que essa intuição possa florescer e se torne algo mais substancial, tem de estar ligada a outras ideias. A intuição requer um ambiente onde podem forjar-se novas e surpreendentes ligações: os neurónios e as sinapses do próprio cérebro e o ambiente cultural mais vasto em que o próprio cérebro se encontra.” (Johnson, 2010, p. 97)

Recuperando uma experiência de Otto Loewi, o autor afirma:

“Num dos corações colocou um eletrodo ligado ao nervo vago que, num corpo intacto, começa no tronco cerebral e se expande através do corpo. Porque o nervo vago ajuda a regular o sistema parassimpático, estimular este nervo com uma carga elétrica baixa o ritmo do bater do coração. Loewi extraiu depois uma parte da solução onde o coração se encontrava mergulhando e despejou-a sobre o segundo coração. E, de imediato, este órgão começou a bater também mais lentamente, apesar de o seu nervo vago não ter sido eletricamente estimulado. A engenhosa experiência de Loewi demonstrou que as instruções para abrandar o ritmo das pulsações tinham passado através da sopa química da solução salina. Ao acelerar as pulsações dos dois corações da mesma maneira. E agora diferentes na sopa: a acetilcolina (que fazia abrandar o coração) e a adrenalina (que o estimulava).” (Johnson, 2010, p. 98)

E contextualizando-a, Johnson procura explicar o que possibilita as combinações entre pensamentos:

“As recombinações mentais durante o sono ajudavam-nos a explorar o leque completo de soluções para o enigma, detetando padrões que não tinham conseguido perceber no período inicial de formação. O trabalho feito pelos sonhos revela-se, assim, uma forma particularmente caótica, mas produtiva, de explorar o adjacente possível. De certo modo, os sonhos são a sopa primordial da mente: são o meio que facilita embates ao acaso da perspectiva criativa. E as intuições são como esses átomos primitivos de carbono, à procura de novos tipos de ligações que os ajudem a construir novos círculos de inovação. (Johnson, 2010, p. 100)

O autor recorre a uma experiência de Thatcher, para afirmar que, em determinados casos, quanto mais desorganizado é o cérebro, mais inteligente é a pessoa:

“Em 2007, o neurocientista Robert Thatcher, da Universidade do Sul da Florida, decidiu estudar a vacilação entre o bloqueio de fase e o ruído no cérebro de dezenas de crianças. Ao descobrir que, em média, os períodos de ruído duravam 55 milissegundos, Thatcher detetou também variações estatisticamente significativas entre as crianças. Alguns cérebros tinham tendência para ficarem mais tempo em bloqueio de fase e outros tinham intervalos regulares de ruído que chegavam aos 60 milissegundos. Quando Thatcher comparou os resultados das ondas cerebrais com os resultados do QI das crianças, encontrou uma correlação direta entre os dois conjuntos de dados. Cada milissegundo extrapassado no modo caótico acrescentava ao cérebro cerca de mais vinte pontos no QI. E os períodos

passados na situação de bloqueio reduziam o número de pontos, embora de maneira não tão assinalável. (Johnson, 2010, p. 102)

Para Johnson, este estudo sugere um conceito contraintuitivo, “[...] em parte, porque tendemos a associar ao aumento da inteligência do mundo tecnológico uma coreografia eletromecânica bem precisa.” (Johnson, 2010, p. 102) E destaca:

“Em vez de pensamentos de coisas concretas numa sequência paciente, temos os cortes transversais e as transições mais abruptas de uma ideia para outra, as abstrações e discriminações mais rarefeitas e as mais inauditas combinações de elementos [...] um caldeirão fervente de ideias, onde tudo se encontra em efervescência e aos saltos, num estado de desconcertante atividade, onde se fazem e desfazem associações num instante, a rotina é desconhecida e o inesperado parece ser a única lei.” (Johnson, 2010, p. 103)

Este processo disruptivo tem, na opinião do autor, uma dimensão evolutiva:

“O excesso de população, afinal, tem os seus próprios perigos e uma comunidade de organismos com ADN idêntico torna-se o alvo ideal dos parasitas e dos predadores. Por estes motivos, a seleção natural também recompensou a inovação, que é a tendência que a vida tem para descobrir novos nichos ecológicos e novas fontes de energia.” (Johnson, 2010, p. 104)

Neste contexto, Johnson afirma que a serendipity é uma forma de acaso feito de acontecimentos ocasionais, mas o que os torna em “[...] momentos felizes é o facto de a descoberta que fazemos se revestir de significado para nós. Ela completa uma intuição ou abre uma porta no adjacente possível em que não tínhamos reparado. (Johnson, 2010, p. 106)

E defendendo o papel do acaso na inovação, afirma:

“Quando os críticos se queixam do declínio do acaso da descoberta tendem, habitualmente, a apontar os mecanismos dos «velhos meios de comunicação» que parecem não ter equivalente direto na Internet. McKeen indica o primeiro: a pesquisa das estantes numa biblioteca (ou numa livraria),

tirando «um livro porque o título nos interessava ou por causa da encadernação». A pesquisa à velha maneira conduz, de facto, a descobertas não planeadas. Mas, graças capacidade natural que tem o hipertexto de estabelecer ligações e fome exploratória da blogosfera, ansiosa por encontrar coisas novas, é muito mais fácil estar sentado diante do motor de busca, e encontrar qualquer coisa que é absolutamente brilhante, mas que é surpreendente, do que caminhar por uma biblioteca, a olhar para as lombadas dos livros. Será que toda a gente usa a Internet desta maneira? Claro que não. Mas aqui estamos muito mais perante uma pesquisa no mainstream do que alguma vez terá sido uma exploração aleatória das estantes da biblioteca, retirando livros do seu lugar porque se gosta da encadernação. Esta é a ironia do debate sobre a serendipity: aquilo que esta a ser objeto de luto deixou de ser uma experiencia marginal e transformou-se no mainstream cultural.” (Johnson, 2010, p. 115)

Este é, na verdade, um exemplo magistral da serendipity e da descoberta ocasional que a palavra designa. Não há dúvida de que os jornais tomavam inúmeras vezes mais fáceis as descobertas ocasionais que se podiam comparar, por cima de inúmeras mesas de pequeno-almoço ou ao longo dos seus dias de apogeu. A questão, agora, é saber se a transição para a Web torna este tipo de descoberta mais ou menos frequente. (Johnson, 2010, p. 116)

Neste contexto, Johnson defende que, “o segredo da inspiração nas organizações é construir redes de informação que deixam as intuições sobreviver, dispersar-se e recombinar-se.” (Johnson, 2010, p. 123)

“Este tipo de redes de informação pode fazer um trabalho de mestre no aproveitamento da informação individual e coletiva: o funcionário, individualmente, tem uma intuição estimulante e útil e o grupo ajuda a completar essa intuição através da ligação a outras ideias que têm circulado pelo sistema e ajuda a separa-la de milhares de outras, que são menos úteis, quando nela vota para a levar ao topo da lista. Ao tornar publicas estas ideias, assegurando-se de que elas ficam armazenadas na base de dados, estes sistemas criam uma estrutura arquitetónica para a serendipity organizacional. Dão às boas ideias novas formas de se interligarem.” (Johnson, 2010, p. 124)

4.3.5. Exaptação

Neste capítulo, o autor aborda a exaptação, destacando como esta pode desempenhar uma função relevante na procura pela inovação.

Johnson (2010) define a Exaptação como uma forma de exploração de novas possibilidades de ideias já criadas. Afirmar que para cada inovação não existe uma finalidade, mas diversas variantes que podem levar a novas inovações, e que as ideias alimentam-se de outras ideias e de novos campos de investigação.

E acrescenta:

“ [...] quando pensamos na inovação evolucionária em termos de exaptações, a história torna-se menos misteriosa. Uma vez mais, o acaso e os acontecimentos ocasionais felizes são elementos centrais da narrativa: as mutações aleatórias conduzem à evolução das penas selecionadas para aquecer o corpo e, por acaso, essas penas revelaram-se úteis para voar, em especial depois de terem sido modificadas para criar um aerofólio. (Johnson, 2010, p. 147)

Para o autor, “se as mutações, o erro e a descoberta ocasional abrem novas portas para o adjacente possível da biosfera, as exaptações ajudam-nos a explorar as novas possibilidades que nos esperam por detrás dessas portas.” (Johnson, 2010, p. 148)

O autor recupera um estudo de Fischer, o qual demonstra que as grandes cidades são propícias às subculturas muito mais eficazmente do que os subúrbios ou as cidades mais pequenas, e constata:

“Os estilos de vida e os interesses que se desviam do mainstream precisam de massa crítica para sobreviverem. Nas comunidades mais pequenas são atrofiados não porque essas comunidades sejam

mais repressivas mas, principalmente, porque as possibilidades de encontro de pessoas que pensam da mesma maneira são muito mas reduzidas num conjunto mais reduzido de indivíduos. [...]

Onde haja zonas urbanas animadas e populares, o que é pequeno excede em quantidade o que é grande.” (Johnson, 2010, pp. 152-153)

Assim, o autor apresenta o exemplo de como a Apple desenvolve os seus produtos:

“A Apple chama a este processo produção concomitante. Todos os grupos envolvidos no ciclo de desenvolvimento – design, produção, engenharia e comercial se encontram com frequência, fazendo reuniões de brainstorm, trocando ideias e soluções, desenhando estratégias relativamente às questões mais prementes e mantendo, em geral todas as conversas abertas a perspectivas diferentes. O processo é ruidoso e envolve um maior número de reuniões abertas, onde a controvérsia é possível, do que os ciclos de produção tradicionais – e muito mais diálogo entre as pessoas especializadas em domínios diferentes, com todas as dificuldades de tradução entre várias «línguas» que isso cria.” (Johnson, 2010, p. 162)

E concluindo, Johnson afirma que um projeto pode exaptar ideias dos projetos que estão nessas margens e criar novas ligações. Neste caso,

“Não é tanto uma questão de pensar fora do espaço limitado como de permitir que a mente se mova através de vários espaços. Esse movimento, de espaço em espaço, força a mente a abordar através de novos ângulos o problema das barreiras que encontra pelo caminho ou a ir tomar de empréstimo ferramentas de uma dada disciplina para resolver problemas noutra.” (Johnson, 2010, p. 164)

4.3.6. Síntese

“O cálculo das taxas metabólicas tinha um valor prático grande para a indústria pecuária, porque permitia aos agricultores prever, com uma precisão razoável, tanto a quantidade de comida de que necessitariam as suas cabeças de gado como a quantidade de carne a que deram origem, após o abate.” (Johnson, 2010, p. 17)

“O «metabolismo» da vida urbana abrandaria à medida que as cidades cresciam de tamanho? Haveria um padrão subjacente ao crescimento e ao ritmo de vida dos sistemas urbanos?” (Johnson, 2010, p. 19)

“West e a sua equipa descobriram outra lei de potência na enorme base de dados das estatísticas urbanas. Cada apresentação que envolvesse criatividade e inovação [...] seguia também uma lei de quarto e potência de uma forma que era tao previsível como a lei de Kleiber.” (Johnson, 2010, p. 20)

“Christopher Langton, cientista da computação, observou há várias décadas que os sistemas inovadores têm tendência a gravitar em torno da «orla do caos»: a zona fértil entre o excesso da ordem e o excesso da anarquia.” (Johnson, 2010, p. 57)

“Não é da sabedoria da multidão que se trata mas da sabedoria de alguém dentro da multidão. A rede, só por si, não é inteligente – mas os indivíduos tornam-se mais inteligentes por estarem ligados à rede.” (Johnson, 2010, p. 63)

“O excesso de população, afinal, tem os seus próprios perigos e uma comunidade de organismos com ADN idêntico torna-se o alvo ideal dos parasitas e dos predadores. Por estes motivos, a seleção

natural também recompensou a inovação, que é a tendência que a vida tem para descobrir novos nichos ecológicos e novas fontes de energia. “ (Johnson, 2010, p. 104)

“O segredo da inspiração nas organizações é construir redes de informação que deixam as intuições sobreviver, dispersar-se e recombinar-se.” (Johnson, 2010, p. 123)

“Onde haja zonas urbanas animadas e populares, o que é pequeno excede em quantidade o que é grande.” (Johnson, 2010, p. 153)

4.4. Síntese do Conhecimento Logístico

Mas para o interior do cérebro, mais perto do tronco cerebral – onde se juntam cérebro e medula espinal –, estão as estruturas mais antigas e primitivas. São elas que controlam os comportamentos automáticos, como a respiração ou a deglutição, ou a reação de surpresa que temos quando alguém salta de trás de um arbusto”. (Duhigg C. , 2015, p. 37)

“Os hábitos emergem, dizem os cientistas, porque o cérebro anda sempre à procura de maneiras de se esforçar menos.” (Duhigg C. , 2015, p. 42)

“As deixas – determinadas árvores ou esquinas, ou a colocação de certos marcos de correio – eram as mesmas de cada vez que saía, e, assim, embora não conseguisse reconhecer a sua casa, os hábitos guiavam-no sempre de volta à sua porta. Explicavam, também, porque é que Eugene tomava o pequeno-almoço três ou quatro vezes por dia, mesmo sem apetite. Desde que estivessem presentes as deixas certas – como a rádio ou a luz a entrar pela janela –, ele seguia automaticamente o guião ditado pelos gânglios basais.” (Duhigg C. , 2015, p. 49)

“[...] hábitos têm força, mas são frágeis. Podem emergir inconscientemente ou por deliberação. Ocorrem muitas vezes sem a nossa permissão, mas podem ser alterados mediante manipulação dos seus componentes. Conformam as nossas vidas muito mais do que poderíamos supor, sendo, aliás, tão poderosos que podem levar o nosso cérebro a agarrar-se a eles com exclusão de tudo o resto, incluindo o bom senso.” (Duhigg C. , 2015, p. 51)

“os consumidores precisam de algum tipo de sinal de que o produto é eficaz” (Duhigg C. , 2015, p. 90)

Os hábitos – chave dizem-nos que o sucesso não depende de pôr a funcionar bem uma coisa só, antes resulta de se identificar determinadas prioridades e de as transformar em alavancas de mudança. (Duhigg C. , 2015, p. 137)

«As pequenas vitórias são a aplicação consistente de uma pequena vantagem», escreveu em 1984 um professor da Cornell. «A obtenção de uma pequena vitória desencadeia forças que favorecem a pequena vitória seguinte.» As pequenas vitórias alimentam mudanças transformadoras porque criam padrões de pequenas vantagens que convencem as pessoas de que outras realizações maiores estão também ao seu alcance. (Duhigg C. , 2015, pp. 150 - 151)

“Há alguns anos, o físico teórico Geoffrey West decidiu investigar se a Lei de Kleiber se aplicaria a uma das maiores criações da vida: os superorganismos que são as cidades construídas pelos humanos. O «metabolismo» da vida urbana abrandaria à medida que as cidades cresciam de tamanho? Haveria um padrão subjacente ao crescimento e ao ritmo de vida dos sistemas urbanos? [...] West reuniu uma equipa internacional de cientistas e de consultores, para recolher elementos relativos a dezenas de cidades de todo o mundo, fazendo as contas a tudo o que podia ser quantificado, dos crimes ao consumo elétrico, das novas patentes à venda de combustíveis.

Quando, finalmente, estudaram os números, West e a sua equipa ficaram maravilhados quando descobriram que a escala de quarto de potência negativo regia o crescimento em energia e transportes da vida na cidade. “ (Johnson, 2010, p. 19)

“E também, uma metáfora para os padrões evolucionários do mundo biológico. As inovações da natureza também se apoiam em peças de substituição. E evolução avança graças ao aproveitamento dos recursos disponíveis e à sua combinação para gerar novos usos” (Johnson, 2010, p. 37)

“As boas ideias não nascem do ar mas são construídas a partir de uma coleção de componentes que já existem, cuja composição se expande (e, ocasionalmente, se contrai) com o passar do tempo.” (Johnson, 2010, p. 43)

“Os problemas deste género não revelam, em geral, o seu adjacente possível de uma forma tão clara e tangível. Ter uma boa ideia é, em parte, descobrir quais são essas peças a que podemos recorrer e ter a certeza de que não estamos apenas a reciclar velhos componentes. [...] O truque para ter boas

ideias não é ficar sentado, num isolamento glorioso, a tentar pensar em grandes coisas. O truque consiste em pôr mais coisas em cima da mesa.” (Johnson, 2010, p. 50)

“Numa rede caótica de baixa densidade, as ideias vão e vêm. Nas redes densas das primeiras cidades, as boas ideias tiveram uma tendência natural para começarem a circular. Derramam-se, de seguida, e é através desse derrame que são conservadas para as gerações futuras. [...] As redes fluídas de alta densidade tornam mais fácil o aparecimento da inovação mas também servem a função essencial de armazenarem essas inovações. Antes da escrita, antes dos livros, antes da Wikipédia, a rede fluída das cidades preservou a sabedoria acumulada da cultura humana.” (Johnson, 2010, pp. 59 - 60)

“. [...]o instrumento mais produtivo para gerar boas ideias continua a ser um círculo de seres humanos à volta de uma mesa, a falarem sobre o trabalho que estão a fazer.” (Johnson, 2010, p. 66)

“O excesso de população, afinal, tem os seus próprios perigos e uma comunidade de organismos com ADN idêntico torna-se o alvo ideal dos parasitas e dos predadores. Por estes motivos, a seleção natural também recompensou a inovação, que é a tendência que a vida tem para descobrir novos nichos ecológicos e novas fontes de energia. “ (Johnson, 2010, p. 104)

“[...] momentos felizes é o facto de a descoberta que fazemos se revestir de significado para nós. Ela completa uma intuição ou abre uma porta no adjacente possível em que não tínhamos reparado. (Johnson, 2010, p. 106)

“o segredo da inspiração nas organizações é construir redes de informação que deixam as intuições sobreviver, dispersar-se e recombinar-se.” (Johnson, 2010, p. 123)

“Os estilos de vida e os interesses que se desviam do mainstream precisam de massa crítica para sobreviverem. Nas comunidades mais pequenas são atrofiados não porque essas comunidades sejam mais repressivas mas, principalmente, porque as possibilidades de encontro de pessoas que pensam da mesma maneira são muito mas reduzidas num conjunto mais reduzido de indivíduos. [...]

Onde haja zonas urbanas animadas e populares, o que é pequeno excede em quantidade o que é grande.” (Johnson, 2010, pp. 152-153)

“Não é tanto uma questão de pensar fora do espaço limitado como de permitir que a mente se mova através de vários espaços. Esse movimento, de espaço em espaço, força a mente a abordar através de novos ângulos o problema das barreiras que encontra pelo caminho ou a ir tomar de empréstimo ferramentas de uma dada disciplina para resolver problemas noutra.” (Johnson, 2010, p. 164)

“Os ataques de pânico funcionam aqui (e noutras situações semelhantes) como um travão automático que a natureza colocou ao nosso dispor.” (Abreu, 2016, pp. 32 - 33)

“Não pense nem fale naquilo que se passou, aos outros ou a si próprio (cuidado com as palavras: passar de um acontecimento à sua narração por palavras é a melhor maneira de o fazer perdurar na memória).” (Abreu, 2016, p. 83)

“É pena que os cientistas não estudem a relação entre as modalidades respiratórias e o nosso comportamento sentimentos. Mas você pode fazer experiencias e tomar lições práticas. Vai ver que, imitando o modo de respirar de uma pessoa emocionada, consegue representar a sua emoção, e mesmo senti-la.” (Abreu, 2016, pp. 84 - 85)

“Os doentes não aprendem: estão sempre a fazer o que sempre fizeram. Para aprender, é preciso, antes de mais, lembrar-se do que se passou. As estratégias de esquecimento são próprias dos histriónicos depois, é preciso assumir o erro e a derrota, coisa que os obsessivos ou os paranoides nunca assumem, se passar por um período de tristeza, isso é perfeitamente natural e ajuda-o a pôr em causa os seus

hábitos antigos. Mas se resolver a coisa com antidepressivos, lá se vai a oportunidade que a natureza lhe ofereceu para elaborar as suas defesas. Finalmente, é necessário assumir a completa responsabilidade pelo que se fez. Se lhe arranjam a desculpa de uma qualquer doença, ficará convencido de que tudo se resolverá de uma maneira mágica quando a doença lhe passar, e nunca lhe passará pela cabeça que o assunto está debaixo do seu controlo.” (Abreu, 2016, pp. 143 - 144)

“Encontrar os outros é, fundamentalmente, partilhar alguma coisa com eles. Estamos a falar dos bens partilhados, daqueles que nos especializámos em produzir e trocar no mercado, mas também dos objetos culturais, das palavras, dos gestos, dos rituais, dos sorrisos e dos afetos, seguindo as regras que os antepassados nos legaram.” (Abreu, 2016, p. 144)

F a s e

2

Esta segunda fase, corresponde à apresentação, construção e idealização de conceitos. Tal é permitido, devido ao conhecimento recolhido na fase anterior. Conhecimento esse que se baseia na combinação e recombinação de ideias, princípios ou conceitos, que irão ser apresentados no subcapítulo seguinte.

Nesta fase, inicialmente será disposto um mapa que recolherá todas as obras mencionadas na fase um, bem como capítulos ou pequenas citações que transmitam o seu conteúdo.

O Mapa circular, será dividido em quatro quadrantes, onde cada um desses quadrantes corresponderá a um determinado conhecimento. Esta disposição irá permitir a visualização clara, das ligações ou conjugações de capítulos, que possibilitará a criação de conceitos que serão futuramente apresentados.

Cada um dos conceitos elaborados terá na sua génese um conjunto de citações que o sustentará e um conjunto de imagens conceptuais e de objetos ou espaços que o validará.

A metodologia selecionada, propõe a combinação de ideias, oriundas de Conhecimentos diferentes, de forma a possibilitar a criação de um conceito cujo conteúdo, seja validado através da sustentação de áreas distintas.

5.1. Mapa de Triangulações

CONHECIMENTO CULTURAL

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

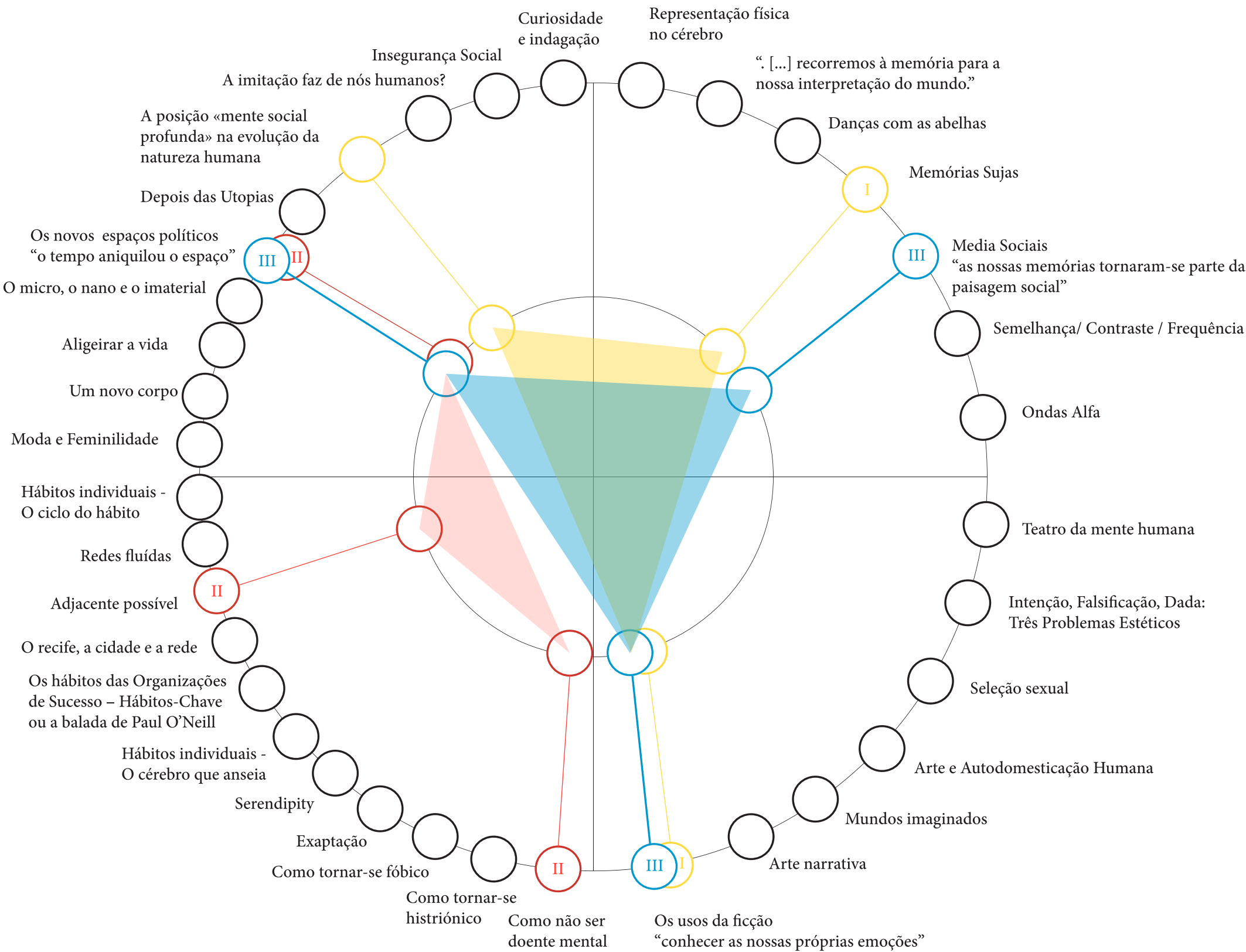


Figura 1

5.2. Triangulação A

5.2.1. Citações da Triangulação A

Conhecimento: Cultural

Livro: O que nos torna Humanos

Capítulo X – A Posição «mente social profunda» na evolução da natureza humana

“[...] os conteúdos das mentes humanas maduras são maciçamente moldados por aquisições culturais – nem as variações regionais mais extensas em tradições visíveis entre animais podem ser comparadas à mesma escala (Whiten e Boesch, 2001). Assim, as mentes humanas são também profundamente sociais no sentido em que grande quantidade do conhecimento que acumulam (o «saber como» e o «saber que») é adquirida socialmente, a partir de outras mentes. Sperber (1996) descreveu a cultura humana com uma «epidemia de representações», destacando assim a forma como as representações mentais saltam e se multiplicam entre um cérebro e aqueles que as adquirem. Por conseguinte, deve haver uma relação importante entre o modo como a transmissão cultural e a leitura da mente ilustra a mente social profunda: a «epidemia» de Sperber refere-se ao modo como os conteúdos de uma mente são lidos noutra (ou, no caso do ensino e da doutrinação, deveríamos talvez dizer «escritos» noutra mente). (Pasternak, 2009, p. 136)

Conhecimento: Experimental

Livro: Arte e Instinto

Capítulo VI – Os Usos da ficção

“As obras de arte podem ser incorporadas como objetos físicos – esculturas de pedra ou telas pintadas, pontos pretos feitos de tinta em papel ou pixéis em ecrãs de computador, ou ondas de ar vibratório que os instrumentos musicais produzem para estimular os mecanismos do ouvido interno. Mas considerados, estritamente, enquanto objetos que proporcionam uma experiência estética, as obras de arte não acontecem no mundo, mas no teatro da mente humana.” (Dutton, 2010, p. 175)

Conhecimento: Científico

Livro: Ilusão da Memória

Capítulo II – Memórias Sujas

“Quase nunca interpretamos apenas um objeto isolado, mas, pelo contrário, recorremos à memória para a nossa interpretação do mundo.” (Shaw, 2016, p. 54)

5.2.2. Conceito

O ser-humano é profundamente social, e muito do conhecimento que adquire é através das interações com outros seres humanos. Sperber (1996) descreveu a cultura humana com uma «epidemia de representações», destacando assim a forma como as representações mentais saltam e se multiplicam entre um cérebro e aqueles que as adquirem (Pasternak, 2009).

Por outro lado as obras de arte enquanto objetos que proporcionam uma experiência estética, as obras de arte não acontecem no mundo, mas no teatro da mente humana (Dutton, 2010). Desta forma, podemos considerar que são algo que ocorre através da interpretação pessoal, algo que estimula a mente e é percebida no íntimo de cada um. E considerando que quase nunca interpretamos apenas um objeto isolado, mas, pelo contrário, recorremos à memória para a nossa interpretação do mundo (Shaw, 2016) podemos afirmar que a nossa interpretação artística tende a alterar-se consoante o mundo que nos rodeia, isto porque, nunca interpretamos apenas um objeto isolado mas sim de toda a envolvência que acaba também por nos envolver.

5.2.3. Proposição

Só é possível a um objeto artístico promover a arte e estimular o íntimo social, se o espaço onde estiver inserido possibilitar a envolvência entre sociedades de forma a promover

partilhas, interações e representações de cada um dos indivíduos que compõe essas sociedades.

5.3. Triangulação B

5.3.1. Citações da Triangulação B

Conhecimento: Cultural

Livro: A Sociedade Invisível

Capítulo V – Os novos espaços políticos

“As categorias que nós utilizamos para explicar a certeza e o desconcerto são, na sua grande maioria, de carácter espacial. Carecer de um mapa, estar desorientado, sem referências no espaço, é a maneira mais habitual de descrever a incerteza.” (Innerarity, 2004, p. 101)

A ausência de referências espaciais tende a criar insegurança no ser humano. No entanto com a criação do termo «globalização», a presença de demasiadas referências espaciais, possibilita que o conhecimento que se tem sobre um determinado espaço possa não ser exato, devido a essa proliferação de referências. O espaço deixa de ser “. [...] uma dimensão silenciosa, um mero recipiente das nossas ações.” (Innerarity, 2004, p. 102) e se converte num “. [...] processo de virtualização que o converte, ao mesmo tempo e conforme for visto, numa coisa pouco menos que irreal e carregada de uma grande significação.” (Innerarity, 2004, p. 102).

Conhecimento: Logístico**Livro: As Ideias que Mudaram o Mundo****Capítulo - Adjacente Possível**

“A estranha e magnífica verdade sobre o adjacente possível é que os seus limites se alargam à medida que são explorados. Cada nova combinação empurra novas combinações para o adjacente possível. Pensemos [no adjacente possível] como numa casa que magicamente se expande a cada porta que se abre.” (Johnson, 2010, p. 39)

Conhecimento: Logístico**Livro: Como tornar-se Doente Mental****Capítulo VII – Como não tornar-se doente mental**

“Encontrar os outros é, fundamentalmente, partilhar alguma coisa com eles. Estamos a falar dos bens partilhados, daqueles que nos especializámos em produzir e trocar no mercado, mas também dos objetos culturais, das palavras, dos gestos, dos rituais, dos sorrisos e dos afetos, seguindo as regras que os antepassados nos legaram.” (Abreu, 2016, p. 144)

5.3.2. Conceito

A ausência de referências espaciais tende a criar insegurança no Ser Humano. De igual modo, a presença de demasiadas referências espaciais, possibilita que o conhecimento que se tem sobre um determinado espaço possa não ser exato, devido a essa proliferação de referências. O espaço deixa de ser uma dimensão silenciosa, um mero recipiente das nossas ações, enquanto as referências pertencentes à verdadeira cultura do organismo, encontram-se espalhadas no meio de tantas outras. (Innerarity, 2004)

Por outro lado, sabemos que, quando nos focamos e exploramos os limites do adjacente possível, conseguimos que estes se vão alargando progressivamente, como numa

casa que magicamente se expande a cada porta de que se abre, e em que cada nova combinação empurra novas combinações para o adjacente possível. (Johnson, 2010)

Neste contexto, e sendo que encontrar outros é fundamentalmente partilhar alguma coisa com eles (Abreu, 2016), podemos considerar que, ao transmitir a nossa cultura ao próximo dentro dos limites do adjacente possível, conseguiremos expandir o “organismo urbano”, mas mantendo as suas referências culturais bastante visíveis, e gerando assim um sentimento de segurança àqueles que nele habitam.

5.3.3. Proposição

Só é possível eliminar o sentimento de insegurança fruto da perda de conhecimento do espaço, se forem criadas referências espaciais e temporais, fruto da partilha e transmissão de cultura dentro dos limites do adjacente possível.

5.4. Triangulação C

5.4.1. Citações da Triangulação C

Conhecimento: Cultural

Livro: A Sociedade Invisível

Capítulo V – Os novos espaços políticos

“Há quem deduz disso que o tempo aniquilou o espaço (Harvey, 1990, 229), que vivemos numa sociedade atópica (Willke, 2001) na qual se produziu uma «bagatelização do lugar (Luhmann, 1997,152), a morte da distância. Os espaços mais decisivos são «não-lugares» (Augé, 1992), espaços de trânsito numa sociedade da qual, sem exagero, se pode falar de no sense of place (Meyrowitz, 1985).” (Innerarity, 2004, p. 111)

Conhecimento: Experimental

Livro: Arte e Instinto

Capítulo VI – Os usos da ficção

“A ficção fornece-nos, assim, modelos, mapas mentais para a vida emocional. Estes mapas, argumenta Carroll, devem ser «emocionalmente saturados e imaginativamente intensos». Por isso, a arte, é, pelo menos a este respeito, uma adaptação para os indivíduos porque ajuda-os a conhecer as suas próprias – isto é, caracteristicamente humanas – emoções e, por isso, ajuda-os a viver com o controlo das suas emoções em vez de serem controlados por elas.” (Dutton, 2010, p. 207)

Conhecimento: Científico

Livro: A Ilusão da Memória

Capítulo VIII – Media sociais

“Adoramos o nosso mundo em linha por causa do constante sentimento de ligação que nos fornece. Permite-nos o acesso a um fluxo quase ilimitado de informação acerca do mundo e fornece-nos um fórum para a partilharmos instantaneamente as nossas memórias e as nossas impressões acerca dele com outras pessoas. Por este processo de partilhas, as nossas memórias tornaram-se parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda.” (Shaw, 2016, p. 234)

5.4.2. Conceito

Na sociedade atual, em constante movimento, os não-lugares desempenham cada vez mais um papel fundamental na vida de cada indivíduo, num processo em que o “tempo aniquilou o espaço” (Innerarity, 2004). Nestes espaços sem referências, torna-se cada vez mais difícil potenciar a ficção, a qual nos fornece modelos e mapas mentais para a vida emocional, e a arte, adaptação que ajuda os indivíduos a conhecer as suas próprias emoções e características humanas, e com isso, viver com o controlo das suas emoções e não controlado por elas. (Dutton, 2010)

Neste contexto, urge criar as condições para que esses lugares permitam a construção de um sentimento de ligação, no qual partilhamos as nossas memórias e as nossas impressões, as quais se tornam parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda. (Shaw, 2016)

5.4.3. Proposição

Só é possível favorecer os lugares em prole dos não-lugares, se estes permitirem ao indivíduo a criação e partilha de modelos e mapas mentais, através do recurso a objetos e espaço capazes de captar e difundir memórias, tornando-as parte da paisagem social.

F a s e

3

Na terceira e última fase deste trabalho apresentaremos o desenvolvimento projetual, resultante do conceito baseado na triangulação selecionada.

Validaremos o conceito eleito, especificaremos o tipo de objeto escolhido que iremos desenvolver projetualmente e, posteriormente, apresentaremos estudos de formas, desenhos técnicos e imagens 3D da proposta de produto.

6. Seleção e Validação do Conceito

Neste capítulo proceder-se-á à seleção e validação do conceito selecionado, o qual será validado e materializado através de “Princípios Universais do Design, e de imagens que materializem ideias que, subsequentemente, suportam o projeto

6.1. Seleção

Das triangulações anteriormente apresentadas, optou-se por selecionar a “triangulação C” como ponto de partida para a elaboração do projeto.

Esta triangulação é definida pela seguinte proposição:

Só é possível favorecer os lugares em prole dos não-lugares, se estes permitirem ao indivíduo a criação e partilha de modelos e mapas mentais, através do recurso a objetos e espaço capazes de captar e difundir memórias, tornando-as parte da paisagem social.

Nesta triangulação considera-se que, na sociedade atual em movimento constante, os não-lugares desempenham cada vez mais um papel fundamental na vida de cada indivíduo, num processo em que o “tempo aniquilou o espaço” (Innerarity, 2004). Nestes espaços sem referências, torna-se cada vez mais difícil potenciar a ficção, a qual nos fornece modelos e mapas mentais para a vida emocional, e a arte, adaptação que ajuda os indivíduos a conhecer as suas próprias emoções e características humanas, e com isso, viver com o controlo das suas emoções e não controlado por elas. (Dutton, 2010)

Neste contexto, urge criar as condições para que esses lugares permitam a construção de um sentimento de ligação, no qual partilhamos as nossas memórias e as nossas impressões, as quais se tornam parte da paisagem social, um fluxo de consciência social que ao mesmo tempo moldamos e que nos molda. (Shaw, 2016)

6.2. Materialização

Partindo das diretrizes definidas no conceito selecionado, será desenvolvido o projeto de um objeto destinado à conexão entre este, o espaço, e a memória. Este objeto deverá conter nele registros formais e técnicos que possibilitam a quem o observa, o despertar de recordações, que por sua vez possibilita uma viagem ao seu íntimo. Este objeto deverá igualmente possuir uma forma de fácil percepção e compreensão, em que o detalhe seja uma componente visível.

Como o objetivo de materializar a proposição selecionada, operacionalizando-a para projeto, recorreu-se ao livro “Princípios Universais do Design”, com o objetivo de encontrar linhas de reflexão e ação.

Os princípios selecionados são:

6.2.1. Arquétipos

“Considere os temas e as formas arquetípicos em todos os aspetos do design – de forma e função a nome e marca. Como os arquétipos influenciam a percepção em nível subconsciente e basicamente afetivo, eles são especialmente úteis quando não há disponíveis métodos de comunicação convencionais (por exemplo, a linguagem). Tenha em mente que as reações a arquétipos específicos variam de uma cultura para outra e, portanto, devem ser testadas em públicos-alvo antes de serem utilizados.” (Lidwell, Holden, & Butler, 2011, pp. 28 - 29)

Por ser um objeto inanimado, é necessário que este influencie a percepção a um nível subconsciente, e que esteja ligado a cultura onde está inserido. É então através do princípio de “Arquétipos” que o objeto consegue influenciar o subconsciente afetivo de quem o vê.

6.2.2. Modelo Mental

“Crie designs tendo os modelos de interação dos usuários em mente. Se houver um modelo mental padrão sobre como algo funciona, tente criar um design que aproveite esse modelo. Quando isso não for possível (por exemplo, o sistema é novidade), crie uma experiência de interação que aproveite outros modelos mentais comuns tanto quanto possível (como a metáfora da área de trabalho nos computadores). No entanto, não complique o design apenas para aproveitar um modelo conhecido: é melhor que as pessoas aprendam um novo modelo, claro e consistente, do que tentem usar um modelo conhecido que é inadequado. Use os sistemas que você criar e empregue testes de laboratório e observação de campo para desenvolver modelos de interação precisos e completos. Acima de tudo, observe pessoas utilizando o design e preste atenção no modo como usam.” (Lidwell, Holden, & Butler, 2011, pp. 154 - 155)

De forma a ser percebido mais facilmente opta-se por utilizar forma que vão de encontro a modelos mentais já existentes, possibilitando a interação entre design e usuário. Nesta medida, é necessário que a função da peça vá ao encontro do modo como as pessoas se relacionam com a peça.

6.2.3. Narração

“Utilize a narração para fazer com que o público se envolva com o design, e para evocar respostas emocionais específicas ou criar um contexto elaborado que aprimora a aprendizagem. Quando a narração é usada com sucesso, o público sente e lembra os eventos da história com intimidade; ela se torna uma parte dos espectadores, um fenómeno exclusivo de narração”. (Lidwell, Holden, & Butler, 2011, pp. 230 - 231)

Sendo uma peça em que a narração se processará através dos arquétipos, é neste âmbito que se criará um envolvimento entre o público e o design, com o objetivo de desencadear uma resposta emotiva que despertará no íntimo do público, uma intimidade que o liga à peça.

7. Desenvolvimento de Projeto

Neste último capítulo, dedicado ao projeto, definir-se-á o problema, e proceder-se-á à aplicação no método projetual na procura e desenvolvimento de uma solução através de: análise de tipologias, estudos de formas, esboços, ergonomia, desenhos técnicos e imagens tridimensionais do produto desenvolvido.

7.1. Seleção

De acordo com a proposição selecionada, pretende-se desenvolver um conjunto de objetos que deverão conter nele registos formais e técnicos que possibilitam a quem o observa, o despertar de recordações, que por sua vez possibilita uma viagem ao seu íntimo. Estes objetos deverão igualmente possuir uma forma de fácil perceção e compreensão, em que o detalhe seja uma componente visível.

No seu desenvolvimento, deverão ser considerados valores como os “Arquétipos”, os “Modelos Mentais” e a “Narração”.

7.1.1. Análise

De acordo com as reflexões efetuadas no capítulo anterior, decidiu-se observar alguns bancos e cadeira tradicionais, arquétipos na sua área, que se constituem como modelos mentais e/ou conceptuais, criando uma narração que desencadeia uma resposta emotiva.

Para tal, selecionaram-se três parâmetros considerados como pertinentes neste contexto: Uso, Preensão e Técnica.

Por **Uso** entende-se a forma como o Homem interpreta a usabilidade do objeto. Para tal é necessário que a função das diversas zonas que compõem o objeto seja evidente: área para pegar, área de assento, área acionar um travão, etc.

Por **Técnica** entende-se a forma como o Homem percebe as características produtivas associadas ao objeto. Para tal é necessário que seja evidente não só o material e a tecnologia associada ao objeto, mas também a mestria do produtor, em “moldar” o material dentro dos seus limites técnicos.

Por **Preensão** entende-se a forma como o Homem percebe as zonas destinadas ao ato de agarrar, segurar ou apanhar. Para tal é necessário que as zonas destinadas a esta função sejam evidentes.

Através destes três critérios, analisaram-se diversos objetos, identificando as suas características nestes âmbitos, cujo resultado é possível de ser observado nos gráficos seguintes.

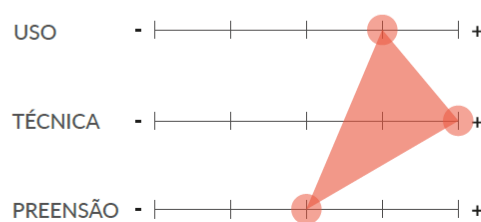


Figura 2

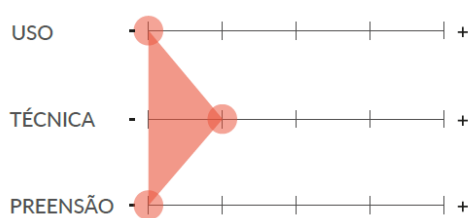


Figura 3

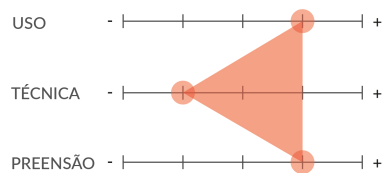


Figura 4

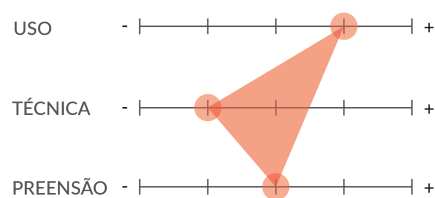


Figura 5

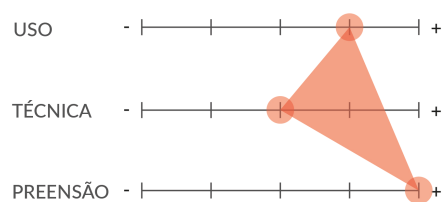


Figura 6

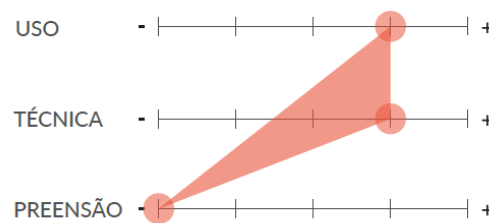


Figura 7

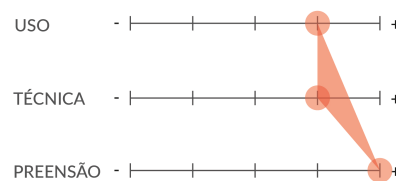


Figura 8

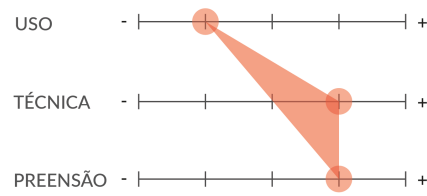


Figura 9

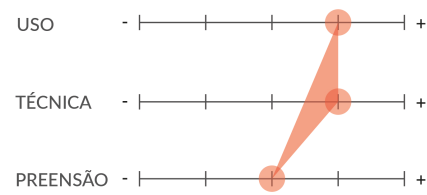


Figura 10

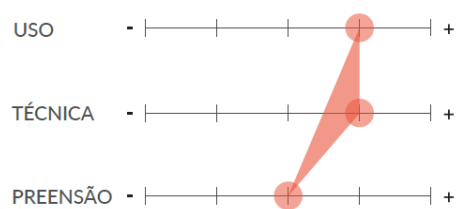


Figura 11

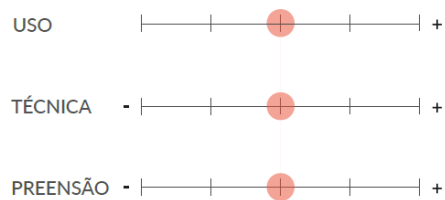


Figura 12

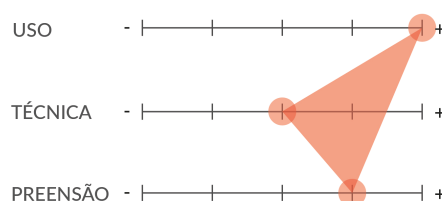


Figura 13

Desta análise, concluiu-se que a existência de objetos que possuam características orgânicas tende a permitir uma maior relação entre o indivíduo e o objeto. Objetos que contenham movimentos relacionados com o ato de sentar, nomeadamente, a curvatura no apoio dos braços, o banco curvo ou a inclinação do assento, tendem a transmitir com maior fiabilidade essa sensação. Constatou-se também que são poucas as peças que possuam áreas indicativas de uso, nomeadamente zonas de pegar. Apesar de existir diversas formas de criar cada uma destas peças, todas elas possuem a mesma base, ou seja, possuem pernas e uma base de assento pelo menos

7.2. Processo de Fabrico

Como processo de fabrico das peças a desenvolver, optou-se por recuperar a solução utilizado por Max Lamb² para o seu Pewter Stool.

Para a produção destes objetos, Lamb recorreu à praia como fonte para a produção das suas peças. Nesta, escava as cavidades necessárias que irão ser preenchidas com um metal de baixo ponto de fusão, deixando impresso na textura dos objetos, a memória do processo produtivo.

De forma a permitir o bom funcionamento deste método, é necessário a seleção de uma área de areia com uma taxa de compactação elevada – areia molhada por exemplo – mas com uma percentagem de húmida correta para permitir a ação de “escavar”, evitando o desabamento de areia para dentro do “molde”.

Necessariamente, as peças têm de apresentar características geométricas que facilitem a sua extração após o enchimento do molde.

Lamb cria diversas peças numa determinada praia, pois aquele local transmite-lhe lembranças da sua infância. Ao selecionar este local como “fábrica”, e ao permitir que o espaço fique “gravado” na pele do objeto, podemos afirmar que Max Lamb está a materializar as suas memórias num objeto. Ao utilizar o espaço para extrair o objeto, é possível alcançar a captação de emoções, utilizando as três variáveis (espaço, objeto, memórias) pois o resultado obtido desta ação permite que exista uma conexão entre o lado emocional, o espaço e o objeto. O facto da peça ser produzida num local, que confere memórias, e transparece-as através da sua textura, cria uma união que possibilita o registo na paisagem social.

² é um designer britânico [1] que combina métodos de design tradicionais - se não pré-históricos - com design digital. É conhecido por empregar abordagens altamente incomuns para usar materiais naturais



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17

7.3. Esboços

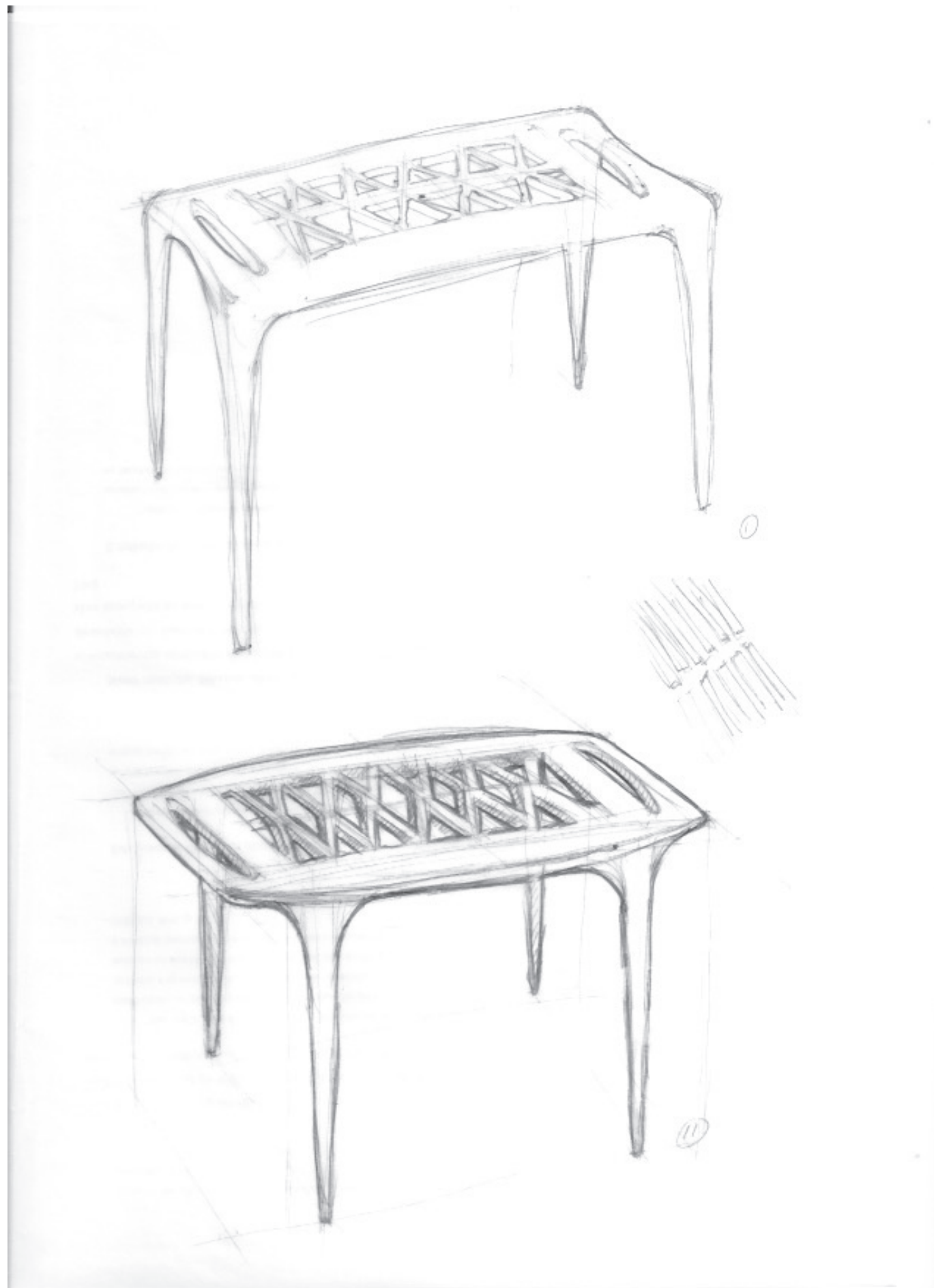


Figura 13



Figura 14



Figura 15

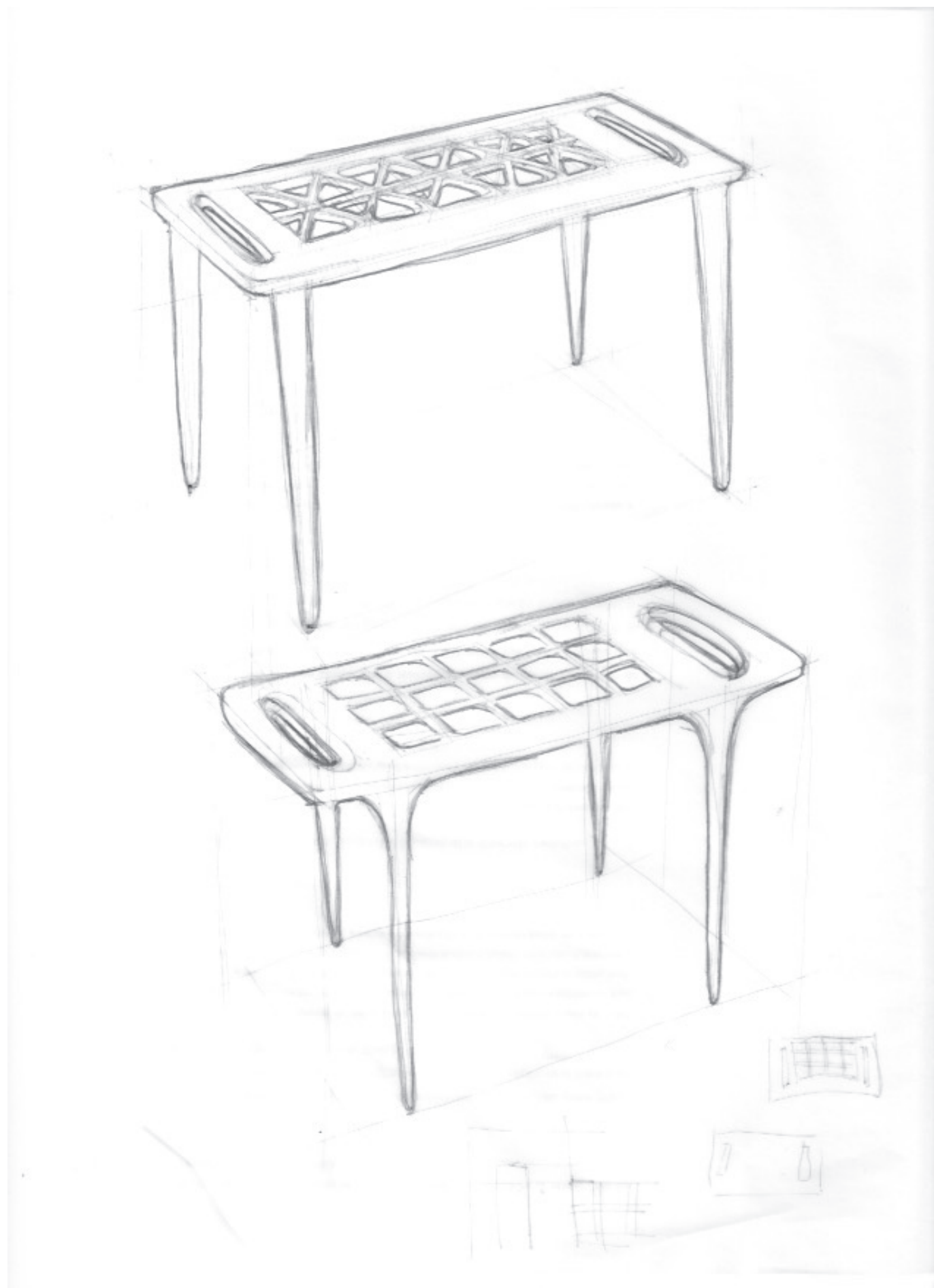


Figura 16



Figura 17



Figura 18

7.4. Desenho Técnico

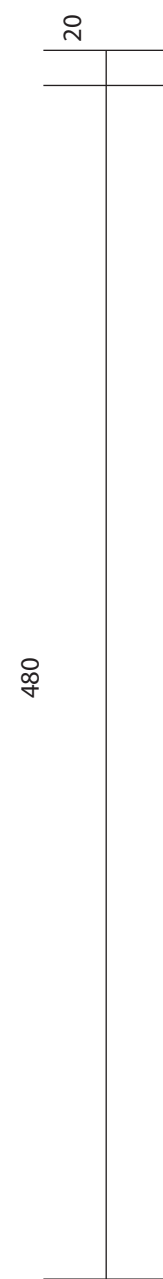
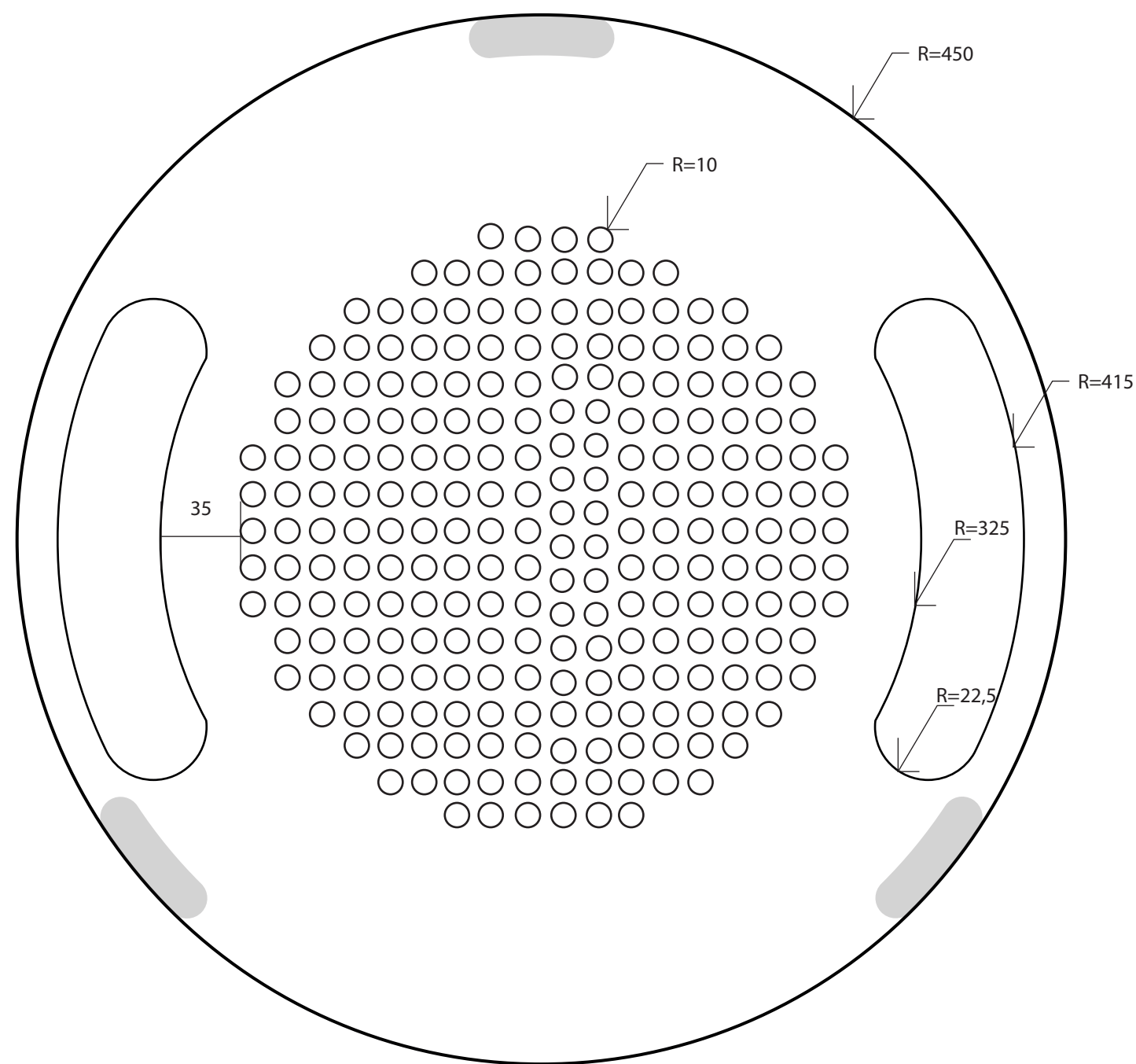


Figura 20

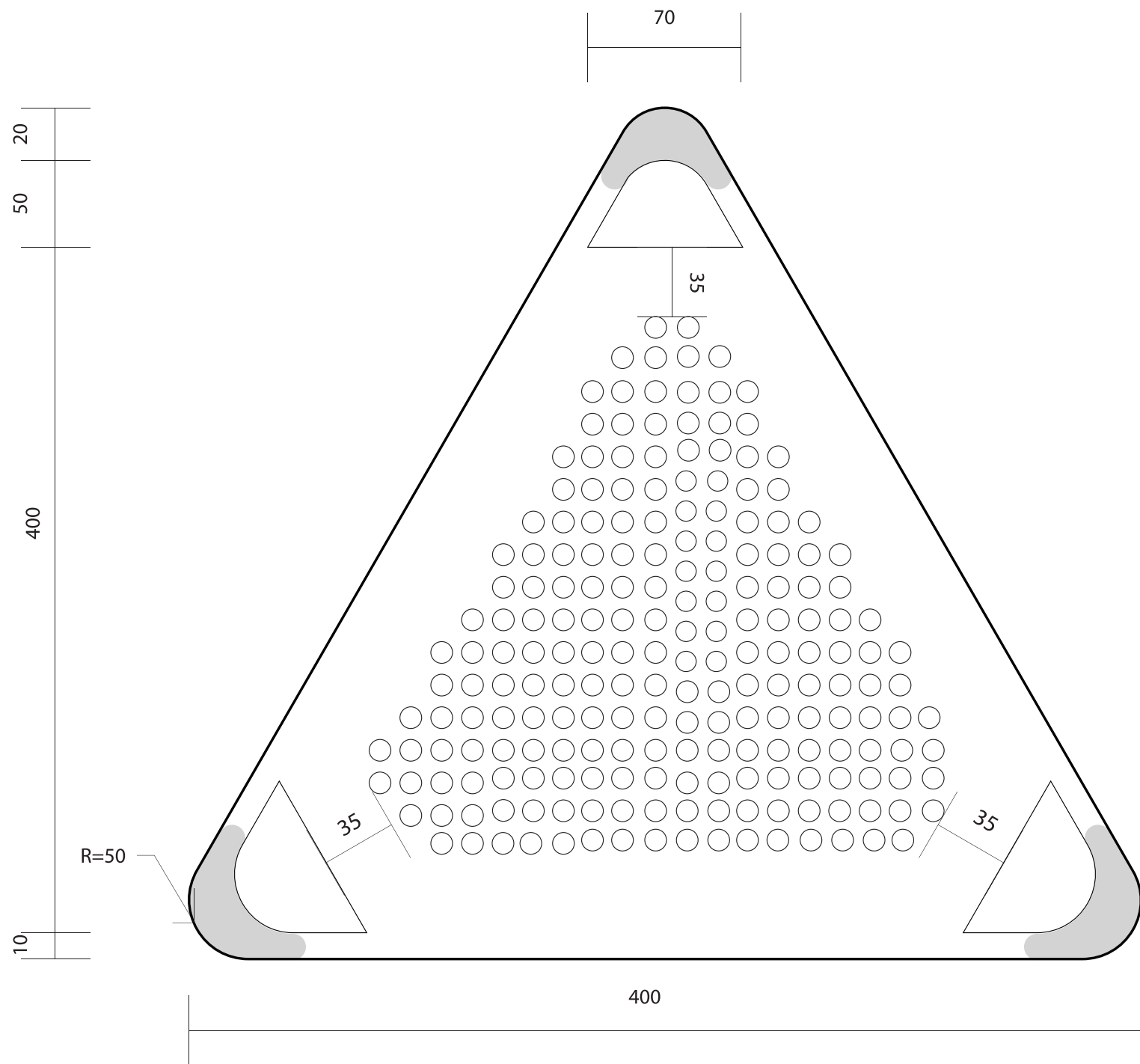


Figura 21

7.5. Visualizações Tridimensionais

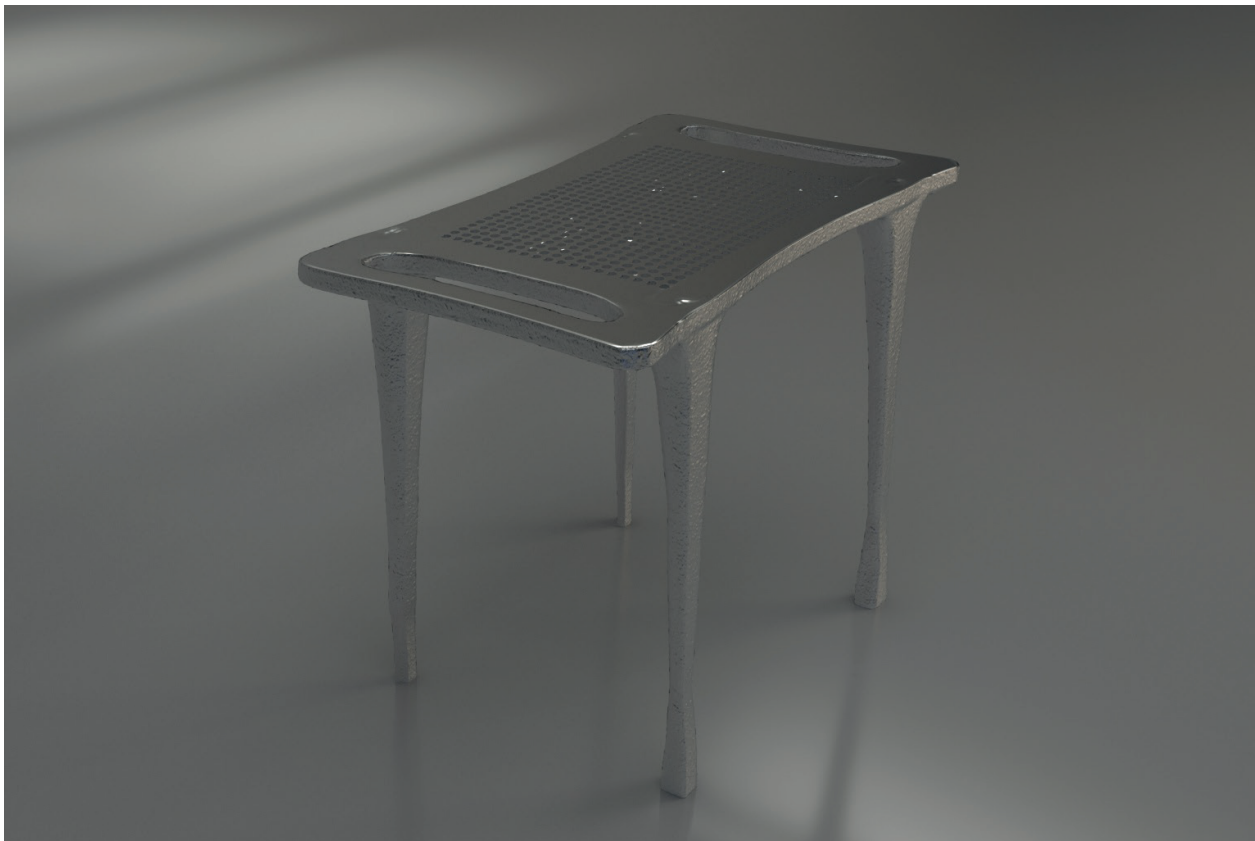


Figura 22



Figura 23

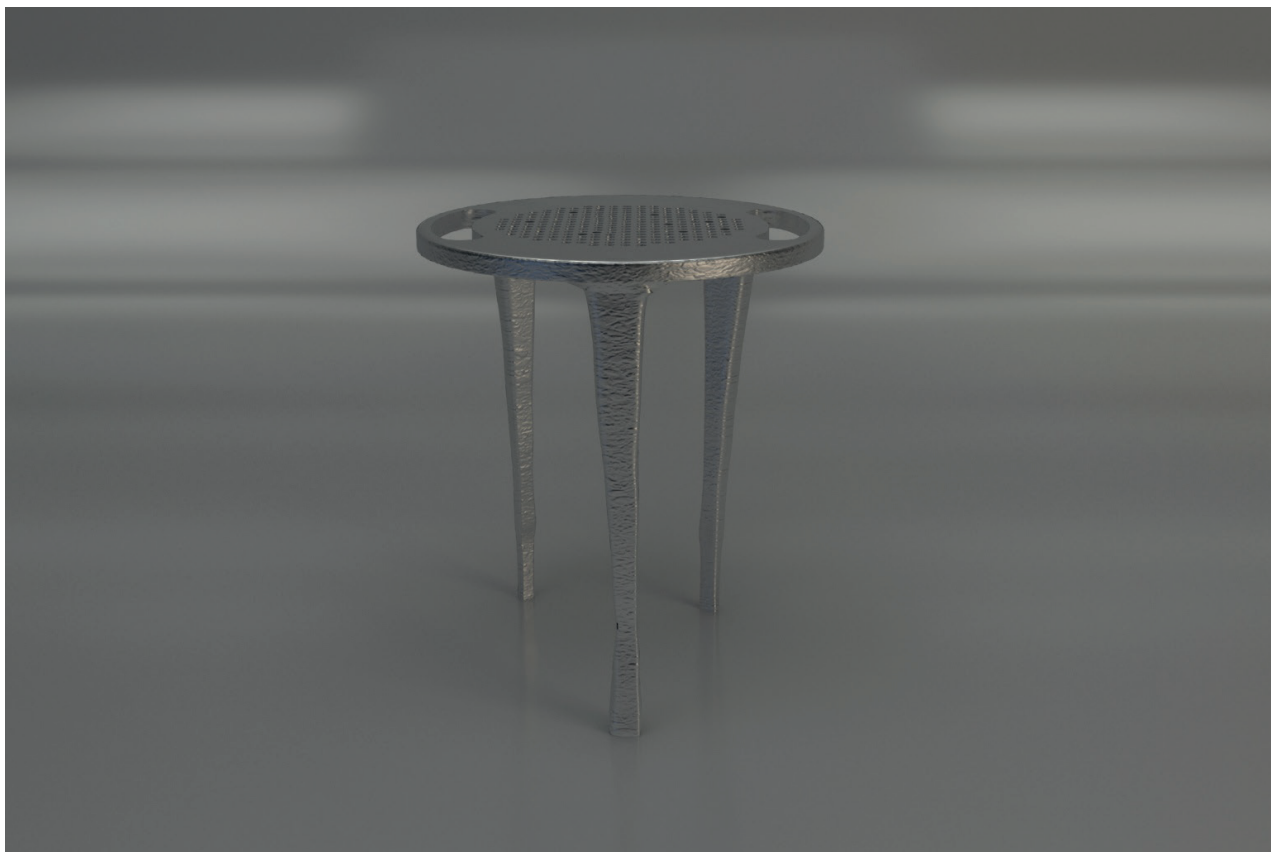


Figura 24



Figura 25

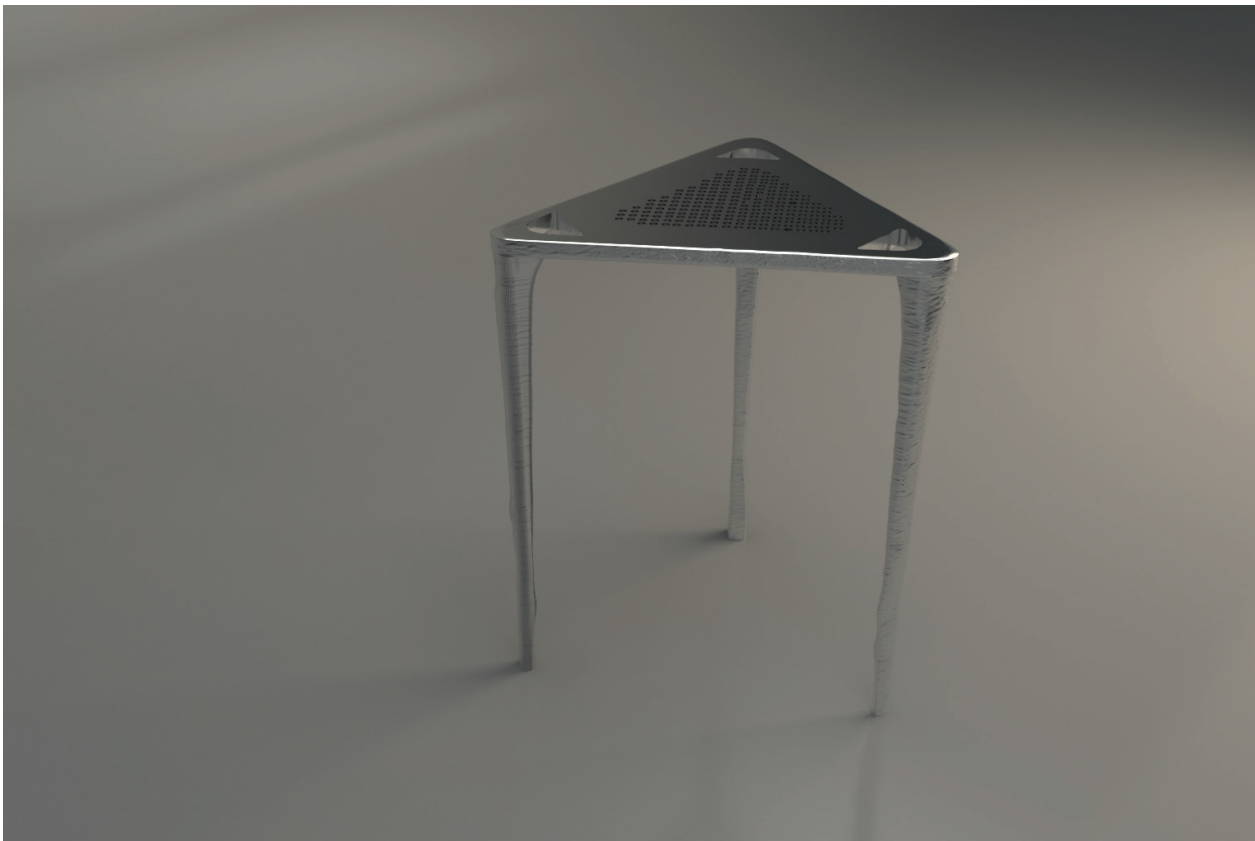


Figura 26



Figura 27

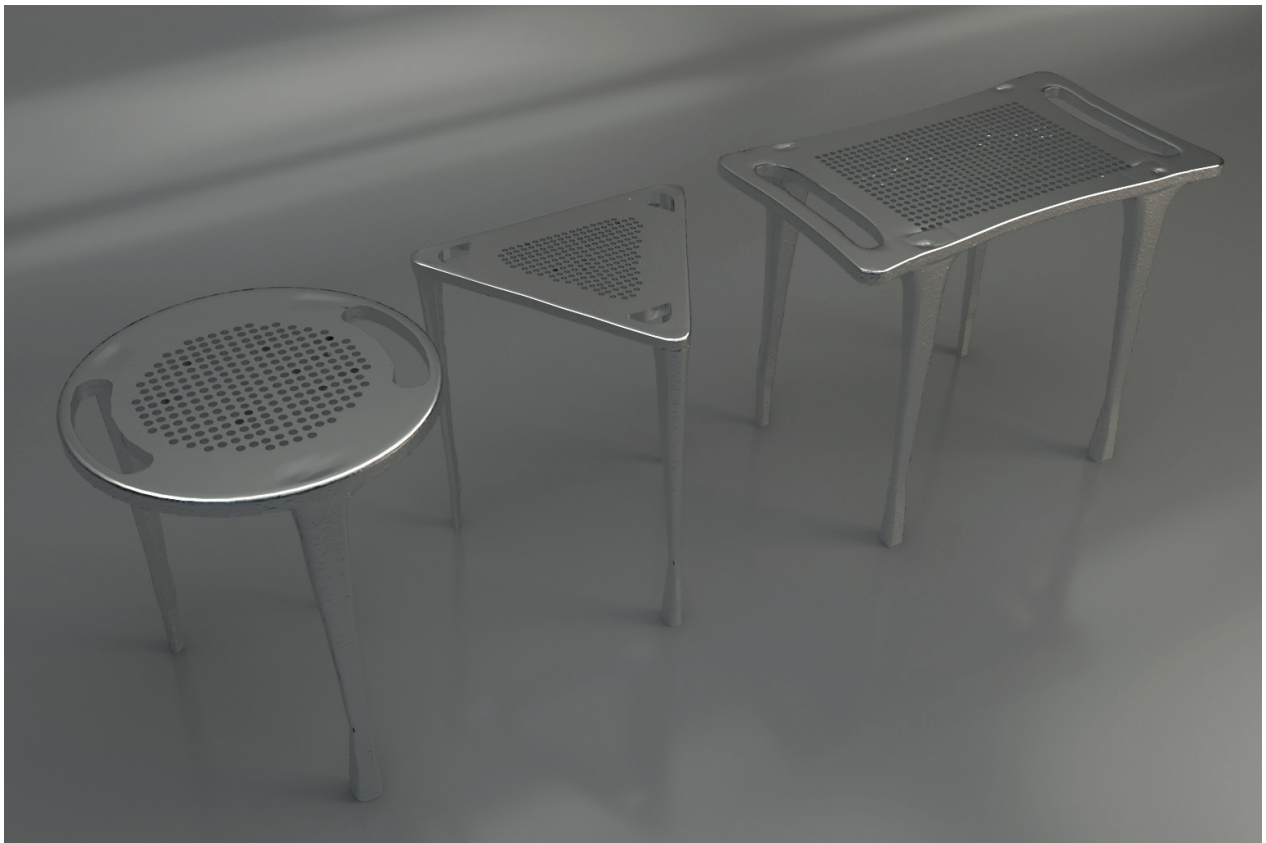


Figura 28



Figura 29

8. Desenvolvimento de Projeto

8.1. Conclusão

Ao longo da pesquisa desenvolvida para o presente documento, foram observadas diversas temáticas, que permitissem refletir sobre o problema em análise, com o objetivo de garantir o maior alcance possível. Para tal, foram consideradas temáticas sobre a cultura, a memória, a arte, a evolução do Homem, e relação entre o objeto e o espaço onde se insere., divididas em quatro áreas de conhecimento: Cultural, Científico, Experimental e Logístico.

Através de um processo de subtração de informação, e do recurso ao método das triangulações, foi possível sintetizar o conhecimento recolhido, traduzindo-o numa proposição. Esta considera que a ausência de referências espaciais tende a criar insegurança no Ser Humano, ao mesmo tempo que constata que a presença de demasiadas referências espaciais, possibilita que o conhecimento que se tem sobre um determinado espaço possa não ser exato, devido a essa proliferação de referências. O espaço deixa de ser uma dimensão silenciosa, um mero recipiente das nossas ações, enquanto as referências pertencentes à verdadeira cultura do organismo, encontram-se espalhadas no meio de tantas outras. (Innerarity, 2004) Paralelamente, quando nos focamos e exploramos os limites do adjacente possível, conseguimos que estes se vão alargando progressivamente, como numa casa que magicamente se expande a cada porta de que se abre, e em que cada nova combinação empurra novas combinações para o adjacente possível. (Johnson, 2010)

Neste contexto, e considerando que encontrar outros é fundamentalmente partilhar alguma coisa com eles (Abreu, 2016), podemos afirmar que, ao transmitir a nossa cultura ao próximo dentro dos limites do adjacente possível, conseguiremos expandir o “organismo urbano”, mas mantendo as suas referências culturais bastante visíveis, e gerando assim um sentimento de segurança àqueles que nele habitam.

Este foi o mote para o desenvolvimento de uma pequena família de objetos, possuidores de referências identitárias, que permitam ao indivíduo a partilha da arte através de objetos/ espaços que captem e partilhem memórias no meio social. Considerou-se

pertinente que estes objetos possuíssem uma forma de fácil percepção e compreensão, em que o detalhe fosse uma componente visível.

Para a sua criação, observaram-se alguns bancos e cadeira tradicionais, arquetipos na sua área, que se constituem como modelos mentais e/ou conceptuais, criando uma narração que desencadeia uma resposta emotiva. Esta avaliação recorreu a parametros considerados como pertinentes neste contexto: Uso, Preensão e Técnica.

Recorrendo à inspiração na técnica produtiva de Max Lamb para o seu Pewter Stool, e no qual Lamb escava na areia da praia, as cavidades necessárias que são posteriormente preenchidas com um metal de baixo ponto de fusão, deixando impresso na textura dos objetos, a memória do processo produtivo.

Desta forma, consideramos que estas peças, sendo capazes de captar e difundir memórias, tornando-as parte da paisagem social, permitirem ao individuo a criação e partilha de modelos e mapas mentais, favorecendo a apropriação simbólica do espaço, e a transformação de não-lugares, em lugares.

9. Bibliografia

9.1. Bibliografia

- Duhigg, C. (org.) (2016). *A Força do Hábito*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Dutton, D. (2010). *Arte e Instinto – Existirá uma predisposição genética para apreciar um romance de Jane Austen, uma canção de Sinatra ou um quadro de Seurat?*. Portugal, Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores
- Innerarity, D. (2009). *A Sociedade Invisível — Como observar e interpretar as transformações do mundo actual*. Lisboa: Teorema.
- Johnson, S. (2015). *As ideias que Mudaram o Mundo — A História Natural da Inovação*. Lisboa: Clube do Autor.
- Lipovetsky, G. (2016). *Da Leveza— Para um civilização do ligeiro*. Lisboa: Edições 70.
- Lidwell, W., Holden, K., & Butler, J. (2010). *Princípios Universais do Design*. Porto Alegre: Bookman.
- Pasternak, C. (2007). *O que nos torna Humanos?*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Shaw, J. (2016). *A Ilusão da Memória*. Lisboa: Temas & Debates — Círculo de Leitores.
- Abreu, J. L. (2006). *Como tornar-se doente mental* (24ª edição ed.). D. Quixote.

9.2. Webgrafia

<http://maxlamb.org/031-pewter-stool> - consultado a 25 de Junho 2017

9.3. Iconografia

https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/fs/cd3c9e20077893.562e520967473.jpg - recuperado em 22/10/2017 - 19:32

https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/fs/01232f20077893.562e52096cfd1.jpg - recuperado em 22/10/2017 - 19:33

<https://i.pinimg.com/736x/7c/45/13/7c4513412cb3c3360003b42c5ec87628--wooden-stools-wooden-benches.jpg> - recuperado em 22/10/2017 - 19:36

<http://minibrasildesign.com.br/imagens/produtos/10102/superzoom/10102.jpg> - recuperado em 22/10/2017 - 19:37

<http://www.designersraum.com/pictures/Boutique-Home-Furniture-Design-of-Japanese-Renzo-Stool-by-Made-Goods.jpg> - recuperado em 22/10/2017 - 19:38

https://a.1stdibscdn.com/archivesE/upload/f_9099/1471711024742/WegnerCaneStool_04_l.jpg - recuperado em 22/10/2017 - 19:40

<http://www.djmarks.com/wp-content/uploads/602-Contemporary-Dovetail-Beche1433963655397.jpg> - recuperado em 22/10/2017 - 19:41

[http://s7d2.scene7.com/is/image/DesignWithinReach/PD_7345_MAIN?\\$main\\$](http://s7d2.scene7.com/is/image/DesignWithinReach/PD_7345_MAIN?$main$) - recuperado em 22/10/2017 - 19:42

<https://i.pinimg.com/originals/cf/2d/ef/cf2def065cfb6e3d1f1e19678fa45659.jpg> - recuperado em 22/10/2017 - 19:43

https://a.1stdibscdn.com/archivesE/upload/1121189/f_44245731460034707853/4424573_l.jpg - recuperado em 22/10/2017 - 19:44

<http://i1.wp.com/jpdesign.org/wp-content/uploads/2012/06/13arf.jpg> - visitado 19:45

https://static.dezeen.com/uploads/2009/10/dzn_Karimoku-New-Standard-by-Isolation-Unit-9.jpg - recuperado em 22/10/2017 - 19:46

http://www.dwr.com/living-ottomans-benches-stools/tractor-stool/2477.html?lang=en_US - recuperado em 22/10/2017 - 19:48